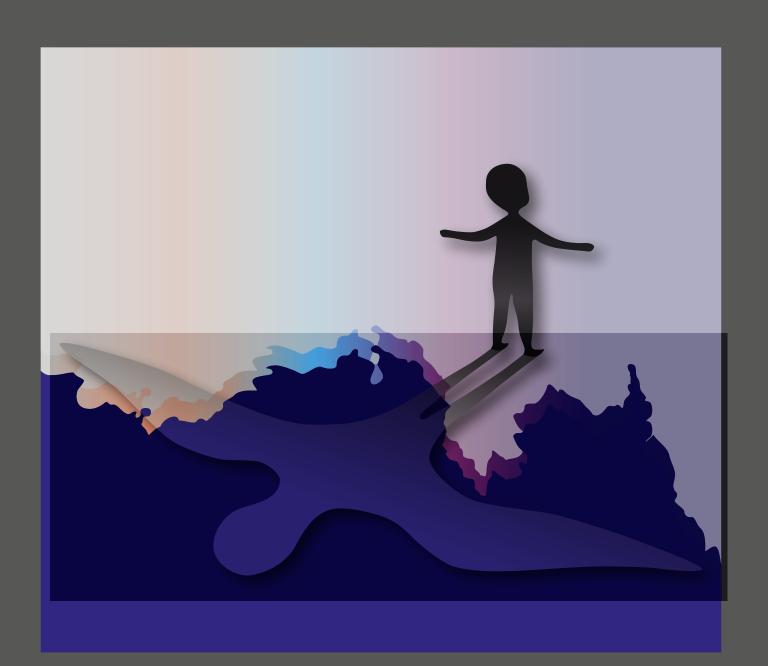
Uma cartografia-criança-migrante

Uma entrada: trabalho Uma condição: vulnerabilidade

Uma acolhida: escola

Gisele Dhein

Dra. Betina Hillesheim Orientadora



Apresentação da tese

Essa é uma tese que a leitura digital será diferente da leitura em mãos. A banca a recebeu conforme as fotos abaixo. Nessa versão digital a experiência cartográfica será outra, pelos índices interativos.

Se você encontrar uma *Trocha* ou





Boa leitura!









UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOUTORADO

Uma cartografia-criança-migrante.

Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola.

Gisele Dhein

Santa Cruz do Sul 2021 Gisele Dhein

Uma cartografia-criança-migrante.

Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Betina Hillesheim.

Santa Cruz do Sul 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Dhein, Gisele

Uma cartografia-criança-migrante. : Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola. / Gisele Dhein. - 2021.

156 f. : il. ; 29 cm.

Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Betina Hillesheim.

1. Migrações internacionais. 2. Crianças. 3. Cartografia. 4. Educação. I. Hillesheim, Betina. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gisele Dhein

Uma cartografia-criança-migrante.

Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola.

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado; Linha de Pesquisa - Educação, Cultura e Produção de Sujeitos; Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Dra. Betina Hillesheim Professora Orientadora - UNISC

Dr. Camilo Darsie de Souza Professor Examinador - UNISC

Dr. Mozart Linhares da Silva Professor Examinador - UNISC

Dra. Lílian Rodrigues da Cruz Professora Examinadora - UFRGS

Dr. Rodrigo Lages e Silva Professor Examinador - UFRGS

> Santa Cruz do Sul 2021

Às famílias que migram. Às infâncias-migrantes [que resistem].

Eu também quero que essa pandemia passe logo. E ensinar outro[s] mundo[s] para as crianças (Memórias roubadas).

Agradecer. Mostrar ou manifestar gratidão. Uma gentileza.

Inicio agradecendo àquela que abriu as portas para minha entrada na docência: Univates - Universidade do Vale do Taquari. Obrigada pelos desafios, pelas oportunidades e, principalmente, por tornar o doutorado possível. Infelizmente nem todo acesso à educação é público.

À Unisc - Universidade de Santa Cruz do Sul, principalmente aos(às) docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas trocas, pelos encontros e pelo acolhimento. Um agradecimento especial à Daiane Maria Isotton e à Mariele Fernandes Garcia, pelo carinho e atenção. E, ainda, aos(às) colegas da Turma 2017 e da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, pela convivência acadêmica.

Às colegas de trabalho Amanda Vettorello, Giovana Sinigaglia, Lidia Maria Erbes, Lydia Koetz Jaeger, Magali T. Q. Grave e Nathascha dos Santos Trindade; e aos colegas Felipe Albino Schmitz e Maurício Fernando Nunes Teixeira: para além de colegas, amigas e amigos. Obrigada pelo apoio, pelos abraços, pelas risadas e por tornar a vida mais leve e possível (principalmente numa pandemia).

À Sandra Veronica Barzallo Mora, pelo cuidado na produção do *abstract* e do *resumen* e pelo carinho ao longo do percurso da tese.

À banca examinadora, professora Dra. Lílian Rodrigues da Cruz, e professores Dr. Camilo Darsie de Souza, Dr. Mozart Linhares da Silva e Dr. Rodrigo Lages e Silva. De diferentes modos, cada um(a) produziu movimentos em minha *vida-pesquisadora*: alguns(umas) em sala de aula; outros(as) em conversas; outros(as) em viagens e cafés. Movimentos-afeto naquilo que se produz no *entre* - entre uma aula e outra, entre um encontro e outro, entre um abraço e outro. Enfim, uma banca-afeto!

Aos grupos de pesquisa da Professora Dra. Betina Hillesheim e do Professor Dr. Camilo Darsie de Souza, que para além dos encontros das terças-feiras pela manhã, movimentaram o *whatsapp* com ciência e política e filosofia e arte e ... muito, mas

muito acolhimento e afeto. Uma aposta no coletivo! Não farei menção nominal, para não esquecer ninguém. No entanto, em nome da Rita de Cássia Quadros da Rosa, que no caminho Lajeado-Santa Cruz do Sul-Lajeado muito *me desacomodou*, e do Douglas Weber, que para além de ser um ótimo parceiro de viagem [Portugal], sempre esteve preocupado comigo, querendo saber se havia chegado bem, se precisava de algo, agradeço novamente ao grupo: desacomodação e cuidado são linhas de composição *das terças-feiras*.

Ao grupo que foi a Portugal, *Templários*, em outubro de 2018: suportar uma espera entre um primeiro e segundo turnos de uma eleição, cujo resultado tem produzido muita tristeza e sofrimento - para ficarmos somente nos sentimentos - só poderia ser com vocês. Obrigada por tornarem um momento histórico tão *destruidor*, em possibilidade de encontro com linhas de fuga de potência de vida.

À Caroline da Rosa Couto, por *oficinar* comigo e com sua delicadeza e atenção produzir, para além de uma pesquisa, um encontro com crianças migrantes que deixou marcas significativas na produção desta tese.

À Daiane Kipper, colega da Turma 2017, que de *mansinho* fomos nos aproximando, vivenciando diferentes encontros com a educação: no projeto de formação de professores, intitulado *Base Nacional Comum Curricular: problematizando a Educação Básica*, na E.M.E.F. Menino Deus, como atividade da disciplina Pesquisa e Educação Básica, ministrada pelo professor Dr. Felipe Gustsack, no ano de 2018; nos corredores da Univates, sendo colegas de trabalho; em momentos de estudo coletivo, onde encontramos juntas os personagens conceituais, que foram nossas potências para terminar as teses em meio a uma pandemia e sobrecarga de trabalho como docentes. E, como amiga, compartilhando a vida.

À Letícia Aline Back, que me apresentou as migrações em Lajeado e, para além disso, tornou-se uma amiga em *tempo relâmpago*. Sensível, cuidadosa, afetuosa, vibrou comigo a cada passo da tese, dividiu quarto em Portugal - e roupa, quando sua mala foi extraviada e isso não a fez perder o sorriso em nenhum momento. Tomou muitos cafés e dividiu muitos almoços para me fazer companhia. Obrigada, Lê, por fazer comigo um percurso-afeto tão intenso.

À Vera E. da Costa Somavilla (e sua família). Desde a graduação me acolhendo como se não houvesse amanhã. Verinha, não tenho palavras para agradecer teu suporte - literalmente - nesses mais de vinte anos. Uma cama sempre me esperando, um sorriso e um abraço sempre presentes, e muitas horas de uma boa conversa.

Jamais esquecerei da minha primeira reunião como bolsista voluntária no Serviço Integrado de Saúde (SIS): você, Betina, Salete e Suzane. Eu, nervosa e pensando: estou fazendo ciência. Depois de vinte anos com certeza a concepção desse fazer ciência mudou. Mas foi ali que começou. Vocês carregam parte da culpa - uma culpa boa! - da minha escolha pela pesquisa, pela docência, pela educação.

Às amigas Suzana Feldens Schwertner e Alice Grasiela C. R. Chaves: duas incansáveis amigas e colegas - de trabalho e consultório - que tanto me ensinam e me cuidam. Vocês sabem o quanto dessa tese só foi possível pelo *suporte* de vocês. Obrigada!

À Adriana Rossetto Dallanora (e sua família): Adri, os laços de afeto e cumplicidade que construímos foram/são importantes também para a produção da tese. Vocês acompanharam todo processo, me cuidando - junto com o Dieter - e permitindo que esse sonho se tornasse possível. Que possamos seguir produzindo afeto e encontros e, ainda, que possamos romper e desconstruir muitas fronteiras juntas(os).

À orientadora, professora e amiga Betina Hillesheim. Betina, muito, mas muito obrigada por tornar o doutorado uma *linha de saúde mental*. Fazer esse percurso em meio a tantos desafios - principalmente do trabalho e da pandemia - e, mesmo assim, conseguir dizer que foram quatro anos e meio que eu com certeza repetiria, só foi possível graças a você. Você cuida com muito amor de suas orientandas, de seus orientandos. Meu desejo é que todos(as) pós-graduandos(as) possam viver o que eu vivi: doutorado não precisa ser sofrimento! Obrigada pelo carinho, pela amizade, pela sensibilidade e afeto. Obrigada por ter apostado em mim - desde 2001! Obrigada pelas oportunidades, pelas palavras, pelas trocas! Como já escrevi no agradecimento à Verinha, *vocês carregam uma culpa boa!*

À minha mãe, Marise Beatriz Fischer Dhein, e meu pai, Lauro Dhein (*in memoriam*), meu irmão, Fabrício Dhein e minha cunhada, Liliane Rodrigues. Agradeço ao amor, à aposta na educação e ao cuidado sempre presente. Vocês fazem parte dessa história! Muito de vocês estão nestas páginas. Obrigada!

A ele, Dieter Huebner. Nada disso seria possível sem você. Incansável. Você faz parte desta tese, da vida em torno dela também. Você acompanhou muitos dos trajetos percorridos. Você chorou comigo. Sorriu e vibrou também. Você apostou comigo. Você cuidou incondicionalmente de mim: me fazendo parar, quando passava dos limites; me fazendo ir além, pois sabia que eu podia mais. Cuidou de cada detalhe

para que esse sonho se tornasse realidade. Você viveu a invisibilidade das crianças comigo - e muitas vezes eu me tornei invisível, e você compreendeu. Obrigada por *encarar* mais essa etapa comigo. Amo você!

Em especial, a elas. Às famílias e crianças migrantes, que *produziram* comigo outros modos de viver o processo migratório. Obrigada pelas narrativas, pelas conversas, pelos afetos, pelos encontros. Espero, com a tese, minimamente, construir olhares sobre a migração que não sejam excludentes. Espero, com tese, minimamente, romper as fronteiras das várias faces que o preconceito encontra.

As crianças não se importam se você é brasileiro, se você é venezuelano, haitiano... elas não têm esse... elas gostam desse compartir. (Mãe do menino-pássaro)

Resumo I Abstract I Resumen

DHEIN, Gisele. Uma cartografia-criança-migrante. Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola. 2021. Orientadora: Profa. Dra. Betina Hillesheim. 156 f. il. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.

Uma cartografia-criança-migrante.

Uma entrada: trabalho; uma condição: vulnerabilidade; uma acolhida: escola.

Una Cartografía-crianza-migrante.

Una entrada: trabajo; una condición: vulnerabilidad; una acogida: escuela.

A child-migrant-cartography.

One entry: work; a condition: vulnerability; a welcome: school.

Resumo

Esta pesquisa busca compreender o que é possível no encontro entre crianças e migrações. A criação de um personagem conceitual, *menino-pássaro*, produzido a partir da análise de materiais de domínio público; entrevistas com três migrantes venezuelanas e dois argentinos(as); observações cotidianas em lugares onde migrantes estão presentes; dentre outros artefatos culturais cuja temática da migração seja foco, auxiliou na construção dos territórios da análise. Para tanto, a cartografia produzida tomou como intercessores especialmente Gilles Deleuze e Félix Guattari. O ponto de partida do mapa construído é a invisibilidade da criança migrante. Na busca por sua visibilidade, o trabalho - principalmente do pai/homem - se configurou como porta de entrada na paisagem brasileira. Nessa entrada, os trajetos percorridos pela família foram apontando para uma vulnerabilidade enquanto condição migrante e a escola como lugar de acolhimento da criança e da família. Uma infância-migrante em devir possibilitou a emergência de *uma* criança migrante, e a problematização das fronteiras que o processo migratório produz. Como efeito, *uma* criança que nos ensina outros modos de nos relacionar com as fronteiras.

Palavras-chave: Migrações internacionais; Crianças; Cartografia; Educação.

Resumen

Esta investigación busca comprender lo que es posible en relación con el encuentro entre niños y migraciones. La creación de un personaje conceptual, niñopájaro, producido a partir del análisis de materiales de dominio público; entrevistas con tres migrantes venezolanas y dos argentinos(as); observaciones cotidianas en lugares donde están presentes los migrantes; dentro de otros artefactos culturales cuya temática central sea la migración, quien ayudó en la construcción de los territorios del análisis. Para estos fines, se tomó a la cartografía producida como intermediadora, especialmente Gilles Deleuze e Félix Guattari. El punto de partida del mapa construido

es la invisibilidad de la crianza migrante. En la búsqueda por su visibilidad, el trabajo – principalmente del padre/hombre – se configuró como puerta de entrada en el paisaje brasileño. En esta entrada, los trayectos recorridos por la familia fueron apuntando a la vulnerabilidad como condición migrante, y a la escuela como lugar de acogimiento de la crianza y la familia. Una infancia-migrante que posibilita la emergencia de una crianza migrante, y la problematización de las fronteras que el proceso migratorio produce. Como efecto, una crianza que nos enseña otros modos de relacionarnos con las fronteras.

Palabras-clave: Migraciones Internacionales; Crianzas; Cartografía; Educación.

Abstract

This research seeks to understand what could come up with the encounter between children and migrations. The creation of a conceptual character, a child-bird, produced from public domain materials analysis; interviews with three Venezuelan migrants and two Argentines; daily observations in places where migrants are present; within other cultural artifacts whose central theme is migration, who helped with the territories construction analysis. For these purposes, the cartography produced was taken as an intermediary, especially the one from Gilles Deleuze and Félix Guattari. The constructed map started point is the migrant child invisibility. In the search for its visibility, the work - mainly the father's / man - was configured as a gateway into the Brazilian landscape. In this entry, the routes traveled by the family were pointing to vulnerability as a migrant condition, and to school as a shelter for the child and family. A migrant-child that makes possible the emergence of a migrant child, and the borders problematizations that the migratory process produces. As an effect, a child that teaches us other ways of relating to borders.

Keywords: International Migrations; Children; Cartography; Education.

Uma entrada e algumas coordenadas

Friedrich Nietzsche: roubando seus aforismos e inventando alguma partida. Suely Rolnik: roubando mais um pouco da sua capacidade de se fazer perguntas.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo.

(Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995, p. 48)

Rizoma. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) nos apresentam o rizoma para pensar a escrita, a pesquisa, a vida. Inspiram-se na biologia, na natureza, para metaforicamente romper com a lógica binária de explicar o mundo. Ao relacionarem a escrita - a produção de conhecimento - com a imagem da árvore e suas raízes, fazem uma crítica aos modelos de conhecimento que se pautam na construção de dicotomias. As raízes da árvore - muitas vezes num sistema radicular ou fascicular - e seu caule, pressupõem uma unidade de sustentação e uma ordem a ser seguida. "Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução" (p. 29). A essa lógica os autores se contrapõem, sugerindo o rizoma - a cartografia - como possibilidade ética de produção de conhecimento, de vida.

O rizoma emerge como imagem-pensamento para pensar a pesquisa, visto ele ser "estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda" (p. 29). O rizoma tem como principal objetivo ter múltiplas entradas. Diferente das árvores ou de suas raízes, "o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer" (p. 43) e os traços que surgem na ligação destes pontos não remetem necessariamente a traços de mesma natureza (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995).

Assim, nesta pesquisa, *roubo* o conceito de rizoma para construir territórios a partir do encontro entre crianças e migrações. Construí um mapa para auxiliar o percurso. Um mapa com possibilidades de entradas. Escolha a sua. Faça seu caminho. Deixe seu desejo se mover. Afinal, "é sempre por rizoma que o desejo se move e produz" (p. 32). Como efeito, a escrita também se faz rizoma. Talvez algumas passagens se repitam - lembrando que na repetição há diferença -, outras fiquem suspensas, outras sejam inventadas, outras narradas, outras criadas (Gilles Deleuze, 2018). Procuro *uma* criança-migrante. Você deve estar se perguntando: por que *uma* e não *a*? Ainda não é hora. Por ora, foque no menino-pássaro. Acompanhe ele. Ele vai guiar (e fazer perder). Ele vai auxiliar na busca. Ele também vai entregar algumas

trochas¹ ao longo do percurso. Que tal iniciar a caminhada encontrando a **Trocha 1**?

Mapa. É intenso. "Um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo. [...] Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos" (Gilles Deleuze, 1992, p. 47). Um mapa feito de:

Rotas. Ir de um ponto do rizoma ao outro. Ética.

Desvios. Mudança de caminho. Inesperado. <u>Vida</u>.

Caminhos. Passagens que ligam dois ou mais pontos do rizoma. Pesquisa.

Abismos. Precipícios. Íngremes. Fundos. Frequentemente inexplorados. Implicação.

Territórios. Apreendidos pelo olhar. Olhar alcança. Panorama. Invenção.

[Se precisar, pegue a *Trocha 2* ao longo do percurso.]

Um motivador para a construção do mapa.

O que é possível no encontro entre crianças e migrações?

Um roteiro de indagações.

- Que linhas de desejo emergem no percurso cartografado entre crianças e migrações? Quais relações elas estabelecem entre si?
- Quais os principais perigos encontrados no percurso? Como essas existências se relacionam com eles?
- Quais agenciamentos vitais se realizam numa cartografia criançamigrante? São agenciamentos de corpos humanos e não-humanos? Se sim, promovem prováveis desterritorializações?
- Nessas desterritorializações, o quanto essas vidas podem fazê-las,

¹ Atalhos, rotas que os(as) migrantes venezuelanos(as) utilizam para chegar até a fronteira com o Brasil. Desvios que conduzem a um lugar. Na língua portuguesa, trocha remete a reunir pertences mais íntimos em um invólucro. No percurso da tese, ambos significados podem ser escolhidos, conforme 'couber' em sua leitura.

sem que corram o risco de se fragilizar?

- Qual a potência de uma vida diante dos afetos que agenciam o processo migratório? Ou ainda, quais saídas podem ser inventadas para criar uma cartografia e possibilitar a visibilidade das intensidades que pedem passagem?

Uma tese. Proposição sustentada e defendida em público em escolas superiores. Nossa proposição: É no encontro dos territórios criança e migrações, que conseguimos desterritorializar as fronteiras produzidas nesse cruzamento e reterritorializar a experiência das migrações em infâncias-migrantes. Infâncias-migrantes que põem em movimento linhas de segmentaridade - como a escola, as condições de vulnerabilidade, o trabalho. Nosso pássaro sedentário. Mas também encontra linhas moleculares, linhas flexíveis - que dizem de outros modos de se relacionar com as instituições que o processo migratório encontra - escola, redes de acolhimento e as fronteiras. Nosso pássaro migrante. E, ainda, linhas de fuga, que rompem fronteiras pela potência das infâncias-migrantes. Nosso pássaro nômade.

[Rizoma] Três linhas, sendo uma linha nômade, a outra migrante, a outra sedentária (o migrante, de modo algum a mesma coisa que o nômade). Ou então haveria apenas duas linhas, porque a linha molecular apareceria apenas como oscilando entre os dois extremos, ora levada pela conjugação dos fluxos de desterritorialização, ora relacionada com a acumulação das reterritorializações (o migrante ora se alia ao nômade, ora ao mercenário ou federado de um império [...]). Ou então há apenas uma linha, a linha de fuga primeira, de borda ou de fronteira, que se relativiza na segunda linha, que se deixa parar ou cortar na terceira (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 159).

Por que construí um mapa? Porque procuro *uma* **criança-migrante**. Ele é constituído de Rotas, Desvios, Caminhos, Abismos e Territórios, que constituíram territórios. Ao tomar o mapa como rizoma, nele você encontra linhas duras - de segmentaridade e estratificação, linhas de desterritorialização e linhas de fuga. "O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995, p. 43).

ı

Roubo e encontro. Muito dessa tese se fez roubando. Roubando histórias. Roubando estórias. Roubando cenas do cotidiano. Roubando, até mesmo, afetos e sentimentos. "Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou fazer como" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 15). Roubando e encontrando, pois também é de encontros que uma escrita se constrói. "Encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo" (Silvio Gallo, 2008, p. 30). Não sei se produzi conceitos novos; talvez *aconteci* com os conceitos. Encontrei muitas e muitos; encontrei cenas, prédios, comidas, e tantas *coisas* abstratas. Encontrei sentidos, desvios, descaminhos. Encontrei criança com infância com migração e com adulto e com família e com escola e com trabalho e com segurança ... e com ... e com ... Desses roubos e encontros, escrevo uma narrativa de soma e não de exclusão. Uma narrativa que fixa no 'e' e não no 'ou'. Roubei Gilles Deleuze e Félix Guattari. E muito. E roubei tantos outros e tantas outras. Roubei para criar um menino-pássaro. Roubei para encontrar *uma* criança-migrante. Roubei para potencializar infâncias-migrantes.

Escrita. Como ato político. Toda escrita "é um ato político na medida em que afirma uma certa partição do sensível que dá forma à comunidade. Ao se escrever, se configura o comum e suas partes" (Walter Omar Kohan, 2016, p. 53). Escrita como possibilidade de vida. Escrita como existência. Em certas temáticas - como das migrações, "para aliviar dores e expandir esperanças" (Célia Linhares, 2016, p. 11). Essa tese talvez se apresente muito mais como um ensaio, como um texto que caminha em terrenos sinuosos, que desvia, que rodeia, que se atrapalha, mas que diz de uma pesquisadora curiosa, que se deixa levar pelos territórios, pelos caminhos, pelos desvios, pelos abismos e pelas rotas, para poder se aproximar dos territórios e, também, nessa travessia, poder desterritorializar-se e reterritorializar-se (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995). "O ensaísta não parte do nada, mas de algo preexistente, e parte sobretudo de suas paixões, de seu amor e seu ódio pelo que lê" (Jorge Larrosa, 2016, p. 25). Parte-se, assim, de *algo*. Uma leitura que passa pelos

"afetos que ped[iam] passagem" (Suely Rolnik, 2006, p. 23). Uma leitura de letras, de gestos, de cheiros, de sensações. Uma leitura de muitas e tantas coisas. Uma leitura da e pela diversidade, pelas múltiplas existências. Uma escrita que possa encontrar "alternativas e possibilidades que sejam afirmativas e possam compor com o indivíduo sem rotulá-lo, julgá-lo ou até mesmo excluí-lo de nossas práticas em função de sua diferença, por menor que ela possa parecer" (Gustavo de Almeida Barros, Silvio Ricardo Munari e Anete Abramowicz, 2017, p. 109). Um ensaio político em defesa das vidas; sejam elas migrantes ou não. Em defesa de vidas. É assim que essa escrita se faz. *Em se fazendo assim*, ela briga com a gramática, com a língua formal. Ela se modifica, se inventa, se desterritorializa. Ela *gaqueja* (Gilles Deleuze, 1997).

Conceito. "Sempre uma intervenção no mundo, seja para conservá-lo, seja para mudá-lo" (Silvio Gallo, 2008, p. 36). Seja para muitas coisas. Nessa tese, os conceitos *brincam*. Ao brincarem, não são universais e produzem *acontecimentos*, que são sempre singulares (François Zourabichvili, 2016 roubando Gilles Deleuze e Félix Guattari). Agenciadores para outros aprendizados do vivido, para ressignificação do mundo. Enquanto agenciamentos, não pressupõem verdades - que paralisariam o pensamento; a intenção é pôr a pensar e, desse modo, criar. É multiplicidade (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992; Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998). O conceito é um catalisador, um fermento, que "a um só tempo faz multiplicar e crescer as possibilidades de pensamento. Por isso cabe a ele ser interessante, mas não necessariamente verdadeiro" (Silvio Gallo, 2008, p. 48).

Ш

Método. A aposta é no rizoma. Na cartografia. Enquanto *aventura de pensamento*, tomamos <u>migrações internacionais</u>, <u>território</u>, <u>criança</u> e <u>infâncias</u> - principais conceitos desta tese - enquanto intercessores do percurso. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) anunciam que "[n]ão existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas" (p. 24). Linhas que dizem do encontro entre criança e migrações, cuja tentativa desta tese é mapeá-las. Os autores já carregavam o sentimento de que se não se enumeram certas características, não se convence ninguém. Logo, *roubamos* algumas

pistas que eles elencam ao apresentar o rizoma aos(às) seus(suas) leitores(as): (1) conexão e (2) heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro; (3) multiplicidade: o múltiplo tratado como substantivo, não mais numa relação com o uno; (4) ruptura assignificante: o rizoma pode ser rompido em qualquer parte; (5) cartografia e (6) decalcomania: "O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...] porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz" (p. 30).

Personagem conceitual. Acoplamento *intermezzo*. Personagem que brinca no mapa de "personagens rítmicos e paisagens melódicas" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p. 125). Personagem conceitual como agente de enunciação. "Os personagens conceituais têm [o] papel [de] manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento. Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento a aos traços intensivos dos conceitos" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 92). Um menino-pássaro. Nosso menino. O menino. A menino. É muitos. Ele nos conecta em sua viagem a algumas *figuras-tipo* (Suely Rolnik, 2006); figuras que o constituem; figuram que evidenciam singularidades e, como efeito, apontam para produções subjetivas do encontro entre crianças e migrações. Um menino em busca de infâncias.

Ш

Migrações. Internacional. Movimentação de pessoas. Sair de uma região geográfica para outra, para se fixar permanente ou temporariamente. Não é turismo. Criar vínculos em outro lugar. "Implica a transposição de fronteiras internacionais" (OIM, 2010, p. 42). Geralmente considera-se um ano ou mais de permanência para considerar uma migração internacional. "Imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil" (ONU, 2018, texto digital; Tatiana C. Waldman, 2018). Sujeito de outra nacionalidade que esteja com moradia provisória ou definitiva no território brasileiro. Imigrante e migrante tomados como sinônimos. Sem distinção conceitual. Refugiados

e refugiadas também se enquadram nesta categoria (Brasil, 2017). Uma vida. Vidas.

Crianças e Infâncias. Não são sinônimos (Phillipe Ariès, 1981; Sandra Mara Corazza, 2004a; Brasil, 1990, Walter Omar Kohan, 2011; 2015). Simples assim. [Mais] Uma tese que [talvez] apresenta esses lugares. Esses lugares no encontro com as migrações internacionais. Lugares diferentes, que se cruzam, mas também se distanciam. Aqui, nessa passagem, isso basta.

Território. Talvez um dos principais conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) que *roubamos* para pensar (e criar) o encontro entre crianças e migrações. Para os autores, as pessoas, os seres, organizam-se segundo territórios, "que se delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'" (Félix Guattari e Suely Rolnik, 2005, p. 388). Podemos pensar o território, também, como subjetivação. Logo, ele pode se desterritorializar, pode abrir-se em linhas de fuga. "O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos" (p. 388). Ou, ainda, os territórios - e seus movimentos de desterritorialização e reterritorialização - podem ser pensados, para além das questões filosóficas, como práticas sociais produtoras de subjetividades (Rogério Haesbaert e Glauco Bruce, 2002).

Intercessores e Intercessoras

Roubei Suely Rolnik

Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e ele jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.

(Gilles Deleuze, 1992, p. 160)

Pegue a Trocha 3 que está com você!

Se posso sugerir, leve ela ao longo da caminhada.

Alerta I

Alertando com Gilles Deleuze. A repetição para o autor não é entendida como repetição do mesmo. Toda repetição é uma repetição diferida. Ela guarda em si a diferença.

0

Coisas se repetem; repetem-se d i f е r е n С i а n d

23

-se.

Alerta II

Gilles Deleuze e Gisele Dhein. Os roubos são dele, os itálicos são meus. Acho que é isso.

Os roubos estão em itálico.

Roubam-se histórias e estórias.

Roubam-se lembranças (também de 'si mesma').

Roubam-se narrativas.

Rouba-se...

Abismo I. Uma vida.

Se a pesquisa não tem a ver com a vida que vivemos, então decididamente não faço e não quero fazer pesquisa.

(Walter Omar Kohan, 2016, p. 48)

Pode parecer contraditório ao rizoma. Entrada única. Determinante. Essa entrada é categórica, intencional e não abro mão dela. A pesquisa *precisa* ter a ver com a vida que vivemos. Uma pesquisadora-em-formação. Uma pesquisadora-em-formação, que traz a docência no ensino superior para cursos da saúde e seu fazer como psicóloga na bagagem. Não somente isso. Traz vidas, histórias, encontros e desencontros. Afinal, a sedentária que habita nela coloca em jogo suas concepções de crianças, migrações e infâncias. "Toda a segmentaridade dura, todas as linhas de segmentaridade dura envolvem um certo plano que concerne, a um só tempo, às formas e seu desenvolvimento, os sujeitos e sua formação" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 151). Concepções enraizadas, efeitos de subjetividades dos campos da Educação e da Psicologia, principalmente.

Criança não é sinônimo de infância.

Infância é inventada. É datada. É um sentimento sobre uma determinada idade, fase cronológica. Construímos em cada momento histórico o que podemos dizer sobre elas, sobre as crianças.

Pessoas migram. Precisam estar legais para morar no Brasil. Podem ser deportadas. Estados Unidos mandam embora. Mandam para casa. Como o Brasil faz? Sei mais do exterior do que do interior. Precisam estar legais.

(Memórias-da-pesquisadora nos séculos XX e XXI)

Memórias que anunciam lugares e significados. Significados que percorreram e em alguns momentos *atrapalharam* o percurso da pesquisa. Lugares que dizem de memórias, registros em diário de campo, entrevistas, notícias de jornais e portais virtuais, conversas informais, efeitos de leituras, músicas, filmes, viagens, museus,

exposições, fotografias... Instrumentos que compõem o *arquivo*² [*Trocha 4*³] que produziu a escrita da pesquisa (Leila Domingues Machado e Laura Paste de Almeida, 2016; Michel Foucault, 2004). Uma escrita que se faz em trajetória, que se faz no processo e que não pressupõe *a prioris*. Pressupõe implicação. Tanto a pesquisadora quanto quem ou o que será conhecido(a) encontram-se em um mesmo *plano implicacional* (Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos, 2010).

Falar em plano implicacional é remeter à análise dos *lugares* que ocupamos, ativamente, neste mundo e colocar em xeque esses lugares, que muitas vezes carregam o lugar do sagrado e do inquestionável, principalmente se emergem dos chamados especialistas. Ao realizar a análise das implicações, estamos analisando as marcas das máquinas binárias - que compõem as linhas de segmentaridade -, e das relações de saber-poder nas quais nos encontramos. Ou seja, nossas relações família-e escola; família-e trabalho, dentre tantas outras binariedades possíveis (Cecília Coimbra e Maria Lívia Nascimento, 2008; René Lourau, 1993; 2014). Afinal, "os segmentos dependem das máquinas binárias [...] e implicam dispositivos de poder" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 149-50).

Implicado sempre se está, quer se queira ou não, visto não ser a implicação uma questão de vontade, de decisão consciente, de ato voluntário. Visto não ser uma questão quantitativa, de intensidade, a implicação dá-se qualitativamente. É a relação que estabelecemos com as instituições que está em análise. É, principalmente, como as instituições operam em nossos atos [de pesquisa]. Por isso, que falamos em análise de implicação e não apenas de implicação (Cecília Coimbra e Maria Lívia do Nascimento, 2008).

Podemos aproximar a análise de nossas implicações à subjetividade. Pensar subjetividades em um espaço que não se configura no modelo cartesiano, linear, "implica na constituição de um sujeito que não é nem individual, nem coletivo, mas 'distribuído" (Carlos Antonio Cardoso Filho, 2016, p. 242). Sendo "forças, ações e cognições (p. 242) que circulam, não mais estando atreladas a um corpo individual, mas a humanos e não-humanos" (p. 242).

Carlos Antonio Cardoso Filho (2016) apresenta a subjetividade na relação tempo e espaço. "É no e pelo tempo que os sujeitos são de um ou de outro modo constituídos.

² Arquivo, para Michel Foucault (2004, p. 146), é o sistema que transforma enunciados discursivos em acontecimentos e em coisas.

³ Com certeza esse não é o arquivo completo. Nessa Trocha há alguns elementos que puderam ser capturados. Outros ficam no imaginário, a partir das narrativas.

O espaço desempenha um papel secundário, sendo da ordem de uma exterioridade considerada enquanto materialidade inerte e mecânica. Esta divisão entre tempo e espaço acaba reproduzindo a dicotomia sujeito/objeto que separa mente e corpo, materialidade e subjetividade" (p. 242). Logo, o desafio é pensar a subjetividade em um espaço não cartesiano, não linear. O desafio da tese se configura justamente nesse exercício.

Gilles Deleuze (1997) opera com tempo e espaço como estruturas da subjetividade e, assim, estruturas fundamentais da experiência. Interioridade e exterioridade são estruturadas pelo tempo e espaço.

É nesse sentido que o tempo, como forma imutável que já não podia ser definido pela simples sucessão, aparece como a forma de interioridade (sentido íntimo), ao passo que o espaço, que já não podia ser definido pela coexistência ou simultaneidade, aparece por sua vez como forma de exterioridade, possibilidade formal de ser afetado por outra coisa enquanto objeto externo [...]. Mas isso equivale a dizer que a exterioridade comporta tanta imanência (já que o espaço permanece interior ao meu espírito) quanto a interioridade comporta transcendência (já que meu espírito em relação ao tempo se encontra representado como outro distinto de mim) (p. 44-5).

A escolha dos operadores teórico-metodológicos que acompanham a pesquisa já remetem à análise de implicação. Migrações, infâncias, crianças e rizoma, para além de conceitos, são modos de existir; modos de fazer viver. São ato político, "implicado[a] sempre se está, principalmente quando tomamos esta análise enquanto dispositivo, que é sempre micropolític[o]" (texto digital). Colocar em análise nossos modos de existir a partir "de critérios imanentes, sem nenhum apelo a valores transcendentais" (texto digital). É estar atento(a) e tornar visível (e audível) as forças que nos constituem. Forças, muitas vezes, antagônicas, incoerentes. Outras, não. É poder escutar e olhar para as forças institucionais que nos constituem (Cecília Coimbra e Maria Lívia do Nascimento, 2008, texto digital).

Desse modo, o mapa, o rizoma produzido no percurso dessa pesquisa, constrói um plano de imanência que coloca em visibilidade e em enunciação afetos, necessidades, direitos e tantos outros elementos da vida que *pedem passagem* (Suely Rolnik, 2006). "O plano de imanência é como um corte no caos e age como um crivo" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 59). *Uma vida*, como afirma Gilles Deleuze (2002), inspirado em Dickens, que toma o artigo indefinido "como índice do transcendental" (p. 12).

O que é um campo transcendental? Ele se distingue da experiência, na medida em que não remete a um objeto nem pertence a um sujeito (representação empírica). Ele se apresenta, pois, como pura corrente de consciência a-subjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem um eu (Gilles Deleuze, 2002, p. 10).

Uma vida para além do bem e do mal, uma vez que era o sujeito que fazia das coisas boas ou más. Uma hecceidade, isto é, algo com características discretas que se tornam particulares: não mais individuação, mas singularização. "A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida..." (Gilles Deleuze, 2002, p. 14). Um menino-pássaro.

Vidas que migram por diversas razões. Vidas que migram por simplesmente querer se movimentar. Vidas que migram em busca de condições de trabalho ou financeiras melhores. Vidas que migram por questões climáticas. Vidas que migram por não ter segurança em seus lugares de nascimento. Vidas que migram por medo, por perseguição, por não poderem mais habitar *suas vidas*. Ou, simplesmente, vidas que migram.

Vidas que têm direito a migrar (ONU, 1948):

Artigo 13

- 1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
- 2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.

Artigo 14

- 1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
- 2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 15

- 1. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade.
- 2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Direitos adquiridos. Direitos conquistados após uma guerra - a II Guerra Mundial - que fez questionar o humano que habita em nós. Essa tese não se propõe a construir características morais às pessoas. Não é esse o objetivo. Essa tese se propõe, no entanto, partir da premissa que

(Diário de campo⁴, setembro de 2018)

Foi somente em setembro de 2018 que uma linha molecular (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998; Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012a) conseguiu se dobrar em meu caminho e romper com a molaridade da pessoa ilegal, que por décadas habitava meu discurso. Compreender que as pessoas circulam pelo mundo, que as fronteiras são criadas pelos *humanos*, carregadas de histórias, lutas, guerras, conflitos que muitas vezes não compreendemos e, como efeito disso, impedindo as pessoas - talvez as principais vítimas - de buscarem espaços seguros. Essa tese foca, no entanto, em um público específico. Um público que foi difícil encontrar.

As crianças migrantes são invisíveis.

(Orientação da tese, dezembro 2018)

Seguimos na busca de *uma* criança-migrante. Um menino-pássaro nos ajudará. Afinal, ele é muitos e muitas.

Uma.

"O artigo indefinido é o condutor do desejo" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012a, p. 31). Para os autores, o artigo indefinido não marca uma indeterminação. Só faltará determinação "se o aplicarmos a um sujeito determinável ou a uma forma ela própria indeterminada" (Betina Hillesheim, 2008, p. 126). Para produzir determinação, "introduzimos hecceidades, acontecimentos, remetendo a um agenciamento coletivo como condição" (p. 126). A potência do artigo indefinido efetua-se quando o termo que ele faz *devir*⁵ destitui-se "das caracteterísticas formais que fazem dizer *o*, *a*" (Gilles Deleuze, 1997, p. 12).

⁴ I Seminário Estadual sobre Migração e Refúgio: Impactos da Tendência Global no Rio Grande Do Sul, 2018. 5 De acordo com Deleuze e Guattari (1997), "[D]evir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele [...]. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento ou repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos" (p. 64).

Caminho I. Um início.

Provei a busca incansável por uma criança-migrante. Foi difícil encontrá-la. Você chega em Lajeado, entra na Avenida Senador Alberto Pasqualini, principal acesso à cidade, e chega ao centro da cidade. Você circula e vê senegaleses e haitianos. Não vê mulheres. Não vê crianças. Você vai a Estrela, a Encantado, a Arroio do Meio⁶. E a cena se repete. Fui a Portugal, em 2018, em uma viagem com o grupo de pesquisa, e continuei procurando crianças migrantes. Existem números sobre elas [será?], mas elas *não existem*, elas não se materializam aos nossos olhos. Se estão em palavras - e palavras também são números - as encontramos nos relatórios pelo mundo: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Organização das Nações Unidas (ONU), Ministério da Justiça do Brasil, Polícia Federal (PF). Mas será que realmente as encontramos?

Elas também estão em imagens. A tese de Andreza Estevam Noronha (2020), ao problematizar a produção da criança refugiada, a partir das fotografias presentes nas cartilhas e documentos do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), percebe um processo de comoção em relação às crianças. A autora analisa as fotografias a partir do conceito de moldura proposto por Judith Butler (2015a) e, em suas problematizações, aponta que é possível perceber o processo de comoção aliado à condição infantil. Ainda, aponta que a maneira como as crianças são enquadradas em ambientes educativos, visa despertar o desejo de proteção que se estabelece quando apreendemos a precariedade dessas vidas.

No entanto, já se passavam mais de dois anos do início do doutorado e a busca pelas crianças continuava. Algumas foram cruzando o caminho, mas muito devagarinho, *em pequenas frações*. Elas passavam como suspiros. Achava que as tinha, mas sumiam. Cruzei com algumas em momentos pontuais: em intervenções com estudantes na Sociedade Lajeadense de Auxílio aos Necessitados (SLAN); quando

⁶ Todas cidades citadas ficam no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil.

busco Simon⁷ em casa para irmos a Santa Cruz do Sul - no dia que ele foi conversar com o grupo de pesquisa -, e conheço seus(suas) filhos(as). Em algumas cenas de finais de semana, quando via famílias de migrantes na rua, provavelmente após a ida à igreja. Rastros de crianças que me provocavam inquietações: Como chegaram ao Brasil? Nasceram aqui? Como é seu dia-a-dia? Como e de que brincam? Como se aproximam da língua portuguesa-brasileira? Quais as diferenças que se apresentam em seus modos de viver e habitar a cidade? O encontro com as crianças se fazia necessário. Precisava *acontecer* com as crianças para poder cartografar o encontro delas com as migrações.

Fui encontrar as crianças em Encantado, escondidas em um bairro que desconhecia, e em Porto Alegre, na AVESOL⁸, ao acompanhar a colega do grupo de pesquisa Caroline Couto (2020), de setembro a dezembro de 2019, no seu percurso para a dissertação do Mestrado, realizando oficinas com crianças venezuelanas e haitianas, que acompanhavam seus pais e suas mães, ou familiares, a aulas de língua portuguesa. Esse foi um encontro não esperado. Inusitado. Um acontecimento, que, apesar de ser um desvio no mapa, se configurou como um dos caminhos obrigatórios no percurso.

As *gentes pequenas* (Sandra Mara Corazza, 2004a) se materializaram e o projeto de pesquisa havia sido aprovado pelo Comitê de Ética⁹: bastava, somente, fazer as combinações e iniciar os encontros. Estava tudo encaminhado para *pensar com elas*. Podia contar com um lugar onde as crianças migrantes se encontram: Associação Pró-Menor Encantado (AME). Um passo importante havia sido dado. O encontro com crianças. Crianças, em sua grande maioria, vindas do Haiti.

⁷ Renel Simon, ou Simon, como prefere ser chamado, é um migrante haitiano que à época trabalhava no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), de Lajeado, como referência para os(as) migrantes que chegam à região. Conforme solicitado por ele, sempre utilizamos seu nome nas escritas, conforme Protocolo número 90546718.7.0000.5343 - Comitê de Ética da Unisc, de 06 de junho de 2018. Nosso primeiro contato foi em dois de fevereiro de dois mil e dezoito, onde Letícia Aline Back e eu, além de conhecermos sua história e seu trabalho, também iniciamos uma pactuação para as pesquisas do grupo. Recebemos a autorização da Secretaria de Habitação e Assistência Social, bem como a autorização de Simon para acompanhar seu trabalho por alguns momentos. E assim fizemos. 2018 foi o ano de conhecer Lajeado - e a região - a partir dos olhos de Simon. Enquanto Letícia construía seus percursos para dissertação, eu me deixava tocar pelas histórias, pelas vivências, pelas trajetórias, para ir compondo o campo de pesquisa para a tese.

⁸ A instituição é o Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) da Associação do Voluntariado e da Solidariedade (AVESOL). A AVESOL é uma entidade de assistência social, sem fins lucrativos, que foi fundada em 2002 por irmãos e leigos Maristas. O CRDH da AVESOL atua no estado do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, por meio de assessoramentos e processos formativos que visam a promoção e a defesa dos Direitos Humanos. Nessa perspectiva, uma das frentes do CRDH tem sido o enfrentamento à possíveis situações de violação dos Direitos Humanos para a população de migrantes e refugiados. Foi junto a este espaço que a proposta das oficinas de literatura infantil pode acontecer, com anuência e apoio da instituição, que cedeu sua estrutura para os encontros (Caroline Couto, 2020, p. 60-1).

⁹ Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). CAAE 22933419.7.0000.5343. Número do parecer 3.666.998, de 29 de outubro de 2019.

No entanto, travessia e perigo constituem a Cartografia. Afinal, viajar, andar, caminhar em terreno desconhecido nos colocam em contato com o inusitado, inesperado. E com descobertas e frustrações. Era início de março de 2020. Na primeira semana do mês retornei à AME para conversar e combinar com a coordenadora do local sobre minha proposta de intervenção - que ela já conhecia, pois havia assinado a carta de aceite da pesquisa. Acordamos que faria de 6 a 8 encontros com as crianças: não separaríamos as crianças migrantes e as brasileiras. A ideia era eu *assumir* por dois meses um dos turnos (sexta-feira à tarde) com atividades para elas. Voltei muito empolgada de Encantado. No caminho de volta a Lajeado - um percurso de 30 quilômetros - já fiquei pensando no que poderia ser feito.

Estava ansiosa pela orientação com Betina, para juntas alinharmos as propostas. Embora sabia que no processo de grupo, muitas vezes planejamos para não executar, mas, sobre isso, estava tranquila. Mais tranquila ainda, pois os prazos que havia alinhado para a produção da tese estavam se concretizando. Apresentaria a proposta das datas, com o primeiro encontro previsto para a última semana de março.

(Diário de campo, março 2020)

Devir criança-migrante. Nosso menino-pássaro se conecta a ela.

Desvio I. Um vírus.

Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995, p. 27).

O mundo parou em 2020. Em tempos diferentes, mas parou. 12 de março de 2020. Primeira morte no Brasil. O alerta estava lançado. Muito desconhecimento. Muita angústia. Muitas mudanças. Uma pandemia. Um vírus. Uma pandemia do vírus SARS-CoV. Esse, agora, SARS-CoV-2¹⁰.

¹⁰ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. [...] Em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Disponível em

https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso em 19 jan 2021.

Lajeado e o Vale do Taquari/RS também pararam. Um dos primeiros municípios do estado do Rio Grande do Sul a fazer rizoma com o vírus e, consequentemente, a tomar medidas de fechamento do comércio, de escolas e reforço da necessidade do isolamento social¹¹, de modo mais efetivo, foi Lajeado. Sendo o maior município do Vale do Taquari e referência hospitalar para internação em caso de agravos em decorrência da infecção, em 16 de março *ficamos em casa*.

Para nós é bastante difícil... si? Porque nós chegamos em plena pandemia. Nós chegamos dia 16 de março e em 17 decretaram... cerraram aeroportos... obrigaram as máscaras. O fato que a pandemia afetou muito.

(Roubo de memórias)

Na época era coordenadora e docente do curso de Psicologia na Universidade do Vale do Taquari (Univates), que tem uma relação estreita com a gestão de profissionais da saúde, não concursados, que atuam nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Estratégias de Saúde da Família (ESF), na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e Centros de Apoio Psicossocial (CAPS). O que isso significa? Significa que a universidade e o município passaram a operar em conjunto nas estratégias de combate à pandemia e na atenção às pessoas contaminadas. A psicologia foi convocada a realizar a atenção psicossocial tanto dos trabalhadores de saúde quanto da população. Além da coordenação do curso e das aulas (que passaram a ser virtualizadas), também auxiliei na organização de gestão do *Call Center*, que foi criado para dúvidas clínicas (linha médica) e atenção psicossocial (linha psicologia) e, ainda, do apoio psicossocial que realizamos a 17 UBS e ESF, 3 CAPS, UPA, Farmácia Escola, Farmácia do Estado e Serviço de Apoio Especializado (SAE). Por que preciso narrar isso? Pois [infelizmente] houve uma pausa [sem data de término] na pesquisa da tese [será que houve pausa?].

Por ser o primeiro município - junto com Passo Fundo - a ter casos muito graves e óbitos no estado, ainda estávamos descobrindo, aprendendo e, principalmente, estudando muito, em como operar a atenção e o cuidado tanto aos trabalhadores quanto à população de modo ético e técnico. A rede de cuidado que se estabeleceu foi ampla, articulando governos municipal e estadual, voluntários(as) e universidade.

Quando digo que a tese deu uma pausa - ou talvez esse tenha sido o sentimento -, diz principalmente da não possibilidade tanto da ida a Encantado, ao *campo* de pesquisa, quanto também da interrupção de leituras e estudos mais sistemáticos dos materiais que conversavam com ela. Um hiato de três meses se deu. O tempo que

¹¹ Uso de máscara, higiene das mãos e isolamento social são as principais medidas para o combate a este vírus.

O menino-pássaro também se resguardou.

Onde os pássaros dormem? Quando chove, onde ficam? (Memórias da dećada de 1980)

No final do mês de junho, já sintonizados(as) com o *novo normal*, em orientação com o grupo de pesquisa para tentarmos encontrar juntos(as) alguma alternativa para a continuidade das pesquisas, surgiu a ideia de realizar um vídeo contextualizando a pesquisa e convidando os(as) migrantes, via ferramenta do *WhatsApp*, a enviarem relatos, vídeos, fotos de desenho, enfim, o que achassem interessante produzir a partir da questão: *o que é ser criança*? Passava a aceitar que os anunciados dois anos para *a vida talvez voltar ao normal* fariam com que pudéssemos construir alternativas para situações que já estávamos acomodados(as): precisaria inventar outros modos de pesquisar. O desejo por pessoas presenciais foi transportado ao encontro virtual.

Desvio II. Uma enchente.

Não bastava uma pausa. Chegamos na segunda interrupção. Mais um desvio de caminho. 07 de julho de 2020. Terça-feira. O Vale do Taquari é devastado por uma das piores enchentes de sua história desde que há o registro das inundações. Já não bastasse o silêncio do vírus, agora tínhamos o cheiro da tragédia. Sim, a enchente tem cheiro. Cheiro de tristeza, de impotência, de desgosto.

A enchente parece que faz parte de muitos encontros em Lajeado. A enchente é que faz, na chegada dos(as) haitianos(as) na cidade, que a cidade os veja. Quando Letícia e eu conhecemos Simon, ele nos relata que foi em uma enchente que ele se aproximou da Secretaria de Assistência Social do município. Foi até o parque do Imigrante para *ajudar com a língua*, já que falava e entendia um pouco do português. Foi nessa enchente que o município teve conhecimento da quantidade de migrantes haitianos(as) que estavam na cidade. Muitos(as) - se não quase todos(as) - moravam em áreas inundáveis. Parece que encontros de visibilidade ocorrem somente com

¹² A literatura aponta que em casos de emergência e desastres - a pandemia se situa neste campo - se ocorrer a intervenção psicossocial nos primeiros 90 dias, a chance de agravos psíquicos posteriormente reduz em 50%. Neste caso, entendemos que a intervenção junto aos profissionais da saúde teria efeito também na população, pois estando eles acolhidos e cuidados, conseguiriam tranquilizar a população de suas microáreas de modo mais efetivo (FIOCRUZ, 2020).

tragédias... terremoto... vírus... enchente....
(Acoplamentos de Diários de campo, fevereiro 2018; julho 2020)

Inicia a segunda etapa de cuidados. Mapear os estragos. Escutar e acolher as histórias. Parque do Imigrante¹³ - sim, esse é o nome - acolhe aqueles(as) que tiveram suas casas, seus sonhos, alguns registros de suas histórias e tantas outras [que nem consigo imaginar] nuances de vida destruídas.

Nesse período sou incluída no grupo do Fórum Permanente de Mobilidade Humano do Rio Grande do Sul (FPMH-RS) e na Rede Migração/RS, um

Coletivo de construção e fortalecimento da rede pró migrantes e refugiados, com caráter humanitário, democrático, integrando esforços e rompendo segmentações provenientes de ideologias políticas, raciais ou religiosas. Investimos em composição virtuosa e criativa de cores, credos, histórias de vida e trajetórias de luta. Nossa ética é a defesa e o fortalecimento da vida e da dignidade de tod@s, através da ecologia integral de saberes e da luta compartilhada pelo direito de ir e vir pela terra¹⁴.

Representantes de universidades, de organizações não-governamentais, de entidades religiosas e da Organização das Nações Unidas (ONU Migrações) compõem estes grupos. No dia 15 de julho de 2020 houve uma reunião virtual, cuja pauta era realizar a escuta dos representantes dos(as) migrantes de Lajeado, Arroio do Meio, Encantado e Roca Sales, para levantamento de demandas e encaminhamento junto à ONU Migrações de verba para mantimentos e outras necessidades. Foi um dia que marcou o percurso da pesquisa. Por mais que meu entendimento, naquele momento, era de que a tese estava parada, passado o choque frente às situações vivenciadas e narradas pelos(as) migrantes, percebo que tudo isso fazia parte do mapa da pesquisa. A construção do *território existencial* (Johnny Alvarez e Eduardo Passos, 2010) pressupõe implicação. Pressupõe que não nos colocamos de modo hierárquico diante do objeto, mas de um encontro com alguém ou algo. Eu estava me encontrando com a dor das perdas. Se o "território é [...] lugar de passagem" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p. 132), em constante produção, o território das migrações carrega dor e perdas em sua paisagem. Dores e perdas que vão se constituindo em diferentes intensidades, formas e modos de manifestação.

Naquele momento, a única coisa que consegui registrar foram números e

¹³ O Parque do Imigrante fica ao lado do Parque Histórico. Ambos homenageiam a colonização alemã da cidade. 14 Descritivo do grupo no aplicativo WhatsApp.

fragmentos das narrativas. Algumas, confusas. Outras, números. Números que representam histórias. Os números. A pandemia já nos assolava com números. Cansamos de afirmar que números são vidas. Números são histórias. A enchente trazia-nos mais números. Mais vidas e histórias a buscar.

- Lajeado: 1500 a 1600 migrantes. 92 famílias desalojadas de migrantes. Em torno de 200 pessoas. A enchente ocorreu no início da noite. Muitos estavam voltando do trabalho e não conseguiram tirar nada das casas e, ainda, não imaginavam que inundava aquela região. A grande maioria mora em bairros que alagam. Passaportes foram perdidos. Tudo!
- Encantado: 700 casas. 180 famílias. 2800 pessoas. Em torno de 200 crianças. Muitos ficaram nas casas de amigos, não no abrigo, pois o abrigo ficava muito distante do trabalho (não havia transporte). Preocupação com a aglomeração. Covid.
- Arroio do Meio: 50 pessoas/migrantes.
- Estrela: estavam vindo a Lajeado buscar a Defesa Civil.
- Muçum: não havia representantes, mas trazem a preocupação. 60% dos moradores foram atingidos. Não sabem percentual de migrantes.

(Diário de campo, 15 de julho de 2020)

Percebo que minhas anotações centraram-se em Lajeado e Encantado. Talvez pela proximidade já estabelecida com estes dois municípios e pelos afetos que se produziram nestes últimos três anos. Alguns encaminhamentos foram alinhados ao final deste encontro. Máscaras, leite e fraldas foram as prioridades. Outras articulações ficaram a cargo de entidades religiosas, que organizariam as doações tanto para migrantes como para ... para ...

Como chamar? Moradores brasileiros? Autócnones? Migrantes não seriam moradores brasileiros?

(Memórias 2019)

A pesquisa se fazia. Sem perceber. Se fazia no caminho entre Encantado e Lajeado, com o vírus e com a enchente; em Porto Alegre, com o grupo de estudos e com os hiatos da vida acadêmica-doutorado. Se fazia na docência e na clínica (sou psicóloga e professora!). O plano das implicações (Cecília Coimbra e Maria Lívia Nascimento, 2008). Meu *como* se dava pela vida. Meu *como* se apresentava naquilo que a Cartografia traz consigo: "o trabalho da análise é a um só tempo o de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade" (Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, 2010, p. 27). Quais efeitos desejava produzir? A *rota* pediu visibilidade.

Menino-pássaro segue escondido. Talvez esteja assustado.

Rota I. Dilema.

Um vírus, uma enchente. Crianças que já estavam difíceis de encontrar. "Pesquisar é percorrer caminhos com outros sujeitos. Pesquisar é viver um determinado percurso com outros sujeitos, acolher a alteridade enquanto possibilidade de encontro" (Bruna M. Battistelli e Lílian Rodrigues da Cruz, 2018, p. 7). Paraliso. Estagno. Como produzir encontros de pesquisa em meio ao caos, à catástrofe? Será que o problema que eu me colocava naquele momento [Como se dá o encontro entre crianças e migrações e seus efeitos na experiência da migração?] tinha sentido e era coerente com o momento de vida daquelas pessoas? Eu não tinha desejo de falar em pesquisa. Eu não tinha desejo em violentar mais e novamente aquelas famílias. Sim, digo famílias, pois a pesquisa com crianças nos remete à confiança dos pais, mães e/ ou responsáveis por elas, além delas, claro. Nossa criança-migrante se apresenta à sombra da criança-família. São os(as) outros(as) que falam por ela.

Menino-pássaro sai do esconderijo. Sente confiança com a família.

Onde será que se escondia?

Em um dado momento do percurso da tese, bem no seu início, escutei de um migrante: *Não aguento mais esses pesquisadores. Toda semana. Só vem, nos escutam e vão. Nunca voltam. Nunca fazem nada* (Memórias, 2018). Esse depoimento ressoava a cada instante. Sempre. E em julho de 2020 ele se tornou um imperativo com efeito paralisante: eu não tinha o direito de pesquisar nada, absolutamente nada naquele momento. Sim, a força da psicologia gritou muito mais alto. Embora a pesquisa também seja prática profissional [eu sei disso!], a demanda daquele momento me parecia ser outra. Um vírus e uma enchente. Contaminada e afogada. Sem ar. Sem pensamento. Sem oxigenação. Sem pesquisa. Era assim que [não] se produzia meu

desejo de intervenção: *ignorando a pesquisa*. A molaridade dos binarismos me toma. Opero no ou. Pesquisar, intervir, cuidar e acolher podem co-habitar. Tudo isso pode se conectar. O e que tanto Gilles Deleuze e Félix Guattari nos escancaram enquanto aposta ética, parece que foge, que escapa.

Pesquisa-intervenção. Isso existe! Isso é cartografia. A pesquisa existia, mas o espaço estriado (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b) da força assistencial só fortaleceu o aparelho de Estado. Subjetividade capturada. Pesquisa cegada. Consigo um respiro. Uma *fresta* de ar: as perguntas. O que *minha* pesquisa poderia oferecer a essas pessoas naquele momento? Ou melhor, *meu* conhecimento sobre migrações, sobre cuidado, sobre relações, sobre grupos, poderia ter qual efeito? A força da pesquisa-que-atrapalha já dava lugar à pesquisa-potência-de-vida. Pelo olhar da pesquisa, uma saída. "É essa distribuição de afectos [...] que constitui um mapa de intensidade. É sempre uma constelação afetiva" (Gilles Deleuze, 1997, p. 87).

Confusão e dúvidas compõem o território da pesquisa. Naquele momento continuava não sabendo como agir e que rumo tomar. Estava pronta para enviar as mensagens por *WhatsApp* aos contatos que tinha, convidando para participar da pesquisa, com a ideia de me enviarem o que para eles e elas é *ser criança*. Pensei que poderia ser um *sopro de vida* em meio à falta de ar. Mesmo que direcionasse a outra região, não mais do Vale do Taquari, mas a Porto Alegre, eu logo passei a entender que isso também não seria possível. *A rota é ética*.

Acompanhando o grupo do FPM-RS, do qual muitos migrantes das mais diversas nacionalidades fazem parte, as preocupações e necessidades que se apresentavam, como já afirmei, diziam de *sobrevivência*. Documentos. Legalizações. Mantimentos. Pedidos de trabalho. Endereços de casas de acolhidas. Essas eram as pautas.

E as crianças? Escolas fechadas - lugar onde as havia encontrado. Menino-pássaro encontra a **criança-quarentena**. A criança que se isola, que se faz ainda mais invisível. Famílias? Isoladas. Mesmo no meio desse caos, quando menos esperava, meu olhar as *buscava*. Como elas apareciam? Elas apareciam nos relatos, nos números, nos adultos falando *sobre* elas. *Pareciam* estar protegidas e cuidadas. Estes eram os relatos. Menino-pássaro sobrevoava em busca delas. E eu? Eu seguia achando... achando... ba... ba... *banal* pesquisar.

Gaguejei. Um devir-menor. "As palavras fazem silêncio" (Gilles Deleuze, 1997, p. 145).

Não há crianças na rua, nem nos parques, que as crianças poderiam socializar, por causa da pandemia. Todavia ainda não têm nenhum amigo que possam socializar.

(Roubo de memórias)

Abismo II. Perdi a criança-migrante.

O sentimento de banalidade fez perder a criança-migrante. Perdi ela. Busco *uma* criança-migrante. Essa *uma* que Gilles Deleuze e Félix Guattari nos apresentaram. Mas, neste momento, encontrar *a* já daria possibilidades de encontros. Encontros estes que poderiam possibilitar *uma* pesquisa. O território existencial construído não permitiu o encontro. Perdi também a criança-família. Perdi-me no *fundo inexplorado*. Rolei o abismo abaixo. Não soube qual caminho escolher. Escolhi o abismo. Caí. "O objetivo não é responder a questões, é sair delas" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 9).

E o menino-pássaro? Voou...

Rota II com Abismo III. Uma saída I.

Um vírus, uma enchente, dilemas [éticos]. O percurso da criança-migrante cruzou com muitos momentos: o trabalho dos pais e cuidadores(as), a família (e suas mais variadas configurações), as cidades, os estados. Momentos que muitas vezes levaram a fronteiras. Fronteiras físicas, fronteiras simbólicas e talvez fronteiras imaginárias. O percurso da tese *existiu* com o percurso da criança-migrante. *Existiu* tendo que se inventar, desviar, acoplar, mudar de planos, tal qual criança-migrante. Ora tese-invisível, ora tese-grupo-de-pesquisa, ora tese-não-vendo-tese.

Pesquisar é "uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia" (Sônia Maria Clareto e Ana Lygia Vieira Schil da Veiga, 2016, p. 31). Mais ainda, em uma tese. Cartografar "consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos" (Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, 2010, p. 53). É partindo dessa pista que apresento os caminhos trilhados antes e durante a entrada do vírus em nosso rizoma, entendendo que em muitos momentos não haverá a reprodução de enunciados, mas a criação de novos problemas, "exigindo práticas originais de

investigação" (p. 55). Isto é, cartografar coloca o desafio de "desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividade" (p. 56). Alguns caminhos já foram anunciados em outros momentos da escrita, outros serão novos. No entanto, como já alertamos, *coisas* se repetem, *diferenciando-se*.

Em Caminho I. Um início anunciamos rapidamente alguns pontos do mapatese percorrido. Nesse momento, vale um investimento nos detalhes. A caminhada da tese iniciou mesmo antes da pandemia. Os trajetos trilhados com Letícia Aline Back, em 2018, permitiram viver Lajeado e o campo das migrações que se produzia de modo a sensibilizar-me. Talvez 2018 tenha sido o ano da construção do *território existencial* (Johnny Alvarez e Eduardo Passos, 2010). Iniciamos as articulações para as pesquisas do grupo de pesquisa, visto que em Santa Cruz do Sul os(as) migrantes são passageiros(as). Já em Lajeado - e região 15 - eles(as) têm estabelecido residência. Letícia e eu descobrimos que havia um trabalhador do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que é haitiano. Letícia - que defendeu em março de 2019 a dissertação *Os (des)encontros da tríade: processos migratórios, cidade e trabalho* (Letícia Aline Back, 2019) - estava, em março de 2018, finalizando o projeto para qualificação e faltava o contato com a cidade. Nesse contato com Lajeado, encontramos Rennel Simon (Margarita Rosa Gaviria Mejía e Renel Simon, 2015).

Simon, como prefere ser chamado, é um haitiano que à época trabalhava no CRAS como referência para os(as) migrantes que chegam à região. Ele nos recebeu (Letícia e eu) em dois de fevereiro de dois mil e dezoito, onde além de conhecermos sua história e seu trabalho, também iniciamos uma pactuação para as pesquisas. Recebemos a autorização da Secretaria de Habitação e Assistência Social, bem como a autorização de Simon para acompanhar seu trabalho por alguns momentos. E assim fizemos. 2018 foi o ano de conhecer Lajeado - e a região - a partir dos olhos de Simon. Enquanto Letícia construía seus percursos para dissertação, eu me deixava tocar pelas histórias, pelas vivências, pelas trajetórias. Nesses percursos, também fui construindo o encontro com as crianças. Ou melhor, fui percebendo o quão difícil era encontrá-las e que, talvez, justamente essa invisibilidade se configuraria como problemática da tese. Além disso, também já fui percebendo, que família e escola se configuravam como dois lugares que precisaria atentar. Um campo de pesquisa se

¹⁵ As cidades onde têm se concentrado o maior número de migrantes são Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Encantado e Poço das Antas. Os frigoríficos de aves têm sido, talvez, os maiores responsáveis pela vinda dos(as) migrantes a essa região, embora os primeiros - em sua totalidade homens - tenham vindo por contratações da construção civil (Margarita Rosa Gaviria Mejía e Renel Simon, 2015).

configurava, se produzia.

O ano de 2018 foi um ano de encontros e de *pesquisa-bando*. Uma viagem de estudos à Escola de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, durante dez dias, no mês de outubro de 2018, possibilitou uma experiência-estrangeira. Nesta viagem, docentes e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisc - e uma estudante da arquitetura - conheceram lugares de acolhida e cuidado aos(às) migrantes em Lisboa e região e, também, articularam estudos e pesquisas com a professora Sónia Días. Dois lugares, em especial, foram conhecidos: a Associação de Intervenção Comunitária, Desenvolvimento Social e de Saúde (AJPAS), em Amadora, e o Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM), em Lisboa.

Em Amadora, senti-me realmente amadora, no sentido pejorativo da palavra: aquela sem experiência no que se propõe a fazer ou, ainda, que pratica qualquer arte ou esporte sem ser um profissional¹⁶. Vagar pela periferia de Lisboa e conhecer Amadora, uma cidade

pertencente ao distrito e área metropolitana de Lisboa. É sede de um dos mais pequenos municípios de Portugal, com apenas 23,79 km², mas 175 136 habitantes (2011), sendo o mais densamente povoado do país e a quarta cidade mais populosa de Portugal, dividindo-se em seis freguesias. O município é limitado a nordeste pelo município de Odivelas, a sueste por Lisboa, a sul e oeste por Oeiras e a oeste e norte por Sintra¹⁷.

Ao conhecer a AJPAS, sua intensidade enquanto lugar de acolhida aos(às) migrantes, colocou-me em xeque na construção do território da pesquisa. Ir à Amadora e lá descobrir que o maior número de migrantes em Portugal são brasileiros(as), acusou-me uma pesquisadora-amadora. Ver saúde, assistência social e educação em articulação, bem como o conhecimento sobre as histórias dos povos que para aquela cidade Amadora se deslocavam, denunciava novamente a pesquisadora-amadora que ali estava.

Circular - e se perder - naquela cidade, que até então a pesquisadora-amadora achava que era um bairro de Lisboa, ao mesmo tempo que angustiou o processo de pesquisa, pois pareceria que jamais conseguiria dar conta da temática escolhida, uma vez que era uma temática totalmente nova enquanto campo de estudo, despertou o outro sentido da palavra amadora: aquela que é namorada, curiosa, apreciadora.

¹⁶ Dicionário online.

¹⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amadora. Acesso em: 19 mai 2019.

Amadora acolheu a tese e afirmou que o *território-pesquisadora-amado- ra-sem-experiência* poderia co-habitar o *território-pesquisadora-amadora-curiosa*. Mesmo sendo amadora, a pesquisa se faz no ato de pesquisar. Seria pesquisa se teria todas as respostas *a priori*? Novamente as crianças não estavam na rota. Novamente a *materialidade* que eu buscava não se apresentava. O território do *discurso sobre*, do *relato sobre*, esse sim apareceu, bem como o registro dos trabalhos produzidos com as crianças - havia vários desenhos das crianças nas paredes da Associação. No entanto, ele não me parece suficiente, mostrando, novamente, a urgência do objeto-tese.

Circular por Amadora e ver a placa de que havia câmeras de segurança no bairro, colocou outro alerta no percurso. Outro ponto do rizoma se apresentava. Uma outra entrada para o mapa *crianças migrantes*. Um bairro vigiado. Sinalização que até o momento não se apresentava em Portugal, pelo menos nas ruas. Que *entrada* essa sinalética faz em nosso rizoma? A entrada do enunciado da segurança, que se apresenta em muitas políticas públicas como balizador em oposição aos direitos humanos.

Risco e segurança caminham juntos nessa esfera, principalmente quando falamos em migrações. Michel Foucault (2003; 2008a; 2008b; 2018) - mesmo que analisando o contexto europeu - nos esclarece a passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle (ou segurança). De uma docilização e disciplina dos corpos - uma anatomopolítica do corpo humano -, passamos a uma biopolítica da população, moldada em um relação de segurança. Uma não exclui a outra. Ao contrário, a estas duas formas de investimento na vida, o autor denomina biopoder. Uma forma de poder que foilé indispensável ao desenvolvimento e manutenção do capitalismo.

O biopoder, portanto, atravessa as populações constituindo as relações estabelecidas entre os sujeitos, da mesma forma que é constituído e atravessado por questões políticas, econômicas e científicas. Esse fato colabora com a constituição dos conhecimentos e dos modos pelos quais os sujeitos os compreendem. Consequentemente, espacialidades — ou seja, os modos como os sujeitos vivem o espaço — são modificadas pelos atravessamentos que envolvem essas diferentes instâncias que se encontram articuladas na formação das noções acerca da segurança da vida (Camilo Darsie de Souza, 2014, p. 125).

Percorrer Amadora, conhecer a AJPAS e, em Lisboa, o CNAIM - e ainda toda a rota percorrida no Vale do Taquari/RS, no Brasil -, permitiram que os pousos

ocorressem e que a pesquisa já estava *se fazendo*. Amadora era o *lugar* dos(as) migrantes. O pouso "indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura" (p. 43). Com Amadora abrimos uma possibilidade de construir o mapa das crianças migrantes, já que não as encontrava. Além disso, Amadora anunciou a *segurança* - que discutiremos no nosso rizoma como vulnerabilidade¹⁸.

Outra experiência - extremamente marcante e mobilizadora - foi a Exposição de Raiz Ai Weiwei, na Oca do Parque Ibirapuera em São Paulo, em novembro de 2018. A pesquisa também se faz com arte.

Weiwei deixou seu país de origem em 2015 e se destaca no cenário internacional pelo interesse que demonstra pelas questões sociais, como a crise mundial de imigração e pela crítica ferrenha ao governo chinês. Muitas de suas obras fazem referência aos temas de forma contundente. Como um dos maiores trabalhos expostos, um barco de refugiados à deriva, que flutuou sobre o lago do Ibirapuera antes de ser instalado no último andar do edifício. Ali também é possível assistir aos vídeos gravados pelo artista em campos de refugiados pela Europa¹⁹.

Viajar com Raiz Ai WeiWei, em suas produções²⁰, foi mergulhar na angústia das migrações. À época da exposição, eu ainda não havia encontrado as crianças; ou melhor, eram poucas aquelas que eu havia conhecido. Seu traço fino, delicado e extremamente sensível nas obras produziu um corpo-pesquisadora que foi sendo tomado pela problemática. Foi nesse momento, talvez, no painel (Figura 1) que não consigo mensurar as dimensões, que o problema da tese se materializou. A experiência²¹. Faltava ela. Não bastava a experiência-Lajeado. Precisei a experiência-estrangeira em Portugal, a experiência-arte com WeiWei, a experiência-moradora de uma cidade que se modifica com as migrações.

¹⁸ Trabalho, Educação e Vulnerabilidade serão apresentados ao longo da escrita, principalmente nas Trochas 5, 6, 7 e 8.

¹⁹ Disponível em https://casacor.abril.com.br/arte/oca-recebe-maior-exposicao-do-artista-ai-weiwei/. Acessado em: 21 de abril de 2019.

²⁰ Além da exposição, o filme Human flow: não existe lar se não há para onde ir (Raiz Ai WeiWei, 2017) também mobilizou afetos.

²¹ Lembrando que experiência aqui é compreendida como produção subjetiva, como já apontado no texto (Gilles Deleuze, 1997; Carlos Antonio Cardoso Filho (2016).

Figura 1 - Exposição Raiz Ai WeiWei



Fonte: Foto de Gisele Dhein, 2018.

Quando pensei que o campo já estava delimitado, que Lajeado seria o lugar de parada, inicio uma orientação de Trabalho de Conclusão de Curso na Psicologia, em março de 2019, cuja temática de desejo da estudante²² são as migrações. Nas primeiras orientações, descubro que a menina é trabalhadora de uma espaço de turno inverso para crianças no município de Encantado - trinta quilômetros de Lajeado. Descubro, ainda, que as crianças migrantes habitam seu cotidiano. Abre-se mais um campo possível, o qual conheci no dia quinze de abril de dois mil e dezenove, e que faz eu *encontrar* as crianças da pesquisa, até então aparentemente escassas ou mesmo inexistentes. Foi quando conheci a AME - já apresentada - e que, antes da entrada

²² Fomos juntas na comemoração do Dia da Bandeira, no dia 18 de maio de 2019, em Encantado. Uma data muito festejada e o dia foi de comemorações.

do vírus no rizoma, se configurava como o lugar de encontro com as crianças. Seria este - também - o campo da pesquisa. Os encontros com elas, inclusive, estavam agendados - como já anunciamos no *Caminho I. Um início*.

Assim, são essas vivências e experiências que foram constituindo nosso mapa inicial, nossas coordenadas iniciais, para nossa proposta cartográfica de tese. Digo nossa, pois este mapa diz de muitas vozes, muitos(as) intercessores(as). E é novamente provocada por Gilles Deleuze (1992) que afirmo isso, quando ele nos coloca que "o essencial são os intercessores[as]" (p. 160), que sempre trabalhamos "com vários[as], mesmo quando isso não se vê" (p. 160). Para o autor, a criação só é possível com eles(elas), os(as) quais podem ser pessoas, mas também plantas, animais, situações fictícias ou reais. "É preciso fabricar seus próprios intercessores" (p. 160).

Importante destacar que mapas não se constituem somente em relação aos encontros constituídoslconstruídos no ato de pesquisar; eles também dizem "de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto" (Gilles Deleuze, 1997, p. 86-7). Dessa forma, "[o]s dois mapas, dos trajetos e dos afectos, remetem um ao outro" (p. 88), e são com estas intensidades que esta pesquisa pretendeu operar. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) nos alertam que o papel do(a) filósofo(a) é criar conceptos; do(a) cientista, perceptos; e do(a) artista, afectos. Ouso dizer que os nossos atos de pesquisa necessitam emaranhar-se nestes três planos. Não sei se conseguimos criar conceptos, mas tentamos navegar [com] [n] eles, produzindo perceptos e afectos, que estão apresentados nesta escrita. Nesse sentido, a construção do *rizoma*-tese ocorreu nos distanciamentos, nas paradas de idas ao campo, quando percebeu-se uma não-circulação das crianças na cidade. "Um sem início e sem fim" (Gilles Deleuze, 1995).

O ano de 2019 foi o ano de escrita do projeto - apresentado em julho - e de um pouco mais de *pesquisa-bando*. Com Caroline Couto (2020), o encontro com mais crianças. Caroline desenvolveu sua pesquisa com crianças migrantes e com literatura infantil. Seu trabalho "propõe pensar a crise humanitária, relacionada às migrações internacionais contemporâneas e as situações de refúgio, a partir da experiência da infância" (p. 8). Uma pesquisa que acompanhei de perto, *oficinando* com ela em oficinas de literatura infantil para/com crianças migrantes. A cidade é Porto Alegre e, como afirma Caroline, a "cidade que se fez espaço de hospitalidade e de encontro a partir de uma instituição que, via solidariedade, assessora migrantes e pessoas em

situação de refúgio" (p. 60).

Eu estava lá como *auxiliar de oficina, auxiliar de pesquisa*. Enquanto pais e mães de crianças venezuelanas e haitianas participavam de aulas de língua portuguesa, na AVESOL²³, as crianças realizavam as oficinas com Caroline e, em alguns encontros comigo. Iniciei minha participação no início de setembro de 2019. A previsão dela era realizar seis momentos com o grupo e encerrar sua participação. No entanto, ao apostarmos - ela também - na cartografia como percurso metodológico da pesquisa, atravessamentos se fazem presentes. Um deles diz do vínculo e do compromisso ético com quem pesquisamos (Letícia Maria Renault de Barros e Maria Elizabeth Barros de Barros, 2016; Eduardo Passos e Virgínia Kastrup, 2016; Vinciane Despret, 2011). As crianças não queriam parar os encontros. Não havia outros(as) voluntários(as). Era somente nós duas. Seus pais, suas mães ou responsáveis iriam com os encontros até final de novembro. Mesmo acordando com o espaço que a proposta era a pesquisa que tem início, meio e fim - extrapolamos este tempo-espaço.

Caroline não poderia mais seguir com o grupo a partir de outubro. Eu havia realizado somente uma participação. Não era *minha pesquisa*, mas era meu grupo de pesquisa, logo, nossas pesquisas - pesquisar se faz no coletivo, no grupo! Caroline precisava focar na escrita da dissertação. Assumi as oficinas durante os meses de outubro e novembro de 2019. A força do grupo de pesquisa entra em cena. Oito encontros ainda restavam. Oito crianças que cruzaram também *minha* tese. Uma tese-bando. Uma tese que tal qual sua temática, também migrou. Ela já passou por Lajeado, Encantado, Estrela, São Paulo, Portugal e, por que não, também Porto Alegre? Ela passou por Letícias, Carolines e tantas outras histórias e narrativas. Território da pesquisa e território das migrações novamente se encontrando. Eles não têm lugar. Eles não são fixos. Nômades? Talvez! Aquela criança-migrante, uma criançamigrante, que tanto procurei, estava conseguindo se reterritorializar, também a partir do encontro com a **criança-invisível**. Embora eu já tivesse *meu campo de pesquisa*, que seria com as crianças haitianas de Encantado, cujas oficinas aconteceriam a partir de março de 2020, *um vírus* apareceu em nosso rizoma. Tivemos que fazer pesquisa com ele. Uma saída para a não mais possibilidade dos encontros na AME, seriam os encontros que realizei na AVESOL. No entanto, um abismo.

O abismo diz das implicações: eu não tinha Anuência e nem Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para aquele espaço. O projeto de tese

²³ Ver nota de rodapé número oito.

não contemplava aquele campo. O campo era a AME. Havia assinado um termo de voluntariado na AVESOL: oficineira. O ofício era estar com as crianças enquanto seus pais aprendiam a língua portuguesa. O território não era da pesquisa, embora a pesquisa de Caroline - e a minha - são hastes de um projeto guarda-chuva de nossa orientadora, Betina Hillesheim, Migração e processos de in(ex)clusão²⁴. Um dilema ético. Um dilema que pede desterritorialização. De que ética de pesquisa estou falando? Ética é assinar uma anuência? É ter um papel e uma oficialização por escrito? A Gisele é minha colega no grupo de pesquisa e também pesquisa crianças e infâncias migrantes (Diário de campo, 07.09.2019). Esse enunciado de apresentação, feito por Caroline, não me insere na ordem da anuência? Os riscos e benefícios da pesquisa-intervenção não se apresentam semelhantes? Nossa ética teórico-metodológica não nos coloca a poder transformar o minha pesquisa em nossa pesquisa? O desejo é que o projeto de Caroline tenha poder de anuir as pesquisas do projeto guarda-chuva. Devir-infância-migrante se anuncia nesse desejo. Um devir que fala de romper fronteiras, de construir laços de confiança que a cartografia carrega enquanto pressuposto.

No intuito de romper a barreira do pesquisar *sobre* e construir um território de pesquisar *com*, passo por um processo que requer se desconstruir e se desinstitucionalizar de modos de produção de escritas outras - que também são produtoras de subjetividades. A saída para isso, talvez, esteja na confiança, que diz respeito tanto ao regime afetivo de articulação quanto à abertura para transformações decorrentes dessa articulação. É o ethos da confiança que permite a abertura ao campo da experiência. *Con fiar - fiar com, tecer com, composição e criação com o outro/outrem* (Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha, 2016, p. 69).

Con fiei com a criança que trançou meu cabelo. Con fiei com a criança que pulou em meu colo e brincou com minha mão. Con fiei com a criança que brincou

^{24 &}quot;A proposta volta-se para uma problematização dos processos de in/exclusão dos migrantes, percorrendo uma problemática na qual as próprias políticas de inclusão necessitam ser interrogadas. Para tanto, propõe tomar a governamentalidade como uma ferramenta analítica, buscando compreender os processos de in/exclusão que são produzidos na gestão das vidas dos migrantes quando em contato com realidades locais, entendendo, assim, que as políticas de inclusão são parte de uma governamentalidade. Nesse sentido, o projeto contempla vários subprojetos, os quais se voltam para a investigação de políticas públicas, infâncias migrantes, processos de acolhimento e outras questões que se voltem para o entendimento de estratégia de gestão dessas vidas. Um dos desdobramentos deste projeto de pesquisa foi a aprovação do subprojeto intitulado Estratégias biopolíticas e práticas de governamento dos fluxos migratórios contemporâneos: um estudo nos municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Lajeado/RS, o qual se volta especificamente para as diferentes ações e legislações municipais, e que foi aprovado no Edital 05/2019 Programa Pesquisador Gaúcho, em dezembro de 2019. Disponível em http://lattes.cnpq.br/4039336747587963.

virtualmente comigo. Con fiei com aquelas que me contaram suas histórias. Con fiei com aquelas que vi em noticiários, documentários. Con fiei, principalmente, quando não as vi, quando se apresentaram enquanto criança-invisível. Con fiei para produzir visibilidade.

"É a confiança que nos dispõe a agir a partir do vínculo com um plano de experiência anterior à determinação de si e do mundo" (Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha, 2016, p. 69). É a confiança que funda alianças que nos permitem percorrer trajetórias inventivas. Nessa perspectiva, a autora e os autores apresentam duas dimensões da experiência: a modal (nossos cinco sentidos gustação, tato, visão, olfato e audição) e a amodal (que antecede os sentidos - ritmos, velocidades, intensidades e formas). Talvez na experiência amodal resida a resposta ao como; ao como que conduziu a problemática desta tese.

O compartilhamento de experiências ocorre quando a percepção amodal atravessa e integra diversos sentidos, construindo uma experiência singular de mundo (emergência de eu/outro) a partir de uma plano comum. Esses processos de sintonia, na medida em que criam um plano de experiência comum, permitem que haja confiança para agir no mundo. [...] Isto significa que a confiança não é um sentimento pessoal, mas sim uma ciência (awareness) que se ancora em um plano comum (amodal) de experiência. Por isso podemos falar em senso de confiança (Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha, 2016, p. 74-5).

Preciso sair desse dilema, desse *abismo* ético que se apresenta. Tenho dificuldades, inclusive, em realizar o registro do diário de campo dos encontros na AVESOL. Eles não fluem. Eles parecem ser proibidos. A territorialidade da pesquisamolar, da pesquisa cheia de regras técnicas - mas muitas vezes apolítica -, me cola em uma linha "dura que opera a organização dual dos segmentos" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012a, p. 112). Faço uma pausa nesse dilema.

Nessa pausa, encontro a entrada dos materiais de domínio público. Neles mergulho, na entrada *Caminho III. Compondo um território* do nosso rizoma, e componho o território que encontra *a* criança-migrante e acompanha a metamorfose em *uma* criança-migrante. Um território que se constitui a partir da desterritorialização da criança-família e da **criança-vulnerável**, reterritoralizando-se na infância-migrante. Estamos *em* rizoma. Logo, escritas *estão por aí*. O mapa auxilia. Não há antes e depois. Há escritas.

Rota II [ainda] acoplada ao Caminho III. Uma saída II.

O dilema ético segue. No entanto, a *rota* encontra um *caminho*, este que diz do processo de pesquisar. "O problema não é anterior ao[à] pesquisador[a], assim como o objeto de observação. Tanto problema/observação quanto pesquisador[a] acontecem em certo momento de encontro" (Betina Hillesheim, Anita Guazzelli Bernardes e Patrícia Flores de Medeiros, 2009, p. 215). O vírus e a enchente em nossa rizoma já desconstruíram *caminhos* e nos desviaram de *territórios*. Já percorremos *desvios*, *abismos* e tantas outras linhas que compõem o rizoma, que chegamos a uma nova entrada. Afinal, em nosso rizoma há várias delas.

Os materiais de domínio público²⁵ nos anunciaram a criança-família. Uma criança importante na constituição da criança-migrante, tal qual a criança-vulnerável. Na busca por *uma* criança-migrante, talvez uma pergunta - *por que as crianças migram?* - possa nos auxiliar em sua procura:

A migração de crianças tem causas multidimensionais. De um lado, diversos fatores podem compelir às crianças e/ou às famílias a migrarem: perseguição, conflito, desastres naturais, crises humanitárias ou tráfico de pessoas em diversas formas e contextos, incluindo venda de crianças. Por outro lado, crianças podem migrar simplesmente para buscar acesso às mesmas oportunidades de vida que crianças de outros lugares do mundo têm, considerando fatores como desenvolvimento socioeconômico, acesso a serviços e bens. Fatores subjetivos, individuais, afetivos também devem ser levados em consideração e podem ter um papel decisivo na escolha de uma criança em migrar. Muitas crianças migram sem um adulto (desacompanhadas) ou acompanhadas por adultos que não têm poder familiar ou representação legal para tanto (separadas). Ao mesmo tempo, muitas crianças migram por uma decisão familiar, e o deslocamento pode significar luto, por uma ruptura profunda com o universo que elas conhecem melhor. O foco, no entanto, deve estar na garantia do interesse superior da criança em todas as etapas da migração, a despeito das razões, justificativas ou condição migratória (ENAP, 2021a, p. 16 - grifos nossos).

Em nosso percurso encontramos histórias tanto de crianças que migraram acompanhadas dos seus pais quanto aquelas que vieram com algum familiar. Não cruzaram por nosso percurso crianças que migraram desacompanhadas. Todas elas migraram por decisão familiar. Já que *a/uma* criança-migrante nos escapou por várias vezes, decidimos que faríamos entrevistas com famílias migrantes que fizeram esse processo acompanhadas de crianças. Se o vírus não estava nos permitindo

²⁵ Caminho III. Compondo um território no mapa.

os encontros desejados com as crianças, ele também estava nos ensinando que havia possibilidade de realizar conversas virtualmente. E foi essa nossa aposta. Criar um novo, um outro plano comum. "Acessar o plano do comum e também construir um mundo comum e, ao mesmo tempo, heterogêneo" (Virgínia Kastrup e Eduardo Passos, 2016, p. 15).

Partindo do pressuposto que a pesquisa de campo com a população migrante objetiva apresentar suas experiências singulares - que podem ser marcadas por dificuldades e até mesmo sofrimentos - a investigação, no caso as entrevistas, têm como desafio conhecer as experiências para transformá-las. Tomar o dispositivo da entrevista enquanto potência de reconhecimento da experiência do outro, possibilitando novas subjetividades, novas "possibilidade de ação e conexão com o mundo" (Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha, 2016, p. 68), em um *ethos* de confiança, buscando "um processo coletivo e compartilhado de produção de conhecimento" (p. 69), foi o que moveu a escolha por esse caminho.

A entrevista no nosso caminho da pesquisa cartográfica carrega três pressupostos: enquanto acompanhamento de processos (Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, 2010); enquanto método de pesquisa-intervenção (Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, 2010); e como um coletivo de forças como plano de experiência cartográfica (Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco, 2010).

Desse modo, a entrevista se coloca como uma "ferramenta [...] na construção e no acesso ao plano compartilhado da experiência" (Silvia Helena Tedesco, Christian Sade e Luciana Vieira Caliman, 2016, p. 93), mas não somente no sentido do conteúdo da experiência vivida, mas que "inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações" (p. 95). Ou seja, entrevistas que busquem (1) não somente a fala 'sobre' a experiência, mas a experiência 'na' fala; (2) que intervenham na abertura à experiência do processo do dizer; e que (3) apontem a pluralidade de vozes.

Apostar na escuta da experiência 'na' fala é conceber uma relação mútua entre expressão e conteúdo, ou seja, escutar nas falas "os afetos próprios à experiência" (Silvia Helena Tedesco, Christian Sade e Luciana Vieira Caliman, 2016, p. 100). Do mesmo modo, é conduzir a entrevista fugindo dos discursos unificadores, afinal, são as palavras de ordem que nos indicam no que acreditar, esperar ou como reagir (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2011). Conduzir a conversa pela via do *como* em detrimento do *porquê* e *o que isso te faz pensar* é a aposta da pesquisa cartográfica. Perguntas

que convidem o(as) entrevistado(a) não a respostas de saberes pré estabelecidos, mas que promovam "a abertura do plano coletivo de forças, à sua indeterminação e potência de criação" (Silvia Helena Tedesco, Christian Sade e Luciana Vieira Caliman, 2016, p. 109).

Conte sobre sua chegada e de sua família ao Brasil.
Como se dão os trajetos, os percursos dessa chegada?
Como é migrar com crianças?
Como se constroem as relações nessa chegada?
Escola, Assistência Social, Saúde: como percebe essas políticas públicas?
Fale sobre a infância. E sobre a infância migrante.

(Alguns disparadores de conversa com as famílias, março de 2021)

Desse modo, abre-se para para uma escuta cuja base não é a experiência do eu, mas das "linhas intensivas, fragmentos de sensações, sempre em vias de construir novas formações subjetivas" (Silvia Helena Tedesco, Christian Sade e Luciana Vieira Caliman, 2016, p. 109). Aproximamo-nos, assim, do que Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) compreendem como conversa, ou seja, pelo cruzamento de linhas, agenciamentos coletivos de enunciação. Uma conversa se faz de encontros. Uma entrevista se faz de linhas rizomáticas, mais do que linhas binarizantes: pluralidade de vozes é o que buscamos.

Fomos buscar pluralidade naquilo que o vírus nos permitia: as redes sociais. Em 12 de março de 2021 lançamos nos grupos de *WhatsApp* e em publicações no *Instagram* e *Facebook* o convite (Figura 2). Novamente a pesquisa-bando mostrou sua importância. As redes de contatos se fizeram importantes nesse momento.

Figura 2 - Convite às famílias migrantes para participar da pesquisa



Arte gráfica: Dieter Huebner, 2021.

Três dias após o *lançamento*, dia 15 de março de 2021, o primeiro contato. Não há como dimensionar onde o convite chegou. Afinal, a *www* é sem fronteiras. Um paradoxo nessa pesquisa. Afinal, é de transposição de fronteiras e seus efeitos que estamos falando/pesquisando. Em uma semana, quatro contatos. Três mulheres venezuelanas e um casal argentino. Intensificamos na semana seguinte a divulgação, mas foram esses os contatos que atingimos.

Os contatos ocorreram a partir de duas frentes: de uma trabalhadora do CRAS de Venâncio Aires/RS - outro campo de pesquisa do grupo - e de uma estudante do curso de Psicologia da Univates. Duas mulheres venezuelanas que participam do Grupo de Mulheres migrantes no CRAS viram no WhatsApp do grupo o convite, e contataram. A terceira mulher venezuelana é irmã de uma delas, e também contatou - mora em Santa Catarina. Já o casal argentino desejou participar. Pais da estudante da qual sou professora, migraram há 20 anos e desejavam contar sua história. A estudante viu a divulgação no *Instagram*. Embora esta história pudesse parecer um desvio dos critérios de inclusão²⁶, não consegui negar a participação. Algo me dizia que precisava escutar essas narrativas que desejavam pedir passagem. Narrativas que me auxiliaram a compreender os diferentes *momentos* das legislações brasileiras sobre migrações e seus efeitos na organização das vidas dos(as) migrantes. E não só isso, mas também o compromisso ético da pesquisa - que se faz intervenção quando mencionam que agora achavam ser importante contar sua história. Percebi que precisavam deste momento. E percebi certo, pois sua filha me procurou, após a entrevista, compartilhando que foi um momento muito importante para seus pais.

No quadro 1, um panorama das entrevistas. Um mapa-afeto-organizativo. Nesse momento utilizamos a letra *E* acompanhada de numeral para situar nossos(as) participantes da pesquisa, conforme a ordem que as entrevistas ocorreram. Todos os contatos e agendamentos foram realizados por mensagens de texto via *WhatsApp*. Assim que a data da entrevista era agendada, encaminhava o TCLE para que pudessem ler antes do encontro. Combinei, ainda, que chamaria pelo vídeo do aplicativo, no dia da data agendada. No entanto, sempre, nos dias das entrevistas, realizei uma chamada por texto, verificando se poderia fazer a chamada de vídeo. Ao iniciar a chamada, me apresentava e pedia se haviam dúvidas quanto ao TCLE. Todas compreenderam o termo e autorizaram, verbalmente, tanto a participação quanto a gravação, que foi realizada via *Google Mee*t. Ou seja, no computador mantinha o

²⁶ Participarão da pesquisa imigrantes haitianos(a) ou venezuelanos(as) com idade igual ou superior a 18 anos, que compreendam minimamente a língua portuguesa.

Google Meet gravando e no celular mantinha a chamada de vídeo pelo WhatsApp. Somente o entrevistado e a entrevistada E3 e E4 realizaram diretamente pelo Google Meet a entrevista. Todas as entrevistas foram transcritas e tanto as gravações quanto as transcrições estão armazenadas em um pen drivre que está guardado em lugar seguro pela pesquisadora. Em cinco anos, este material será incinerado. Importante destacar que os cuidados quanto à segurança do uso das tecnologias foram realizados e os objetivos, metodologia, riscos e benefícios da pesquisa anunicados aos(às) entrevistados(as), bem como conversado sobre as políticas de privacidade das ferramentas utilizadas. Não houve intercorrências durante as gravações. Todas orientações para procedimentos em pesquisas em ambiente virtual foram seguidas (CONEP, 2021; CNS 2016). As conversas ocorreram em uma mescla de português e espanhol. Ora portuñol ora espanguês, como uma das entrevistadas brincou.

Quadro 1 - Entrevistas realizadas

Entrevistada e outras informações	Percursos
E1	Homem, Mulher e Criança A avó materna também estava junto, mas ficaria somente 3 meses no
Entrevista em 17.03.2021 83 minutos de conversa	Brasil, visitando a filha (E5).
2 adultos (casal) 1 menino (3 anos atualmente - 1 ano e 4 meses quando migra) Homem: 2 filhas, maiores, na Venezuela	Outubro 2019 - Ônibus de Puerto Ordaz (saíram 16h) a Santa Elena (chegaram 5h) (Venezuela - 450km) - guardas pararam 3 vezes. Normalmente leva 8h, levou 12h Táxi de Santa Elena a Pacaraima/RR (Venezuela-Brasil 17km) - Ônibus Pacaraima/RR a Boa Vista/RR (214km)
Tem tido muitas transições, muitas coisas. As circunstâncias na Venezuela perceber como vão se dando as circunstâncias, as situações a economia, a saúde todas essas coisas são muitos sentimentos	[Homem viaja em Janeiro de 2020, sozinho, pois conseguiu vaga de emprego em Venâncio Aires pela Operação Acolhida (OA). Mulher e criança juntam dinheiro para ir posteriormente. Há uma incógnita aí, pois geralmente é a família que viaja na OA.]
muitas coisas não é fácil migrar. Não é fácil estar sozinho. Não é fácil não.	Março 2020 - Avião de Boa Vista/RR (saíram 1h) a Brasília/DF (chegaram 6h) - 4h de espera no aeroporto Avião de Brasília/DF a Porto Alegre/RS (chegaram 13h) - Taxi do Aeroporto até a Rodoviária - Ônibus de Porto Alegre/RS (saída 14h) a Venâncio Aires/RS (chegadas 16h30) (150km)

E2

Entrevista em 18.03.2021 35 minutos de conversa

(A entrevista foi interrompida por visita de uma família brasileira, a qual eles têm muito carinho. Embora houve a interrupção, muito já havíamos conversado também.)

2 adultos (casal)

- 1 menino (14 anos atualmente) e 1 menina (12 anos atualmente)
- 1 meninas na Venezuela (10 anos atualmente está com a tia paterna e avó paterna)

O principal desafio que podemos perceber, como já disse, eu viajei sola e eles viajram solo uma parte... e eles quando chegaram em meu braços, eles chegaram em carência... muito diferente como você hay visto; já estão recuperados em certo sentido, porque foi bastante traumático a viagem para eles, não tanto a viagem mais o sentido de ter migrado de nuestro país até este país. E assim como te disse, a linguagem, adaptarse a um novo país, as pessoas...

Menino e menina

Dezembro 2020

- 3 semanas de caminhada, por *Trochas*, com um primo (sobrinho do pai). Entraram por Pacaraima/RR (Brasil), *mesmo com fronteiras fechadas. Passaram por uma trocha para ir a Boa Vista* (214km).
- Por terra de Boa Vista/RR a Manaus/AM (740km). Daí eles passaram por terra hasta Manaus.
- Por terra de Manaus/AM a Porto Velho/RO (880km). Foi bastante complicada a viagem. Mucho complicado. De Porto Velho eles tomaram um avião, hasta Santa Catarina.
- Avião Porto Velho/RO a Santa Catarina (SC). Aí sim viajaram de avião. E de SC nós viemos juntos, meus filhos e eu, para cá, para Venâncio Aires. Em Janeiro, deste ano (2021).

Janeiro 2021

- Ônibus de SC para Venâncio Aires (VA).

Homem

Janeiro 2020

[Entrevistei a mulher. Ela conta somente que o marido chegou em janeiro de 2020 a VA, por vaga de trabalho que conseguiu por indicação de um amigo].

Quem escolheu o Brasil foi meu esposo. Porque fizeram uma proposta de trabalho para VA. E uma família que está aqui disse que tinha um senhor que precisava de personal obrero para una serradero [?]. E daí [?] pediram a meu esposo e pelo voo da ONU também que trouxe ele primeiro.

Mulher

Junho 2019 a Junho 2020

- Ficou um ano no Peru. Marido estava no Brasil e filhos na Venezuela. Com a pandemia e crise na Venezuela, resolveu vir também e trazer também os filhos.

Eu me vim a pé praticamente, durei 3 meses para vir para o Brasil. De carona, a pé... así ... poquito a poco... me quedava en algun pueblito... e outro dia mais así até llegar a Brasil. Entrei por trocha também, por Bolívia. Peru, Bolívia e Brasil estão juntas, por este lado, en Assis [Assis Brasil, município no Acre].

Junho 2020

- Assis Brasil (Acre/Brasil) (3 semanas de quarentena) a Brasília (1950km).
- Brasília (2 semanas de quarentena) a Rio Branco/AC (3100km)
- Ônibus Rio Branco/AC a Santa Catarina (conseguiu pela Cáritas) (3700km).
- Avião SC a Porto Alegre: 5 meses de espera em SC (encontrou os filhos) (vôo pela ONU).
- Önibus de Porto Alegre/RS a Venâncio Aires/RS (150km).

E3 e E4

Casal

Entrevista em 27.03.2021 68 minutos de conversa

2 adultos (casal)

2 meninas (à epoca da migração, com 7 e 10 anos)

Será que se alguém começa a atiçar essa greta, será que não vem uma guerra civil? Será que eu, ou minha filha, amanhã, como migrantes, vamos ter que fugir, porque vão colocar fogo na casa de um migrante, como acontece na Alemanha, como acontece em outros países? [...] Por isso minha preocupação. Minha preocupação é por isso. Eu lamentavelmente não poderia te ajudar... eu gostaria... eu queria poder dizer "eu tenho uma solução"... mas realmente a única coisa que consigo enxergar são os problemas... o que posso te dizer são o que a gente viveu para chegar até aqui.

Homem

1998

- Fazia trabalho esporádicos em Encantado/RS (Brasil).
 2000
- Buenos Aires (Argentina) a Encantado/RS: veio sozinho e ficou dois anos.

Mulher e Crianças

2002

- Buenos Aires (Argentina) a Encantado/RS.

[Essa é uma família que migrou anterior à Lei das Migrações (2017). Logo, há algumas particularidades no processo migratório deles].

Acho que foi 2009... ou 2006... não lembro ... antes disso a gente precisava renovar [o visto], ir a cada 3 meses. Nesse final de semana que a gente saía [para Buenos Aires], assim... em um sábado na madrugada e voltava domingo de noitezinha, para segunda começar a semana de novo. Assim... uma maratona... a gente conseguia fazer em 2 ou 3 dias visitas a todos [gesticula com a mão e fala em uma intensidade maior e mair rápido]. Acho que isso também, entre aspas, ajudou um pouquinho a diminuir a saudade. Porque se a gente tivesse vindo e não tivesse voltado logo, teria sido mais difícil.

E5

Entrevista em 12.04.2021 67 minutos de conversa

2 meninos e 1 menina (11, 6 e 5 anos quando migraram)

Olha... Eu vou falar para você... OBRIGADA!
Eu falo para minha mãe que eu fico... se eu
pudesse falar para algum governador, para
algum presidente, eu falo "obrigada"! Tem
muita ajuda para o migrante venezuelano,
muita ajuda. Têm vizinhos, têm amigos que
migraram a outro país e é bem difícil. O
negócio do papel, o negócio do trabalho.
O Brasil abriu as portas para nós. Graças a
Deus eu fiz a seleção certa. Não migrei para
outro país, senão que migrei para aqui, para
o Brasil. A dificuldade só foi o idioma e eu
vi que não é tãoooo complicado, tanpouco.
Complicado é falar inglês. Que muda tudo.

Aqui é um portunhol.

Homem

2016 a 2018

- Vinha esporadicamente fazer trabalhos no Brasil. Julho 2018
- Boa Vista/RR. Agravamento da crise na Venezuela, família resolve migrar. Ele vem primeiro.
- Avião Boa Vista/RR a Chapecó/SC: Operação Acolhida.

Mulher e Crianças

Setembro 2018

- Puerto Ordaz (Venezuela) a Pacaraima/RR (620km)
- Automóvel de Pacaraima/RR a Boa Vista/RR (homem buscou) (214km)

Junho 2020

- Avião de Boa Vista/RR a Chepecó/SC: Operação Acolhida (Boa Vista/RR a Manaus/AM - 1 dia em um refúgio; Manaus/AM-Campinas/SP; Campinas/SP-Florianópolis/SC; Florianópolis/SC-Chapecó/SC).

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Das escutas dessas histórias, e dos percursos e trajetos apresentados, apostamos na criação de um personagem conceitual - ele já andou *voando* pelo texto apresentado. Afinal, são tantas histórias, estórias, memórias... que produzem o arquivo da tese, que entendemos que "[...] os 'devires' têm muito mais importância que a história" (Gilles Deleuze, 1992, p. 43). Ou, ainda, como Betina Hillesheim, Anita Guazzelli Bernardes e Patrícia Flores de Medeiros (2009) apontam que

o trabalho do[a] pesquisador[a] seria no sentido de compreender o que está acontecendo, engendrar o conhecimento no próprio percurso da pesquisa e não fazendo a leitura de algo que já é conhecido e que se reapresenta, devendo, portanto, ser reconhecido. O[A] pesquisador[a] abre-se ao encontro – com a onda, com o mar, com a areia, com as gaivotas, com os peixes, com as conchas, com o vento... – e, a partir disto, faz emergir um mundo que antes existia como virtualidade e se atualiza pela observação. Portanto, a pesquisa não se faz pela representação das formas, mas pelas forças circulantes, sendo que a observação não deve dizer da essência, mas do acontecimento (p. 222).

Das observações e dos encontros, produzir acontecimentos. As autoras provocam, a partir do texto literário *Palomar na praia: leitura de uma onda*, de Ítalo Calvino, a colocar em análise os processos de investigação, principalmente a observação. Ao tomarem a observação não como "um fenômeno evidente no campo da pesquisa, mas como um problema do próprio campo" (p. 213), situam este em uma ordem de criação. Aceitamos o desafio. Criamos um *menino-pássaro*.

[Anúncio de criação de] Territórios. Personagem conceitual.

Inspiro. Piro. Paro.
Degusto. Olho. Sinto.
Lágrimas. Risos. Pausa.
II
Intensidade que vibra.
Muita vida. Muita dor.
Muito amor.

(Memórias. Em algum dia pandêmico. Março, 2021)

Migro. Migro na *ordem* da pesquisa. Percursos de idas e vindas que vão produzindo um *corpo*-cartógrafa.

Para realizar sua intenção, [a] cartógrafa[a] papa matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Nesta expedição, por exemplo, para traçar suas cartografias foi se aproximando de tudo o que encontrava pelo caminho, e também daquilo que se lembrava [...]. [A] cartógraf[a] é, de fato, um[a] antropófag[a]-em-nós (ou pelo menos é o que el[a] tenta ser) (Suely Rolnik, 2006, p. 232).

Sinto-me como Suely Rolnik. *Papando* memórias, encontros, vivências, vidas. Mas não é um *papar para mim*, para experiência *do eu*. É um papar político, implicado com as vidas e com a pauta que o tema da pesquisa se propõe a enfrentar. Em algum ponto do rizoma já anunciei que "se a pesquisa não tem a ver com a vida que vivemos, então decididamente não faço e não quero fazer pesquisa" (Walter Omar Kohan, 2016, p. 48). *Uma* vida que remete a um agenciamento coletivo. São os acontecimentos e agenciamentos dessa vida que os *territórios* da tese nos apresentam. Uma tese que em seu princípio seria com crianças haitianas e que foi se constituindo, a partir principalmente da entrada de um *vírus*, em uma pesquisa que colocou crianças e migrações em encontro. Crianças que estão por aí, sem fronteiras. Um vírus geralmente faz isso: bagunça. Talvez foi pelo vírus que as fronteiras - inclusive da pesquisa - se romperam. Uma linha de fuga.

Para construção dos territórios da tese, um personagem conceitual, que "opera os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de seus conceitos; [...] são[/é um] verdadeiro[s] agente[s] de enunciação" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 86-7). Menino-pássaro. Nosso personagem-conceitual. Nosso sedentário, migrante e nômade. Ele põe em movimento os instituídos que a criança-migrante carrega - as linhas segmentárias -, ao mesmo tempo que rompe territórios, *migrando* e destituindo as faces rígidas dos encontros entre criança e migrações, promovendo reterritorializações que dizem dos desejos que pedem passagem.

A diferença entre os personagens conceituais e as figuras estéticas consiste de início no seguinte: uns são potência de conceitos, os outros, potências de afectos e perceptos. Uns operam sobre o plano de imanência que é uma imagem de Pensamento-Ser (número), os outros, sobre um plano de composição como imagem do Universo (fenômeno) (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 87-8).

Ao ter como papel "manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 92), o personagem conceitual desta tese - menino-pássaro - se compôs de muitos

encontros. Encontros já anunciados pelo mapa (cartografia) da tese, mas que vale retomar:

- Vida cotidiana: encontros com migrantes pelas cidades do Rio Grande do Sul: Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Encantado, Porto Alegre.
- Vida de estrangeira: visita técnica com o Grupo de Pesquisa a Portugal, em outubro de 2018.
- Arte de Raiz Ai WeiWeie outras que cruzaram (literatura infantil, principalmente)
- Contato com a AME Encantado.
- Oficina na AVESOL Porto Alegre.
- Materiais de domínio público.
- Entrevistas: encontros com vidas de 4 famílias migrantes.

Percursos que possibilitaram a produção, a criação de territórios que dizem do encontro entre crianças e migrações. Um encontro que precisa ser sem fronteiras para poder acontecer. Para isso, nada melhor que um menino-pássaro, que acopla humanos e não-humanos, para em seus voos nos mostrar o devir-infância que o processo migratório carrega.

Caminho II. Achei uma criança-migrante.

Saio do abismo sem *uma* criança-migrante e nem se quer com a criança-migrante. Aposto em outro caminho: nos materiais de domínio público. Suspendo as pessoas. Um vírus. Uma enchente. Um abismo. Os *rastros* da criança-migrante se perderam. Puxo um outro fio. Uma nova entrada no rizoma. Fazer rizoma com as redes digitais. O vírus continua afastando a presencialidade. Já é 2021. A vacina está chegando, mas muito lentamente. O ponto de encontro é a rede mundial de computadores²⁷. Mais precisamente, no sítio de busca *Google*®. Uma parada no portal.

Significado de Portal substantivo masculino

Porta grande e principal de um edifício; pórtico, portela, portada. Ornatos que revestem essa porta ou fachada que a compõe. Porta grande; ombreira da porta ou portão.

[Informática] Site com muitos serviços, informações, materiais, correio eletrônico etc., relativos a um determinado tema ou âmbito do conhecimento. adjetivo

[Anatomia] Relativo à veia porta, ao vaso sanguíneo que garante a circulação do sangue sem oxigênio dos órgãos do aparelho digestivo e do baço para o fígado²⁸.

²⁷ www = world wide web.

²⁸ Disponível em https://www.dicio.com.br/portal/. Acesso em 26 fev 2021.

Porta. Conhecimento. Oxigenação dos sistemas. O portal nos possibilita acessar a pesquisa *sobre*. Uma linha dura. Uma linha que *acha* a criança-migrante, em forma de **criança-corpo**. Ainda não é possível singularizarmos. Acessar o que se divulga sobre ela. Ainda estamos *sobre*... Por onde começar? Digitando palavras. Alguns critérios:

- (1) Descritores de busca: criança, infância, criança migrante e infância migrante. No singular.
- (2) Onde? Em organizações nacionais e internacionais que atuam no Brasil.
- (3) Como definir quais? Aquelas citadas em artigos e legislações sobre migrações que compuseram o estado da arte no projeto da tese (Quadro 2). Além destes, também os relatórios produzidos pelas organizações pesquisadas.
- (4) Quando: 2020. Por quê? Por ser ano que a pesquisa com as crianças migrantes iria ocorrerlocorreu.

Quadro 2. Organizações pesquisadas

Organizações Nacionais	Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS)		
	Ministério das Relações Exteriores (MRE)		
	Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) Polícia Federal (PF) Portal da Imigração		
Organizações Internacionais	Organização das Nações Unidas (ONU) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Pacto Global - Organização das Nações Unidas (ONU) Organização Internacional do Trabalho (OIT)		
	International Organization for Migration (IOM)		

Delektrice	Linday 2 - Potticiona Busil Bulatida Appel 0000 (ORMine 0000) de
Relatórios	Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020 (OBMigra, 2020), do Observatório das Migrações Internacionais
	World Migration Report 2020, do International Organization for Migration (IOM, 2020), mais especificamente o capítulo 8
	A child is a child (UNICEF, 2017)
	As regras do jogo. Uma introdução à ação normativa da Organização Mundial do Trabalho (OIT, 2019a)
	Construir sistemas de proteção social: Normas internacionais e instrumentos de direitos humanos (OIT, 2019b)
Legislações	LEI Nº 9.474, DE 22 DE JULHO DE 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências.
	LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. Institui a Lei de Migração.

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Criança-migrante novamente no caminho. Pesquisa. Menino-pássaro segue voando.

Caminho III. Compondo um território

Encontramos a criança-migrante. Mas seguimos na busca de *uma*. Ela voltou. Adentrar ao *portal* nos trouxe um emaranhado de linhas. Linhas que merecem cuidado para desatá-las. Começamos lançando um *olhar panorâmico* (Quadro 3).

Quadro 3. Entrando nos portais²⁹.

Portal	Descritores para busca	Registros encontrados (total)	Ano 2020
Organismos nacionais ³⁰			
Ministério do Trabalho e Previdência Social	Criança	1	0
(MTPS) Secretaria Especial de Previdência e Trabalho Iho https://www.gov.br/trabalho/pt-br	Infância	0	0
	Criança migrante	0	0
	Infância migrante	0	0

²⁹ Buscas realizadas em 25 de janeiro de 2021.

³⁰ Os portais .gov.br migraram para uma nova plataforma. Desse modo, tanto a busca quanto o filtro para a busca de informações, em alguns momentos, apresentaram-se com dificuldades, principalmente no item nomeado "mídia".

	Y	·	
Ministério das Relações Exteriores (MRE) https://www.gov.br/mre/pt-br	Criança	Notícias 360 Mídia 58	7 1
	Infância	Notícias 85 Mídia 34	2 0
	Criança migrante	Notícias 38 Mídia 38	0 0
	Infância migrante	Notícias 20 Mídia 27	0
Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) Polícia Federal (PF)	Criança	Notícias 166 Mídia 237	96
https://www.gov.br/pf/pt-br			Não foi possível filtrar
	Infância	Notícias 6 Mídia 6	3 3
	Criança migrante	Notícias 0 Mídia 12	0 2
	Infância migrante	1	1
Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP)	Criança	13	0
Portal da Imigração	Infância	4	0
https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/	Criança migrante	9	0
	Infância migrante	4	0
Organismos in	ternacionais	,	
Organização das Nações Unidas (ONU)	Criança	0	0
https://brasil.un.org/pt-br/	Infância	0	0
	Criança migrante	0	0
	Infância migrante	0	0
Organização das Nações Unidas para a Educa-	Criança	Não é possív	
ção, a Ciência e a Cultura (UNESCO) http://www.unesco.org/new/pt/culture/themes/	Infância	busca no site A busca que existe no site remete ao portal Google (uma busca global, e não no sítio).	
underwater-cultural-heritage/protection/unescos-	Criança migrante		
-work/	Infância migrante		
Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNI-	Criança	403	181
CEF)	Infância	305	163
https://www.unicef.org/brazil/	Criança migrante	15	8
	Infância migrante	9	7
Pacto Global - Organização das Nações Unidas	Criança	0	0
(ONU)	Infância	0	0
https://www.pactoglobal.org.br/	Criança migrante	0	0
	Infância migrante	0	0
Organização Internacional do Trabalho (OIT)	Criança	645	33
https://www.ilo.org/brasilia	Infância	11	0
	Criança migrante	235	11
	Infância migrante	77	0

	0				
International Organization for Migration (OIM)	Child	-	40		
https://www.iom.int/	Childhood	-	4		
	Migrant Child	-	27		
	Migrant Chil-	-	3		
	dhood				
Relatórios					
Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual	Criança	25			
2020 (OBMigra., 2020) ³¹	Infância	0			
[No Portal de Imigração]	Criança migrante	0			
	Infância migrante	0			
World Migration Report 2020, do International Or-	Children	327			
ganization for Migration (IOM, 2020), mais especi-	Childhood	4			
ficamente o capítulo 8	Migrant Child	4			
	Migrant Children	44			
	Migrant Chil-	0			
	dhood				
A child is a child (UNICEF, 2017)	Child	190			
	Childhood	9			
	Migrant Child	2			
	Migrant Children	33			
	Migrant Chil-	0			
	dhood				
As regras do jogo. Uma introdução à ação nor-	Criança	26			
mativa da Organização Mundial do Trabalho (OIT, 2019a)	Infância	0			
2019a)	Criança migrante	0			
	Infância migrante	0			
Construir sistemas de proteção social: Normas internacionais e instrumentos de direitos humanos (OIT, 2019b)	Criança	334			
	Infância	8			
	Criança migrante	0			
	Infância migrante	0			

Fonte: produzido pela autora, 2021.

Transformo as buscas em números. Crio a **criança-número**. Já que perdi e achei a criança-migrante pelo caminho, tento materializar ela em números. Criamos ela para não perder. O número fixa. O número fica. O número me incomoda, mas ele dá visibilidade. Dizer que a criança-migrante chegou ao Brasil é diferente de dizer que 14% da população que chega ao Brasil é de crianças - dados de 2020 (Migration Data Portal, 2021), e 9,5% no Rio Grande do Sul (DEE-SPGG RS, 2020). Mas são

-

³¹ O Observatório das Migrações Internacionais, OBMigra, foi instituído a partir de um termo de cooperação em 2013 entre o Ministério do Trabalho (MTb), por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e a Universidade de Brasília (UnB). Com a extinção do Ministério do Trabalho (MTb) em janeiro de 2019, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) assumiu as competências do antigo Ministério no que diz respeito às questões de imigração laboral, incluindo o CNIg. Com isso o OBMigra passou a cooperar diretamente com o MJSP (Disponível em https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio. Acesso em 14 fev 2021).

42% no mundo (Migration Data Portal, 2021). *Números, números, números. O que é, o que são. O que dizem sobre você*. Papas da Língua cantam a música *Essa não é a sua vida*. Concordo. Números não são a vida da criança-migrante, mas é por eles que nos aproximamos do território criança-migrante. Digo diferente. Números também são crianças-migrantes, mas não só. Sinto que é a criança-número que nos levará a *uma* criança-migrante. "Os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1992, p. 15). Números nos remetem à universalidade. Provocada pelos autores, passo a tentar *abrir* os números que *falam sobre* as crianças, para tentar transferir o *sobre* para o *com*, visto que "sempre que se está numa época pobre, a filosofia se refugia na reflexão "sobre"... Se ela mesma nada cria, o que poderia fazer, senão refletir sobre? Então reflete sobre o eterno, ou sobre o histórico, mas já não consegue ela própria fazer o movimento" (Gilles Deleuze, 1992, p. 156).

Território visibilizado. Agenciamentos que colocam corpos em relação e *fazem* dizer das pessoas, dos(as) migrantes. São números seguidos de substantivos, adjetivos e em alguns momento verbos, que conjugam passado, presente e [previsões de] futuro. "Pensa-se demais em termos de história, pessoal ou universal. Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 10). Mesmo que o numeral nos expresse quantidade, passamos a constituir aquela leitura de número como *uno: o(a)* migrante, *a* criança. O número territorializa o que é possível dizer e falar em uma geografia de tempo. O que agenciamos quando colocamos crianças em números? Talvez Gilles Deleuze (1992) possa nos ajudar, quando discute as sociedades de controle, ao caracterizá-las com um princípio modulador, isto é, "como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro" (p. 225). Somos cifras, somos dados, somos amostras. Logo, ao agenciarmos crianças em números não olhamos para as singularidades, mas para uma massa.

Uma entrada: trabalho. Outra, justiça. Uma saída [?], segurança. E a educação? No meio desses caminhos, *infâncias*. Para ela, uma pausa. Ainda não. Falta um pouco. Outra linha [talvez a de fuga] irá convidar ela a tecer. Nesse momento, o convite a mais um desenho. Um desenho de um emaranhado de fios. Muitos nós. Muitas linhas. Desenrolá-las. Amarrá-las a novas possibilidades. Desenterrá-las para visibilidade. Voltamos ao quadro 3.

Zero. Invisível. Invisível. Zero.

O zero (0) é um número e também um algarismo usado para representar número nulo no sistema de numeração³². Criança. Infância. Migrante. Nulo. Originalmente o zero, representado como uma casa vazia, foi o maior avanço no sistema de numeração decimal. Portanto, o zero evoluiu de um vácuo para uma casa vazia ou a um espaço em branco para enfim transformar-se em um símbolo numérico usado pelos hindus e pelos árabes antigos³³. Vácuo para casa vazia. Espaço em branco para símbolo. Criança-migrante. Vácuo. Casa vazia. Espaço em branco. Símbolo. Qual espaço em branco ela ocupa? Qual símbolo ela convoca? Seguimos. Descubro que o zero é nada e tudo.

Na literatura matemática atual, o significado do valor do zero é usado como se não houvesse nenhum valor numérico ou substancial propriamente dito e também desempenha papel chave da notação necessária ao sistema decimal, em que o zero muitas vezes surge como um guardador de lugar (para diferenciar, por exemplo, números como 52 de 502, de 5002, etc), e para expressar todos os números com nove dígitos, do um ao nove e o zero como o décimo numeral (grifos nossos).

Não tem valor numérico, mas surge como *guardador de lugar*. Um nada, um vazio, que guarda lugar. Criança-migrante: zero. Criança-migrante: guarda lugar. Mas qual lugar? Ela não guarda. Ela compõe. Ela faz devir. Ela traz novas crianças para compor com ela. **Criança-número-zero** e criança-invisível. Crianças de um espaço estriado. Cheio de garras, que amarram e enrolam forças institucionalizadas. Forças que a conectam à família, que não a diferenciam, que não a singularizam. Invisibilidade. *Qualidade, condição, atributo do que é invisível, do que não apresenta visibilidade. Invisível. Que não corresponde a uma realidade sensível.*

Zero e invisível compõem sim. Compõem a invisibilidade das crianças [migrantes]. Resta saber como? Em 04.12.2018 o diário de campo acusava a invisibilidade. *As crianças migrantes não existem. Não as vejo.* Será que não ver é não existir? Realidade sensível. Eis o fio que nos abre caminhos para a busca da criança-migrante. É ele que vamos seguir.

A criança-invisível fica invisível quando falamos em trabalho. Começaremos por esta linha. No sítio do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) não há

³² Disponível em https://www.dicio.com.br/portal/. Acesso em 07 mar 2021.

³³ Disponível em https://www.dicio.com.br/portal/. Acesso em 07 mar 2021.

menção alguma à criança e à infância e, consequentemente, à criança e à infância migrantes. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei instituída em 1990 no Brasil, cujo propósito é garantir a proteção integral a crianças e adolescentes, conforme artigo 60: "É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz" (Brasil, 1990, texto digital). Pelo mesmo regramento é considerada criança aquela que tiver idade inferior a doze anos. No entanto, como estamos falando de migrações internacionais, de crianças migrantes, estaremos atentando àquelas com idade de até 18 anos, conforme a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989, que afirma, no artigo 1º que "para efeito da presente Convenção, considera-se como criança todo ser humano com menos de 18 anos de idade, salvo quando, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes" (ONU, 1989, texto digital).

Ouso afirmar que a invisibilidade das crianças quando o assunto é trabalho é o esperado. Talvez resida aí o sensível da invisibilidade. Nada de novidade nesse ponto. Talvez sensibilidade. No entanto, ao olharmos para a organização internacional que consultamos, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), encontramos 33 registros na busca por crianças e 11 registros na busca *criança migrante*. Quando vamos aos dois Relatórios analisados (OIT, 2019a; OIT, 2019b), há 26 registros para crianças no relatório A e 334 registros no B. Em *infância*, nenhum no portal e nenhum no relatório A. Já o relatório B, oito inserções.

Com adjetivação migrante, um menor resultado na busca, mas, quem sabe, uma visibilidade. A minúcia que a sensibilidade nos pede. E não é qualquer adjetivação. É migrante. Se refinarmos ainda mais essa busca, das 11 inserções no portal, seis não dizem respeito às crianças migrantes (mesmo que na busca apareceram como resultado). Restam cinco. Será que nos falam de crianças? Já nos dois relatórios, zeramos as buscas.

O vírus produz um desvio no caminho, pois o ano da busca é 2020. Tal qual fizemos com o vírus, também estamos na busca do paciente zero (ou um?). Mas aqui, a criança-número-zero não remete à origem, à primeira, mas a um ponto de partida, a uma *linha* de partida. Na busca na OIT, não foi especificamente a criança-migrante que encontramos. Encontramos os pais, mães e/ou cuidadores(as). A criança-família novamente. São esses os(as) principais atores(as) da organização. Encontramos as crianças em ações de prevenção. Isto é, em ações de combate ao trabalho infantil.

Nasce a criança-vulnerável. No relatório Construir sistemas de proteção social: Normas internacionais e instrumentos de direitos humanos (OIT, 2019b), a proteção e a segurança são fios condutores das ações envolvendo as crianças. Há 334 inserções com o termo criança no relatório de 199 páginas e oito para infância. Ao olharmos com atenção percebemos que a infância é utilizada como sinônimo de criança e, ainda, muito vinculada à maternidade. Nestas oito inserções, proteção da infância e maternidade são o foco. Importante destacar que as normas de segurança social são o escopo do relatório.

> a maternidade e a infância têm direito a ajuda e a assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimónio, gozam da mesma proteção social (sic) (OIT, 2019b, p. 2).

Importante destacar que a OIT não tem como foco somente o trabalho de migrantes. Seu interesse é sobre o trabalho. Sobre talvez a principal peça do aparelho de Estado (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b). O trabalho põe em jogo regras. Muitas e diversas. "O aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou segundo a qual temos o hábito de pensar (p. 15-6). A preocupação do Estado é conservar" (p. 20). Essas organizações operam no espaço estriado. Imbricam-se com as engrenagens que o Estado necessita, corroborando para a manutenção do sistema (capitalista). É também pela economia - que o vírus colocou em xeque em 2020 -, que o Estado se mantém. Assim, das cinco reportagens que *restaram* para análise, quatro se relacionam com a pandemia:

> Reportagem 1. Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil 2020. Folheto COVID-19: Protejam crianças e adolescentes do trabalho infantil, agora mais que nunca! (11.06.2020)34

> Reportagem 2. COVID-19 pode levar mais milhões de crianças ao trabalho infantil, destacam OIT e UNICEF (12.06.2020)35

> Reportagem 3. COVID-19: Proteger crianças e adolescentes do trabalho infantil. Seminário virtual discute o combate ao trabalho infantil em tempos de COVID-19 (23.11.2020)36

> Reportagem 4. Nota informativa. Respostas à crise causada pela COVID-19 no âmbito da Proteção Social: respostas dos países e considerações em matéria de políticas. Foco sobre a Proteção Social (20.04.2020)37

³⁴ Disponível em https://www.ilo.org/brasilia/publicacoes/WCMS_747709/lang--pt/index.htm. Acesso em 02 fev

³⁵ Disponível em https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_747890/lang--pt/index.htm. Acesso em 02 fev 2021.

³⁶ Disponível em https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_761850/lang--pt/index.htm. Acesso em 02 fev 2021.

³⁷ Disponível em https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---soc_sec/documents/publication/ wcms_747789.pdf. Acesso em 02 fev 2021.

A proteção social, o combate ao trabalho infantil e à exploração do trabalho são as pautas condutoras das reportagens no sítio e nos dois relatórios da OIT. Essa é a visibilidade sensível que a criança-invisível nos apresenta. Ela faz dupla com a criança-família. Visto que o trabalho foi o mais ameaçado durante a crise econômica que se intensificou com a pandemia, a OIT, no esforço de garantia dos princípios e direitos fundamentais do trabalho, reitera a igualdade de tratamento e de oportunidade, para que nenhum(a) trabalhador(a) sofra discriminação devido à idade, ao sexo, à raça, ao status migratório ou à crença religiosa (reportagem 1). Ou seja, a menção que encontramos nessa reportagem não diz respeito diretamente à criança migrante - expressão de busca -, mas à família da criança migrante.

Além de serem as famílias mais afetadas em períodos de crise, as famílias migrantes também são as mais vulneráveis. Das cinco reportagens, quatro fazem menção aos(à) migrantes.

Filhos(as) defamílias migrantes que fugiram de conflitos e desastres, de extrema pobreza ou de violações dos direitos humanos, são muito mais afetados(as). [...] A desigualdade, a exclusão social e a discriminação, exacerbadas pelas crises, tornam a situação ainda pior. Esse é particularmente o caso de povos indígenas, minorias étnicas, pessoas deslocadas internamente, pessoas com deficiência, famílias chefiadas por uma única pessoa e crianças e adolescentes destituídas do poder familiar por ausência ou outras razões (reportagem 1 - grifos nossos).

<u>Grupos populacionais vulneráveis</u>, particularmente aqueles que trabalham na economia informal e <u>trabalhadores migrantes</u>, sofrerão mais com os efeitos da recessão econômica, o aumento da informalidade e do desemprego, a queda geral nos padrões de vida, os choques na saúde e os sistemas de proteção social insuficientes, entre outras pressões (reportagem 2 - grifos nossos).

Evento virtual faz parte da campanha "Proteja o Trabalho", que visa fornecer informações para pessoas migrantes e refugiadas sobre as medidas adotadas em relação ao mundo do trabalho durante a pandemia [...]. O evento é o quarto encontro virtual promovido pela campanha "Projeta o Trabalho" e o tema será abordado em blocos, desde a <u>situação vivenciada nos corredores migratórios até o impacto do trabalho infantil em crianças e adolescentes</u> (reportagem 3 - grifos nossos).

Além da trágica perda de vidas humanas devido ao próprio vírus, a crise provavelmente acarretará enormes custos humanos de outras maneiras e pode levar ao <u>aumento da pobreza e desigualdade</u>, com efeitos especialmente adversos para pessoas idosas, pessoas com deficiência ou com doenças crônicas, <u>trabalhadores migrantes e pessoas deslocadas à força</u> (reportagem 4 - grifos nossos).

A quinta reportagem (reportagem 5) não se configura como uma matéria - geralmente datada -, mas a uma seção nomeada "Temas" no sítio. A temática é "Trabalho escravo e forçado³⁸", onde apontam

O trabalho forçado pode assumir diferentes formas, incluindo a servidão por dívidas, o tráfico e outras formas de escravidão moderna. As vítimas são os mais vulneráveis - mulheres e meninas forçadas a se prostituírem, migrantes presos na servidão por dívida e trabalhadores de fazendas ou oficinas de costura obrigados a trabalhar através de táticas claramente ilegais e recebendo pouco ou nada por isso (reportagem 5 - grifos nossos).

Entre 1995 e 2015, foram libertados 49.816 <u>trabalhadores que estavam em situação análoga à escravidão</u> no Brasil. Os trabalhadores libertados são, em sua maioria, <u>migrantes internos ou externos</u>, que deixaram suas casas para a região de expansão agropecuária ou para grandes centros urbanos, em busca de novas oportunidades ou atraídos por falsas promessas (reportagem 5 - grifos nossos).

Novamente a criança-invisível se apresenta. A criança-migrante continua desaparecida. No entanto, vemos a força da criança-família, pois ela é indiretamente referenciada quando há a preocupação na manutenção dos postos de trabalho, das várias jornadas que as mulheres assumem - trabalho, cuidado com a casa e cuidado com as crianças -, e, ainda, no caso da pandemia, com o fechamento das escolas e a dificuldade de conciliar o trabalho com o cuidados das crianças. Afinal, são 10,7 milhões de crianças em situação de trabalho na América (OIT, 2019a, p. 43). Com certeza a criança-migrante também reside nesses números. Ela reside como criança-número, *invisível*.

Chama atenção que a criança-família é adjetivada, quase que em todas as passagens, pela *vulnerabilidade*. Uma vulnerabilidade que parece ser conhecida, óbvia, dada. Criança-família faz rizoma com criança-vulnerável

Independentemente da razão ou justificativa da criança em migrar, ou da documentação que ela possua, a intervenção de atores públicos ou privados que eventualmente atendam essas pessoas deve estar focada na garantia de direitos e proteção (ENAP, 2021a, p. 16).

Talvez é com a criança-família que encontramos um rastro da criança-migrante, pois a família lança alguma visibilidade sobre ela. A família é mais uma instituição, tal qual o trabalho, que o aparelho de Estado necessita: "[...] ao Estado consiste em estriar o espaço, contra tudo o que ameaça transbordá-lo" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b, p. 64). A busca realizada na organização nacional (MTPS) nos deixou

³⁸ Disponível em https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-escravo/lang--pt/index.htm. Acesso em 02 fev 2021.

no *vazio*, na *invisibilidade*, enquanto que a internacional (OIT) nos mostrou as estrias que o trabalho apresenta: ele não é para crianças; ele é fundamental para a economia de um Estado; ele faz frente à escravidão. Ele invisibiliza e visibiliza a criança-migrante. Uma contradição. Um paradoxo.

Essas estrias também são vistas quando visitamos o sítio da Polícia Federal, vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Encontramos dois registros ao buscarmos por criança; três em infância e quatro em infância migrante. Na busca por criança migrante não houve ocorrências. A segurança é talvez o território onde a criança *guarda lugar*. A criança-vulnerável sendo cuidada. De certo modo, as ocorrências vinculadas ao trabalho também *guardam lugar*. Guardam lugar do nãotrabalho - que não é para criança -; guardam lugar da não escravidão; guardam lugar aos direitos preconizados pelo ECA (1990) e pela Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). Não é à toa que o descritor *criança* foi o com o maior resultado de busca. Mas sem *migrante*. O zero *guarda lugar*.

[Território I. Uma chegada. Trabalho. *Trocha 5*]

Aos adentrarmos nos registros da Polícia Federal, as temáticas que percorrerm as reportagens são: pornografia infantil, abuso e exploração sexual infantil, uso indevido de drogas, imigração ilegal, trabalho análogo à escravidão, crianças envolvidas em falsificação de dinheiro. Visto ser um órgão de repressão, as matérias dizem de ações de combate a estas violações. No entanto, esses resultados dizem da busca por *criança* e *infância*. Ao acoplarmos migração à busca, não encontramos nenhum registro com *criança migrante* e quatro registros em *infância migrante*, sendo os quatro no Relatório de Gestão do MJSP, de 2019 (reportagem 6). Na página 142 do relatório há um esquema que faz menção à Operação Luz na Infância, onde a infância aparece duas vezes. Os dois outros registros são:

No eixo policial, coordenado no Brasil pela PF, estão em curso iniciativas como a Rede Jaguar de especialistas na luta contra crimes ambientais; a Rede de policiais especializados na luta contra a lavagem de dinheiro e a Rede ELIPSIA (Europa Latinoamérica Iniciativa de Protección y Seguridad de la Infancia y Adolescencia) (reportagem 6 - p. 45 - grifos nossos).

Continuamos. Nas organizações internacionais ONU, UNESCO e Pacto Global³⁹ - ONU, *zeramos* também. Portas fechadas. *Restaram* o Ministério das Relações Exteriores (MRE) (organização nacional) e a UNICEF e a IOM (organizações internacionais), que ainda nos deixaram um rastro de criança-migrante.

Invisível. Não ter uma visibilidade sensível.

No MRE, há oito resultados para *criança* e duas para *infância*. Novamente ao adicionarmos *migrante* às buscas, não há ocorrências. Dos oito resultados para criança, seis remetiam à divulgação de eventos com a temática, sendo que nas duas ocorrências para infância, uma também remetia a eventos. Sobre os três registros restantes, para criança há uma nota de pesar do governo brasileiro ao povo de Mali, pelo ataque a mais de 160 civis, incluindo crianças (reportagem 7). Já a segunda, refere a um Boletim informativo Brasil - Estados Unidos (reportagem 8):

Vistos de turista. "Turismo de nascimento".

No dia 24/01, entrou em vigor nova versão das regras do Departamento de Estado para a concessão de vistos de turista. O objetivo da nova versão é reduzir o chamado "turismo de nascimento". A atual normativa prevê que vistos não deverão ser concedidos a solicitantes que demonstrarem o desejo de entrar nos EUA com o objetivo de dar à luz, como forma de dar à criança a nacionalidade estadunidense. A medida resulta de preocupação reportada pelo governo dos EUA sobre o aumento de solicitações de visto de turista para grávidas com vistas à obtenção de cidadania para seus filhos, o que vem sendo associado a uma potencial vulnerabilidade de longo prazo para a segurança estadunidense⁴⁰ (reportagem 8 - grifos nossos).

Pela característica do Ministério, de relações no exterior, a menção diz dos(as) brasileiros(as) no exterior e não de migrantes no Brasil. Do mesmo modo, o segundo resultado do descritor infância diz da conferência "A nova política externa brasileira", proferida pelo ministro Ernesto Araújo, em 03 de fevereiro de 2020, no Ministério das Relações Exteriores do Paraguai (reportagem 9). Não foi possível analisar a conferência, pois não estava mais disponível para consulta no dia da busca.

Chegamos ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). O que

³⁹ Embora ainda não mencionado, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) tem sido a balizadora dos Pactos e Convenções internacionais. Em 2018 houve a assinatura por mais de 160 países pelo "Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular", estabelecido pela ONU, que reitera os artigos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. No entanto, o governo brasileiro eleito, que assumiu em 2019, já em seus primeiros dias de governo, retirou o apoio ao Pacto.

⁴⁰ Disponível em http://www.itamaraty.gov.br/images/2020/Boletim_DEUA-jan2020.pdf. Acesso em 02 fev 2021.

fazemos? O UNICEF trabalha pela garantia dos direitos de cada criança e adolescente, concentrando seus esforços naqueles mais vulneráveis, com foco especial nos que são vítimas de formas extremas de violência⁴¹. Sendo um fundo, depende de doações. Com a sua ajuda, levamos educação, saúde e proteção para as crianças que mais precisam. Segurança. Proteção. Seguimos guardando lugar na segurança da criança. Criança-vulnerável. Os números além de balançar o mundo⁴², também seguram as crianças em alguma forma de visibilidade: pela criança-família e pela criança-vulnerável. Encontramos oito registros para criança migrante e sete para infância migrante. Visto que o Fundo é destinado exclusivamente a crianças e adolescentes, optamos descartar para análise os resultados de criança e infância, sem migrante. Além disso, nos interessa, enquanto problema, as crianças migrantes.

Dos 15 registros, quatro aparecem nas duas buscas, restando, assim, 11 notícias para análise:

Repetem-se

Reportagem 10. Atenção a migrantes torna-se crucial para o enfrentamento das desigualdades em Manaus (AM) (15.12.2020)⁴³

Reportagem 11. Opas/OMS e UNICEF capacitam migrantes e agentes humanitários em promoção de saúde mental de crianças e adolescentes (21.05.2020)⁴⁴

Reportagem 12. "Vi esperança nos olhos das crianças refugiadas", diz o ator Liam Neeson em visita ao Brasil (16.01.2020)⁴⁵

Reportagem 13. Profissionais indígenas trabalham em prol de crianças migrantes (15.09.2020)⁴⁶

Criança migrante

Reportagem 14. Migrantes e refugiados recebem itens de higiene para se proteger do coronavírus (28.04.2020)⁴⁷

Reportagem 15. Distribuição de doações (08.05.2020)⁴⁸

Reportagem 16. UNICEF alerta: garantir acesso livre à internet para famílias e crianças vulneráveis é essencial na resposta à Covid-19 (12.05.2020)⁴⁹

Reportagem 17 Coronavírus (Covid-19): O que você precisa saber (06.03.2020)⁵⁰

⁴¹ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/o-que-fazemos. Acesso em 03 fev 2021.

⁴² Os números balançam o mundo (Camilo Darsie de Souza- Grupo de Estudos - Diário de Campo - 15.08.2017).

⁴³ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/relatorios/folder-da-plataforma-dos-centros-urbanos-2017-2020/manaus-am. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁴ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/opas-oms-e-unicef-capacitam-migrantes-e-agentes-humanitarios-em-promocao-de-saude-mental. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁵ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/historias/vi-esperanca-nos-olhos-das-criancas-refugiadas-diz-o-a-tor-liam-neeson-em-visita-ao-brasil. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁶ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/historias/profissionais-indigenas-trabalham-em-prol-de-criancas-migrantes. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁷ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/migrantes-e-refugiados-recebem-itens-de-higiene-para-se-proteger-do-coronavirus. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁸ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/distribuicao-de-doacoes. Acesso em 03 fev 2021.

⁴⁹ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis. Acesso em 03 fev 2021.

⁵⁰ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/coronavirus-o-que-voce-precisa-saber. Acesso em 03 fev 2021.

Infância migrante

Reportagem 18. UNICEF anuncia jovens selecionados para maratona social que busca soluções para refugiados e migrantes no Amazonas (19.11.2020)⁵¹ Reportagem 19. UNICEF lança chatbot para enfrentar discriminação contra crianças e adolescentes venezuelanos no Brasil (10.02.2020)⁵²

Reportagem 20. Plataforma de tecnologia móvel para refugiados e migrantes é lançada no Brasil (17.12.2020)⁵³

O desvio-vírus segue modulando o caminho da criança-migrante. As quatro buscas específicas de *criança migrante* (reportagens 14, 15, 16 e 17) remetem a ações de proteção e cuidado quanto à Covid-19. Criança-vulnerável faz rizoma com o vírus e com a criança-migrante. Quando entramos nas reportagens da busca *infância migrante*, uma surpresa: elas *falam para* adolescentes. As três reportagens fazem menção a projetos ou ações desenvolvidas pela UNICEF a adolescentes:

Com mais de 350 inscrições válidas, o "Chama na Solução Manaus" selecionou 100 jovens brasileiros e venezuelanos para trabalhar de forma colaborativa. As melhores soluções para a população refugiada e migrante serão premiadas.[...] os jovens de 14 a 24 anos terão acesso a conteúdos online e serão desafiados a propor ideias inovadoras em sete áreas sociais: educação; proteção; saúde; nutrição; água e saneamento; engajamento e participação de adolescentes; e geração de renda e empregabilidade (reportagem 18 - grifos nossos).

Por meio do Messenger do Facebook, os usuários podem conversar por pelo menos duas horas com o chatbot Adriana Carolina Hurtado (https://www.facebook.com/ProjetoFronteiras/). A personagem fictícia é uma adolescente venezuelana de 16 anos que chegou ao Brasil há dois anos.

A narrativa multimídia é contada por meio de mensagens de texto, de áudio, fotos e vídeos, enviados via Messenger. Adriana também usa a plataforma do Instagram (https://www.instagram.com/adriana.carolina.hurtado/) para mostrar tudo o que registrou no caminho até o Brasil e os desafios que vem enfrentando no País (reportagem 19 - grifos nossos).

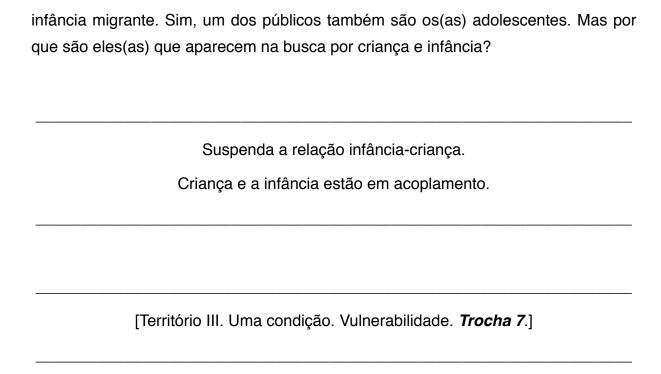
Jovens refugiados e migrantes da Venezuela têm a partir de hoje acesso gratuito a uma ferramenta com conteúdos exclusivos e para se manifestar sobre assuntos que lhes dizem respeito [...] . "Vamos dar acesso à informação de qualidade, de forma simples, em canais utilizados pelos jovens e que demandam pouco uso de dados de internet, sobre temas como regularização e o sistema de asilo, trabalho e acesso a direitos como saúde e educação" (reportagem 20 - grifos nossos).

Levamos educação, saúde e proteção para as crianças que mais precisam. Esse é o propósito da UNICEF. Adolescente. Trabalho. Trabalho colaborativo. Ferramentas online. 16 anos. 24 anos. Palavras que se destacam. E a busca era por

⁵¹ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-anuncia-jovens-selecionados-para-chama-na-solucao-manaus. Acesso em 03 fev 2021.

⁵² Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-lanca-chatbot-para-enfrentar-discriminacao-contra-criancas-e-adolescentes-venezuelanos-no-brasil. Acesso em 03 fev 2021.

⁵³ Disponível em https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/plataforma-de-tecnologia-movel-para-refugiados-e-migrantes-lancada-no-brasil. Acesso em 03 fev 2021.



Suspendemos a pergunta, mas não a dupla. Acoplamos. Quatro reportagens se repetem quando buscamos *criança migrante* e *infância migrante*. É no fim da linha que começamos a desatar o nó. É no encontro com outro ponto do rizoma - infância - que a criança-migrante anuncia uma visibilidade. Ou seja, quando cruzamos a criança com a infância, a criança-migrante sai da invisibilidade. É a infância que coloca a criança-migrante na ordem do discurso, ou até mesmo como *centro*, como sujeito dalna notícia. Criança-migrante ganha prioridade na *ordem dos sujeitos*. A criança-família, agora, acompanha *uma* criança-migrante.

Diante dessa emergência, as crianças e os adolescentes venezuelanos e suas famílias foram foco central da atuação da Plataforma dos Centros Urbanos 2017-2020 em Manaus. Não haveria como trabalhar o enfrentamento das desigualdades sem o acolhimento estruturado de um número crescente de pessoas em situação de vulnerabilidade chegando à cidade (reportagem 10 - grifos nossos).

Inverte-se. Não mais a criança-família que subentendia a criança-migrante como integrante, mas *uma* criança-migrante como *fio condutor* da narrativa. Visibilizamos agora não mais políticas públicas amplas, destinadas a *todos(as)* migrantes, mas o aparecimento de políticas públicas específicas às crianças, entendendo que há particularidades para elas.

Enfrentamento à exclusão escolar

Manaus iniciou em 2019 a <u>inserção de migrantes e refugiados venezuelanos</u> na política pública municipal. O objetivo é promover os direitos das crianças <u>e adolescentes venezuelanos</u> para acompanhamento nutricional, promoção da saúde, inserção no ensino regular, proteção, enfrentamento e resposta às diferentes formas de violência.

Já em 2019 cerca de <u>3 mil crianças acessaram o sistema municipal e estadual de educação</u>. Em 2020, esse número alcançou a marca de 6.600 crianças matriculadas em Manaus (reportagem 10 - grifos nossos).

A Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) estão promovendo minicursos direcionados a migrantes venezuelanos para capacitá-los como promotores de saúde mental para crianças e adolescentes (reportagem 11 - grifos nossos).

Debaixo de um sol intenso, o embaixador do UNICEF Liam Neeson chegou ao ponto de entrada dos migrantes venezuelanos no Brasil: a cidade de Pacaraima, em Roraima. De pé em frente ao marco que divide os dois países, Neeson observava o movimento dos <u>venezuelanos que cruzavam a linha e</u> entravam no Brasil.

Ao longe, com o pequeno Thiago, de 3 meses, no colo, Diego Alejandro e Kimberly Moreno entravam no País. Contaram a Neeson que já vivem no Brasil há oito meses e estavam ali para renovar seus documentos e, com isso, dar a segunda dose de <u>vacina para o seu filho</u>. O embaixador acompanhou a família enquanto ela dava início ao processo de documentação. Despediramse com um sorriso e seguiram viagem (reportagem 12 - grifos nossos).

Saúde e educação como pilares para criança-migrante - enquanto que vimos, até o momento, o trabalho enquanto principal instituição para os adultos (criança-família). Interessante perceber que a criança-vulnerável nasce na criança-família e transversaliza essa caminhada, aparecendo também quando a infância entra na cena: proteção, enfrentamento e resposta às diferentes formas de violência (reportagem 10). A criança-vulnerával acopla à criança-migrante e passa a se constituir nesse encontro. Talvez não há como pensar, a partir de agora, em uma criança-migrante destituída da criança-vulnerável e da criança-família. *Antropofagia*. Desterritorialização.

Muitos cruzam a fronteira em extrema <u>vulnerabilidade</u>. Nos estados de Roraima, do Amazonas e do Pará, o UNICEF apoia as autoridades locais para garantir que as <u>crianças</u> da etnia warao e suas <u>famílias</u> tenham acesso a saúde, água, saneamento, higiene, educação, proteção e informação (reportagem 13 - grifos nossos).

Enquanto as famílias passam por todos os trâmites de documentação, o UNICEF e a Visão Mundial mantêm um espaço colorido e alegre para crianças serem crianças. Batizado por elas mesmas de Súper Panas – que quer dizer "super amigos" em espanhol –, o Espaço Amigável para a Infância e Adolescência oferece atividades recreativas, educativas e de apoio psicossocial, integrando os programas de educação e de proteção.

Após brincar com as crianças, o ator foi visitar outra frente essencial do trabalho do UNICEF: a atenção à saúde. Enquanto caminhava entre as redes entrelaçadas que compõe o abrigo, Neeson encontrou o pequeno Roderick, de 2 anos, que ia com o pai para mais uma consulta no Espaço de Saúde e

Nutrição mantido pelo UNICEF e pela ONG ADRA dentro do Janokoida. Foi aí que o ator entrou em cena. Na pequena sala colorida, celebrou os progressos na saúde do pequeno – que chegou ao Brasil em situação de má nutrição. Junto com a nutricionista, mediu, pesou, e registrou o acompanhamento do menino.

O acesso a educação, saúde e serviços básicos é fundamental para a acolhida imediata de crianças e adolescentes migrantes. Mas não é suficiente. É necessário garantir um direito essencial: a integração na comunidade de acolhida (reportagem 12 - grifos nossos).

As criança-família e criança-vulnerável deserritorializam-se e, ao acoplarem à criança-migrante, reterritorializam-se na infância-migrante. Criança-migrante encontra na infância a potência para se produzir para além da - ou com - saúde, educação e segurança. Integração na comunidade de acolhida extrapola essa tríade. A infância possibilita outros encontros. Um novo território se configura. O último passo do processo de integração de muitos dos migrantes é a interiorização – realocação para outras cidades brasileiras (reportagem 12). Um território interiorizado.

[Território IV. Infâncias-migrantes. *Trocha 8*.]

Já no sítio da IOM e nos relatórios *A child is a child* (UNICEF, 2017) e *World Migration Report 2020* (IOM, 2020) ao analisarmos com atenção as inserções de *child, childhood, migrant child* e *migrant childhood* a criança-número se apresenta. No entanto, é a criança-número europeia, africana, asiática e caribenha-norte-americana. Os dados da América Latina e Oceania são escassos, para não dizer raros. Ou melhor, os números aparecem, no entanto, sem discussão sobre eles. Eles compõem os gráficos, os infográficos, os mapas, as tabelas, mas não são explorados qualitativamente como os dados africanos e europeus. O relatório da UNICEF (2017) é essencialmente europeu. Os dados são dos 32 países que compõem o continente. Isto é, minha criança-migrante novamente está na invisibilidade.

No Relatório da IOM (2020), o capítulo, *Children and unsafe migration*⁵⁴, tem como foco

77

⁵⁴ Crianças e migração insegura (tradução livre).

on child migration that does not conform to that pattern [much of this migration is unproblematic] migration that is unsafe, irregular, exploitative. And it focuses on international migration. This is not to suggest that other aspects related to child migration are not important. However, the urgent need to better undersand unsafe international child migration, in its various dimensions, stems from the fact that this aspect of child migration requires greater engagement and support from governments and international actors, to ensure children the protection they are entitled to⁵⁵ (p. 231).

A partir dessa afirmativa, algumas questões emergem no caminho da pesquisa: as migrações na América Latina, então, configuram-se como migrações *seguras*? Casos de exploração sexual, tráfico humano, alistamento de meninos para o crime, meninas em situação de prostituição não ocorrem nessa região? Ou são *números insignificantes*, daqueles de baixo percentual, que não entram em análise? Ou ainda, será que a América Latina não configura como insignificante no contexto global?

Em 2019, 37.9 milhões de pessoas com idade inferior a 20 anos migraram no mundo, o que corresponde a 13.9% do total de migrantes. O relatório aponta os dados deste 1990, num intervalo de cinco anos. Interessante observar que há um aumento quantitativo nas migrações de pessoas com idade inferior a 20 anos, mas uma diminuição em termos percentuais (tabela 1).

Tabela 1. Migrantes com idade inferior a 20 anos

Ano	Migrantes (em milhões)	Percentual
1990	28.4	18.6
1995	27.7	17.2
2000	27.8	16.0
2005	29.8	15.6
2010	31.9	14.5
2015	34.5	13.9
2019	37.9	13.9

Fonte: construído pela autora a partir dos dados da IOM (2020, p. 236-7).

⁵⁵ Sobre a migração infantil que não está de acordo com esse padrão [grande parte dessa migração não é problemática] a migração que é insegura, irregular, exploradora. E se concentra na migração internacional. Isso não significa que outros aspectos relacionados à migração infantil não sejam importantes. No entanto, a necessidade urgente de compreender melhor a migração infantil internacional insegura, em suas várias dimensões, decorre do fato de que este aspecto da migração infantil requer um maior envolvimento e apoio de governos e atores internacionais, para garantir às crianças a proteção a que têm direito (tradução livre).

Embora o número bruto de migrantes africanos(as), asiáticos(as), europeus(eias) e norte-americanos(as) seja o dobro ou até mesmo o triplo dos(as) latino-americanos(as) e caribenhos(as), reitero que chama atenção que não há menção alguma aos(as) latino-americanos(as), pois quando apresentam o percentual que o número bruto representa, o percentual da América Latina e Caribe de migrantes com idade inferior a 20 anos fica apenas abaixo da África, ultrapassando Ásia, Europa e América do Norte (figuras 3 e 4).

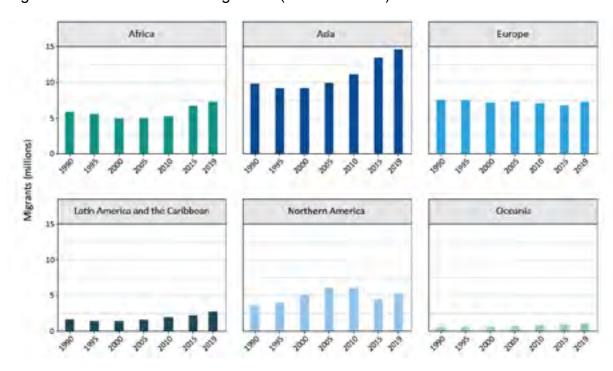


Figura 3 - Número bruto de migrantes (mundialmente)

Fonte: IOM, 2020.

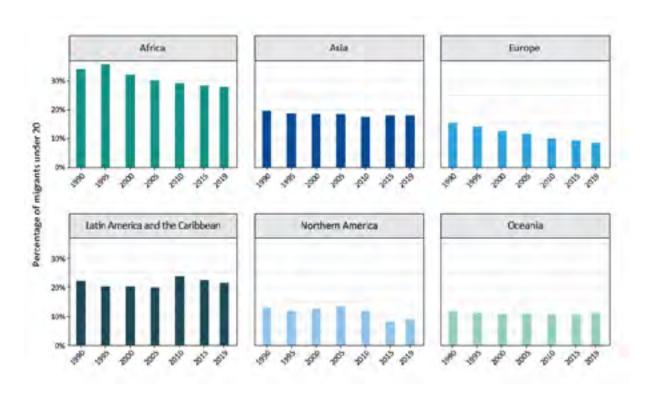


Figura 4 - Porcentagem de crianças e adolescentes migrantes (mundialmente)

Fonte: IOM, 2020.

Ainda no relatório há uma menção à Venezuela, ao ser comparada aos migrantes de Mianmar refugiados em Bangladesh, principalmente pela diferença do percentual de crianças e adolescentes que migraram:

Another example of specific age- and gender- disaggregated data that provide a useful basis for the development of protective child migrant policy concerns the extensive and rapid recent forced migration of Venezuelans into nighbouring Latin American countries. The contrast in age distribution between Rohingya and Venezuelan refugee populations in these figures is noteworthy. It illustrates significant differences in the age composition of the populations prior to their forced migration, with Rohingya estimated to have had one of the highest birth rates of all ethnic groups in Myanmar⁵⁶ (IOM, 2020, p. 241).

Esses comparativos aparecem ao longo do relatório principalmente para reforçar as medidas de proteção à criança-migrante. Educação e tutela são os dois

⁵⁶ Outro exemplo de dados específicos desagregados por idade e gênero, que fornecem uma base útil para o desenvolvimento de uma política de proteção à criança migrante, diz respeito à recente e extensa migração forçada de venezuelanos para os países vizinhos da América Latina. O contraste na distribuição de idade entre Rohingya e as populações de refugiados venezuelanos nesses números é notável. Ele ilustra diferenças significativas na composição etária das populações antes de sua migração forçada, com Rohingya estimado para ter uma das maiores taxas de natalidade de todos os grupos étnicos em Mianmar (tradução livre).

eixos defendidos pela IOM (2020). A tutela pelo Estado quando a criança estiver desacompanhada dos pais, familiares ou responsáveis e a educação enquanto prerrogativa, inclusive, das Nações Unidas, desde 1989.

States are mandated do provide education to all children in their jurisdiction without discrimination. For any migrant child, few State services are more important. Not only does education generate portable individual skills and capital that impact central aspects of the life course, it also provides the context for social inclusion, peer group enconters and new cultural and language acquisition. Many examples exist of innovative educational provision directed at generating robust multicultural environments responsive to different pedagogic and emotional needs⁵⁷ (p. 242).

A case in point is the need for appointment of a guardian responsible for the child's care where children are unaccompanied or separated, or otherwise at risk, a measure called for by both international and regional policies on child migration. Only a minority of States have incorporated this recommendation into their domestic legal obligations⁵⁸ (p. 243)

A criança-educação e a criança-vulnerável aparecem novamente nos mostrando os rastros da criança-migrante, mesmo quando a criança-invisível insiste em aparecer no caminho. Ao apresentar ações que já vêm sendo desenvolvidas para promover a proteção a crianças migrantes, o relatório da IOM (2020) traz a América Latina como a terceira região de destaque em ações. No entanto, ao trazer o exemplo, é o México que aparece, país que até então apareceria como região da América Central. Ou seja, nossa criança-invisível segue se destacando.

⁵⁷ Os estados são obrigados a fornecer educação a todas as crianças em sua jurisdição, sem discriminação. Para qualquer criança migrante, poucos serviços do Estado são mais importantes. A educação não apenas gera habilidades individuais portáteis e capital que impactam aspectos centrais do curso de vida, mas também fornece o contexto para a inclusão social, encontros com grupos de pares e nova aquisição cultural e de linguagem. Existem muitos exemplos de oferta educacional inovadora direcionada à geração de ambientes multiculturais robustos que respondem a diferentes necessidades pedagógicas e emocionais (tradução livre).

⁵⁸ Um caso em questão é a necessidade de nomear um tutor responsável pelos cuidados da criança quando as crianças estão desacompanhadas ou separadas, ou de outra forma em risco, uma medida exigida pelas políticas internacionais e regionais sobre migração infantil. Apenas uma minoria de Estados incorporou esta recomendação em suas obrigações legais internas (tradução livre).

A third region where child migration has been the focus of multi-State attention is Latin America. Among various regional initiatives, the most notable is the Inter-American Court of Human Rights 2014 Advisory Opinion on the needs of children in international migration. The opinion draws attention to the urgent and unmet need for international protection, and describes applicable procedures relevant to the treatment of both asylum-seeking and irregular child migrants, highlighting principles usch as the non-detection of children based on an irregular migratory situation. Mexico has taken a lead in implementing protective services for unaccompanied child migrants, including those returned by the United States. Measures to decrease the reliance of detention are being considered (IOM, 2020, p. 247-48 - grifos nossos).

Educação e vulnerabilidade (proteçãolsegurança) têm se mostrado os fios condutores desse percurso da criança-migrante. Isso não se mostra diferente se olharmos para as legislações brasileiras. A Lei de Migrações brasileira, de 1997 (Brasil, 1997), em nenhum momento cita "criança" ou "infância" em seu texto. Já a lei de 2017 (Brasil, 2017), menciona em três momentos a criança (e o(a) adolescente). E quem aparece é a criança-vulnerável:

- (1) Artigo terceiro, que apresenta os princípios e diretrizes da Lei, afirma: "XVII <u>proteção integral</u> e atenção ao superior interesse da <u>criança e do adolescente migrante</u>";
- (2) Artigo quadragésimo, que legisla sobre a entrada e saída dos(as) migrantes do território nacional: "V seja criança ou adolescente desacompanhado de responsável legal e sem autorização expressa para viajar desacompanhado, independentemente do documento de viagem que portar, hipótese em que haverá imediato encaminhamento ao Conselho Tutelar ou, em caso de necessidade, a instituição indicada pela autoridade competente"; e
- (3) Artigo septuagésimo, que refere às condições de naturalização: "A naturalização provisória poderá ser concedida ao migrante criança ou adolescente que tenha fixado residência em território nacional antes de completar 10 (dez) anos de idade e deverá ser requerida por intermédio de seu representante legal" (Brasil, 2017 grifos nossos).

Dois artigos referem às questões burocráticas (circulação no país e naturalização), que também dizem respeito aos(às) migrantes adultos(as). Um dos artigos, apenas, prevê um 'olhar' à criança, na seção de princípio e diretriz.

Chegou a hora de sair do *portal*. Saímos dele tentando, como afirmamos no início, desatar o emaranhado de linhas que se apresentavam. Ao desatar as linhas-

⁵⁹ Uma terceira região onde a migração de crianças tem sido o foco da atenção de vários estados é a América Latina. Entre as várias iniciativas regionais, a mais notável é a Opinião Consultiva da Corte Interamericana de Direitos Humanos 2014 sobre as necessidades das crianças na migração internacional. O parecer chama a atenção para a necessidade urgente e não satisfeita de proteção internacional e descreve os procedimentos aplicáveis relevantes para o tratamento de crianças migrantes em situação irregular e requerentes de asilo, destacando princípios como a não detenção de crianças em situação de migração irregular. O México assumiu a liderança na implementação de serviços de proteção para crianças migrantes desacompanhadas, incluindo aquelas que foram devolvidas pelos Estados Unidos. Medidas para diminuir a dependência da detenção estão sendo consideradas (tradução livre).

números que foram se configurando, o percurso cartográfico foi nos visibilizando territórios ou, ainda, figuras-tipo que constituem uma criança-migrante. Não buscamos origens, mas fizemos uma *avaliação dos deslocamentos* (Gilles Deleuze, 1997, p. 86). Nesse percurso de deslocamentos, a possibilidade do encontro com *uma* criança-migrante, com nosso *menino-pássaro*. Um menino que nos mostrou *uma* entrada, *uma* acolhida e *uma* condição. Um menino que colocou trabalho, escola e precariedade em diálogo. Um menino que encontra uma *infância-migrante*.

[Memórias de um Menino-pássaro. *Trocha 9*.]

Um rizoma pode apresentar algumas possibilidades de saídas. Se uma das entradas foi a pergunta *O que é possível no encontro entre crianças e migrações*?, cabe, talvez, anunciarmos as linhas que compuseram essa provocação. Puxamos uma para iniciar: da invisibilidade. Uma invisibilidade que foi transversal a todo percurso da pesquisa. Foi através/pela/da invisibilidade que o problema desta tese iniciou sua configuração. A não visibilidade das crianças migrantes fez emergir indagações, desacomodações, inquietações.

Não encontrávamos as crianças. Percorremos muitos trajetos para encontrálas. Fomos as encontrando *em fragmentos*, distribuídas. Ora na escola, ora na rua, ora em espaços não escolares de aprendizagem. Fomos *juntando* estes fragmentos de vivências para tentar construir um ponto de partida. Um ponto de partida que foitalvez pareça simples, ou até mesmo simplório -, em um primeiro momento - colocar crianças e migrações em encontro, e apostando que a ética da cartografia poderia nos dar algumas possibilidades de construção de territórios que anunciassem algumas *respostas*. Mapear o percurso dos desejos desse encontro nos levou por rotas, desvios, caminhos e abismos que constituíram territórios que *pediram passagem*.

Na busca por *uma* criança-migrante, para que ela pudesse *acontecer* no/com um processo migratório, destituindo-se de algumas *formas* e se produzindo enquanto imanência, tivemos que primeiramente encontrar *a* criança-migrante. Ela acabou sendo procurada nos materiais de domínio público, visto que no processo de sua procura, alguns números que se apresentavam, remetiam a ela. Nestes materiais nos perdemos e, ao mesmo tempo, fomos mapeando as linhas molares que produzem o encontro entre crianças e migrações.

Encontramos a criança-corpo, a criança-número, a criança-número zero, a criança-quarentena... crianças que somente reforçaram a invisibilidade e o silenciamento que produzimos com as crianças migrantes. Figuras-tipo para nossa criança. Números e corpos que ora *zeravam*, ora se apresentavam com instituições como segurança, trabalho e família. Fomos vendo que a construção moderna do *lugar* da criança na relação com o mundo carrega, ainda hoje, nas relações saber-poder, ou ainda, nos saberes e práticas, a fragilidade, a necessidade do cuidado e o lugar do não-trabalho. Esses enunciados que se constroem sobre ela transversalizam e

balizam, também, as legislações que foram sendo aprovadas ao longo dos últimos anos: Estatuto da Criança e do Adolescente, Convenção sobre os Direitos da Criança, Declaração Universal dos Direitos Humanos, Lei das Migrações, dentre tantas outras. Legislações, convenções e declarações que regulam a pólis, cuja entrada da criança é reconhecida em dois momentos: ao nascer e no momento que adquire a linguagem (Hannah Arendt, 1957; Ademilson de Sousa Soares, 2017).

Protege-se a criança. Protege-se *tanto* que se invisibiliza sua existência. Ela habita o não-lugar: não-lugar do trabalho, não-lugar das relações sociais. Ela *existe* na família. Na instituição que opera com uma configuração *burguesa*, cujo formato é talvez uma estria que tem suas garras mais entranhadas no sistema político econômico moderno: um pai que trabalha, uma mãe que cuida e filhos(as) que garantam o futuro do sistema. Pai, mãe e filhos(as). Uma configuração que é fundamental aos sistemas disciplinares de governamentalidade (Michel Foucault, 2006a) e aos soberanos contemporâneos do mesmo modo (Judith Butler, 2006; 2015a). Uma configuração que encontra a criança-migrante e faz com que sua *entrada* enquanto migrante na paisagem brasileira seja pelo trabalho. Aquele que ela não pode, não deve ocupar, mas que a coloca numa *posição* migrante.

O trabalho opera no percurso da tese enquanto território devir-migrante, enquanto linha molecular, no momento que é ele quem também possibilita outros modos de vida àqueles(as) que tiveram que deixar seus países de nascimento, independente por qual razão. Mas também opera como linha segmentária, reforçando desigualdades sociais, relações de gênero e raça. Homens têm prioridade tanto nas vagas de emprego quanto na Operação Acolhida - aquela que coloca o trabalho como central. A mulher-mãe, o lugar do cuidado (é ela quem articula, inclusive, as políticas de assistência social, saúde e educação; as políticas *públicas*). No entanto, o trabalho também se desterritorializa nesse percurso, justamente quando encontra essas linhas molares: ao se encontrar com a vulnerabilidade, se reterritorializa em trabalhomigrante, cuja vulnerabilidade constitui linha principal de sua existência. A formação educacional e profissional, por exemplo, adquirida no país de nascimento é suspensa, não é validada e a mão-de-obra do(a) migrante passa a ser aceita e empregada - na grande maioria das vezes - em subempregos ou em situações muito desfavoráveis. O trabalho opera no âmbito do privado, isto é, mesmo que haja investimento público - na forma de incentivos fiscais - cabe às empresas, que são de direito privado, o regramento para a captação e seleção das vagas, precarizando-as.

Assim, no momento que a criança-migrante tem a família e a precariedade enquanto elementos constitutivos de sua existência, e o trabalho é uma das instituições que se acopla à família, a criança-migrante opera em uma dupla vulnerabilidade: a da sua *condição* enquanto criança, e a da *condição* de sua família. Vulnerabilidades que passamos a compreender como precariedade, a partir de Judith Butler (2006; 2015a), a partir de forças articuladas social e politicamente. Essas forças, ousamos afirmar, operam em uma invisibilidade [estatística] enquanto modo de governamento, isto é, tornar a criança-migrante invisível - aqui ela já *carrega* a família acoplada a ela - não é *esquecimento*. É intencional. No momento que a família passa a ser *interiorizada* - a criança-migrante [as pessoas que migram] some. A entrada [trabalho] - que interessa ao capital - entra nas estatísticas; o *restante*, é invisibilizado. Fragmenta-se. Dilui-se. Espalha-se. Espalham-se os(as) migrantes e os(as) fazem se perder. Há a necessidade de cruzar dezenas de sites, programas, relatórios, para achar os(as) migrantes. E nem sempre os/as achamos. Lembrando sempre que números são pessoas. Logo, a invisibilidade é um modo de governamento.

No entanto, a criança-migrante foi interiorizada. Mesmo que ela não exista enquanto investimento político, ela circula pela cidade. Ela busca o público, a pólis no território que carrega esse pressuposto enquanto ethos de existência: a escola. A escola acolhe a criança-migrante. Acolhendo a criança - seguimos insistindo que ela e a família andam acopladas -, acolhe a família. Entra em jogo uma linha histórica de embate: o que cabe à família e o que cabe à escola. Ou ainda, o que *pode* cada uma dessas instituições. A criança-migrante, enquanto devir, desterritorializa a escola num momento histórico onde ela está [novamente] em crise e sofrendo constantes ataques de ameaça de desaparecimento e de a transformar em escola sem partido. A criançamigrante resgata o caráter público que constitui o espaço escolar. Ela faz a escola se perder nas linhas molares e moleculares, que justamente caracterizam um processo de construção de território. A criança-migrante faz a escola também ensinar ao adulto sobre seu compromisso com a pólis. A criança-migrante faz a escola reterritorializarse, no encontro com a família, com a vulnerabilidade e com o trabalho, em uma escolaleducação-devir-migrante, operando como um *entre*: entre sociedade-e-família; entre família-e-indivíduo; entre...

Nesses *entres* vamos descobrindo uma condição, a da vulnerabilidade. Uma *vida precária* (Judith Butler, 2015a), que não tem suas condições de sobrevivência e prosperidade garantidas. Vidas que enfrentam *trochas* para transpor a fronteira.

Vidas que se submetem a caminhadas, a *fragmentar* a família, e encarar situações de muito medo e precariedade na busca por sobrevivência. Vidas que para viver não podem depender somente de *impulso interno* (p. 40), mas precisam de condições sociais e políticas. No entanto, como tê-las se é pela *invisibilidade* que estão sendo governadas?

Sandra Mara Corazza (2011) em seu texto *Infância: desafios de todos, todos os dias* apresenta o *direito de ser criança e a proteção integral às pessoas em desenvolvimento*, trazendo as legislações e normativas que reforçam esses pressupostos e, num *jogo irônico*, apresenta fragmentos de manchetes e noticiários que justamente mostram um dia-a-dia onde as crianças estão vulneráveis, ou, tomando o conceito de Judith Butler, em *condição de precariedade*.

Sandra Mara Corazza, em sua tese (2004a), justamente defende que "a infância nunca foi verdadeiramente assumida, efetivada, praticada, como uma idade ou etapa [...]. Em outras palavras, defend[e] que nunca existiu, de fato, em nossas práticas culturais, sociais e mesmo subjetivas, a tal da aurora de nossas vidas..." (2011, p. 6). A autora segue se questionando: se a tese que ela formula - "se a infância nasceu e logo morreu" (2011, p. 8) - estaria correta, como explicar "a insaciável vontade-de-infantil, expressa em tantas leis, pactos, associações, programas, conferências internacionais [...]?" (p. 8)?

A hipótese que a autora levanta para seu questionamento é de que ao infantil o adulto opera *em espelho*.

Ora, porque os espelhos integram a ética da Modernidade, que radica na exclusão da alteridade, obcecada como foi pelo tema do Duplo. Uma ética de ação sobre ações, que efetua o Mesmo, sempre a conquistar o seu oposto. Nas fronteiras da transcendência e da finitude, o Adulto inventa o Natimorto [infância]. Reduplicando-se no espelho, resiste à sua própria aniquilação, como solo de uma certa espécie histórica de saber (Sandra Mara Corazza, 2011, p. 9).

Para a autora, precisamos dos *infantis* para nos acessarmos [adultos]. "É dessas relações com os pequenos-duplos, que extraímos o seu valor-de-uso. Incrementamos as funções sociais, que determinam o seu valor-de-troca" (Sandra Mara Corazza, 2011, p. 9). Ou seja, é preciso continuar mantendo a criança-[migrante] vulnerável, para que possamos seguir governando na invisibilidade.

Por que trazer Sandra nesse momento? Porque, ao longo da tese, defendemos que encontramos *uma* criança-migrante no momento em que a infância entrou em

cena. Defendemos uma infância-migrante em devir, justamente fazendo com a criança saísse da invisibilidade. Defendemos que as linhas de segmentaridade - que trazem o trabalho, a família e a escola -, e as linhas moleculares - que apontam para outros modos de relação com essas instituições -, ao se encontrarem com a infância, fazem uma criança-migrante nascer. Uma criança que se encontra com um personagem conceitual - menino-pássaro - e nos mostra que pelo devir-infância que as fronteiras podem ser transpostas e rompidas.

Vamos seguir defendendo uma infância. Vamos seguir apostando que ela, inclusive, existe fora dela, ou, uma infância fora da infância, como propõem Paulo Ghiraldelli Jr. e Walter Omar Kohan, por exemplo. Seguimos apostando em um devirinfância que não está atrelado ao tempo cronológico, a Cronos. Cronos deixamos à criança - que essa sim tem seu tempo, sua idade (Sandra Mara Corazza, 2004b; 2011). Apostamos em Aion, o tempo do infantil (Sandra Mara Corazza, 2004b). "Tempo superficial dos acontecimentos incorporais, tomados em sua relação com o devir, que remete ao passado e ao futuro simultaneamente; e se contrapõem a Cronos, que representa o tempo em sua relação com o presente vasto e profundo" (p. 4).

No percurso da tese, nosso menino-pássaro encontrou linhas de desejo que rabiscaram o mapa. Linhas de desejo que ignoraram as fronteiras e acionaram nelas uma potência de encontro: fronteiras enquanto afeto; fronteiras enquanto possibilidade do novo, de descobertas, de encontro com a alteridade e com a diversidade; fronteiras enquanto política; fronteiras de acolhimento. No entanto, essas fronteiras também carregaram segregação, violência e segmentação. Elas confundiram nosso menino; composições de crianças migrantes que resultou em *uma* criança. Contudo, ao encontrar a infância, nosso menino se compôs em devir e rompeu [em desejo] com as linhas que segregam. Ele tentou, em seus voos, transpor as vulnerabilidade - que incluem o trabalho e a escola também. Ele tentou se fazer visível. Ele tentou resistir ao governo da invisibilidade. Ele tentou *educar* os adultos a outros modos de se relacionar com a *pólis*.

Nosso menino, nesse momento, se encontra com a orientadora desta tese, Betina Hillesheim (2015), que, a partir de interlocuções que realiza com Gilles Deleuze e Claire Parnet, entende que a Educação "transborda a escola e a Pedagogia" (p. 790). A autora apresenta a educação a partir de uma perspectiva rizomática e, dessa forma, a educação "não está em algum lugar, que não é alguma coisa, mas que se multiplica na conjunção: na sala de aula e na mídia e na família e no trabalho e nas

políticas públicas... Uma educação que está em todo lugar e da qual nos nutrimos permanentemente" (p. 791). Uma educação que também está no modo como somos governados. Assim, falar em um governo pela invisibilidade, é também falar em um modo de educar.

A partir disso, a tese que defendemos é de que no encontro entre crianças e migrações, a invisibilidade se constitui como uma estratégia de governamento, que se reforça com/no trabalho, nas condições de vulnerabilidade e na/com escola, mas que pode se constituir de outros modos no devir infância-migrante.

Que nosso menino-pássaro nos ensine seu vôo... que ele possa nos educar.

Uma tese. Quase *uma* vida. Talvez um dos marcos mais significativos na trajetória acadêmica, na trajetória da construção de uma pesquisadora. Mas toda trajetória é composta de caminhos, desvios, percalços e descobertas. *Senti* no percurso da tese - ouso fazer uma analogia - um pouco das angústias e desesperos que um processo migratório produz. Uma pesquisa que se fez de idas e vindas. Visibilidades e invisibilidades. Dados e informações que não se encontram e que me fazem associar aos caminhos percorridos pelos(as) migrantes para acessar as políticas públicas em um país totalmente desconhecido. Por muitos momentos não sabia onde estava. Eram muitos *portais* e informações, encontros e desencontros, que produziam vontade de *fugir* e invisibilizavam a criança que eu procurava.

Crianças desaparecidas. Mulheres vulneráveis. Famílias em risco. Precariedades. Muitas. Vírus. Enchente. Misturado a isso, uma vida de trabalhadora, mulher, filha, pesquisadora... em pandemia. Escrever sobre crianças-migrantes - que carregam trabalho, família, vulnerabilidade, educação e infância - é também escrever sobre si. Um si que é coletivo, que é muitos, que se faz um. Um percurso de encontros e descobertas. De lágrimas e risadas. Um percurso que - talvez mais do que nunca - "toma o mundo como invenção, ou seja, o mundo é produzido conjuntamente com o agente do conhecimento" (Betina Hillesheim, Anita Guazzelli Bernardes e Patrícia Flores de Medeiros, 2009, p. 222). Um percurso que tentou colocar ciência, filosofia e arte em conexão.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável se não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

(Hannah Arendt, 1957, p. 14)

Na Literatura, de tanto forçar a linguagem até o limite, há um devir animal da própria linguagem e do escritor e também há um devir criança, mas que não é a infância dele. Ele se torna criança, mas não é a infância dele, nem de mais ninguém. É a infância do mundo. Os que se interessam pela sua própria infância que se danem e que continuem a fazer a Literatura que eles merecem. Se há alguém que não se interessa por sua própria infância, este alguém é Proust. A tarefa do escritor não é vasculhar os arquivos familiares, não é se interessar por sua própria infância. Ninguém se interessa por isso. Ninguém digno de alguma coisa se interessa por sua infância. A tarefa é outra: devir criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância. Eis as tarefas da Literatura.

(Gilles Deleuze, ABCDário, E de Enfance [Infância])

Essa saudade não é minha, não é da minha família. É também, mas não só. Essa saudade se faz *uma*. *O artigo indefinido é de uma extrema riqueza. São as multiplicidades*, diz Gilles Deleuze. Ela é devir-infância. Uma saudade multiplicidade. Um pai, **Lauro Dhein** (*in memoriam*), que nos deixou em meio à tese e não pode ver sua filha *doutora*. Um pai que faz devir com outras vidas que minoram.

A *um*, cuja infância foi roubada pela falta de *uma gota*, pela poliomielite - em uma época onde a vacina não existia. À pandemia atual ele não precisou passar. Não sei o quanto suportaria escutar *é apenas uma gripezinha*. Não sei quanto suportaria um não investimento à vacinação.

A *um*, que ensinou a paixão pelo conhecimento, pela leitura; que fazia a casa estar coberta de livros, revistas e jornais *da direita à esquerda*, mostrando mesmo sem conhecer Michel Foucault - que as relações saber-poder podem [e devem] ser cartografadas. *Minha filha, você precisa saber tanto o que a esquerda pensa quanto a direita [e o centro também].*

A *um*, que mesmo tendo a infância roubada, viveu ela enquanto potência, *uma infância fora da infância*, mostrando que não há fronteiras para o desejo.

A um, que precisou compensar uma deficiência física com conhecimento.

A *um*, que desistiu do ensino superior, porque não quiseram ofertar as aulas no primeiro andar - o que facilitaria sua locomoção, não precisaria subir escadas. Efeito disso: educação-potência! Uma vida para ela.

A *um*, que ensinou como resistir, seja com o corpo, com o silêncio, gritando ou de outros modos.

A *um*, que buscava conhecimento, que era curioso. Que acreditava na ciência.

A terra não é plana!

A *um*, que trabalhou, ocupou lugares sociais e que mostrou que fronteiras se rompem.

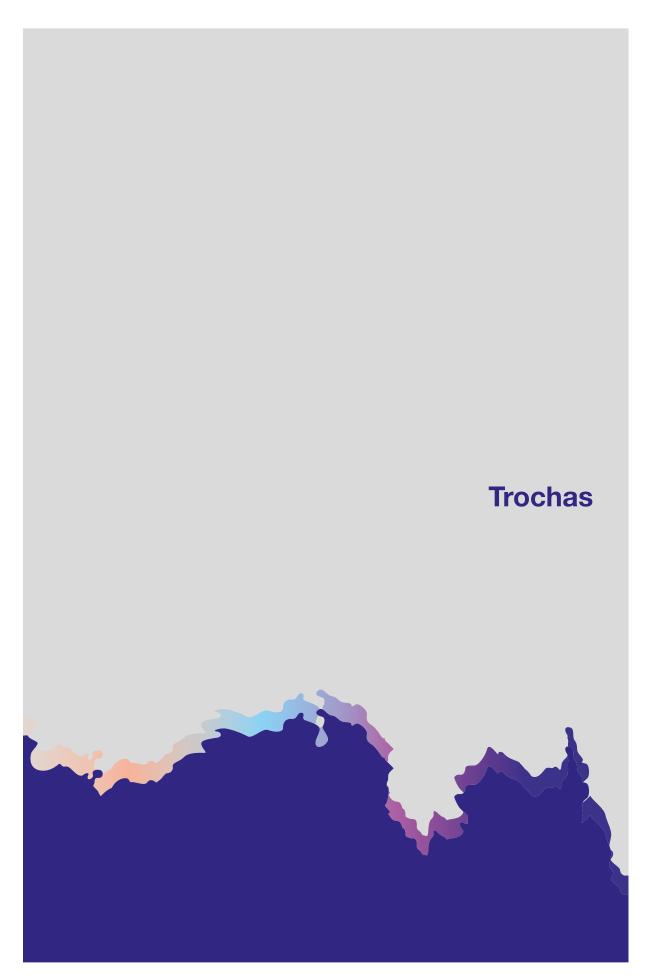
A *um*, que inseriu seus(suas) filhos(as) na política, mostrando que o cuidado com a *pólis*, com a comunidade e com o outro, são linhas de composição de uma *ética da existência*. Que o cuidado com a cidade, com o(a) outro(a) também é política.

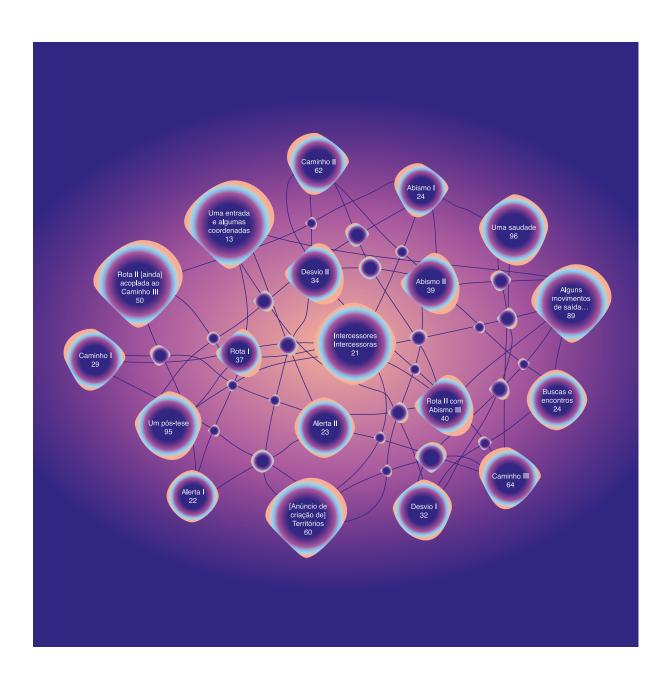
A *um*, que dizia que a única coisa que o diferenciava, talvez, de qualquer outra pessoa, era seu *modo de caminhar* [primeiramente com andador, mais ao final da vida, na cadeira de rodas]. E isso não deveria ser encarado como limitante.

Obrigada pai, por ensinar que a vida não tem um único jeito de ser vivida! E que existem várias maneiras de caminhar!

[Em nossos últimos encontros, em agosto de 2018, desejávamos uma não ascensão fascista ao futuro do país. Não acreditávamos que isso seria o destino político. Nossa análise política foi equivocada. Essa tese também é uma marca ético-política - mesmo que micro - às vidas. Uma tese-resistência. Afinal, todas vidas importam! Vidas pretas! Vidas migrantes! Vidas homo-plurissexuais! Vidas de mulheres! Vidas de crianças! Vidas! Pai, seguirei investindo e defendendo elas, sempre! Por ti, por nós, por um, por uma!]

Gisele Dhein Inverno pandêmico de 2021







Rotas. Ir de um ponto do rizoma ao outro. Ética.

Desvios. Mudança de caminho. Inesperado. **Vida**.

Caminhos. Passagens que ligam dois ou mais pontos do rizoma. Pesquisa.

Abismos. Precipícios. Íngremes. Fundos. Frequentemente inexplorados. **Implicação**.

Territórios. Apreendidos pelo olhar. Olhar alcança. Panorama. **Invenção**.

Intercessores e Intercessoras

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7. Cartografar é habitar um território existencial. In Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (org). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. pp. 131-49.

ARENDT, Hannah. **A crise na educação** [1957]. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia. pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em 17 jul 2021.

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BACK, Letícia Aline. Os (des)encontros as tríade: processos migratórios, trabalho e cidade. 2019. Orientadora Profa. Dra. Betina Hillesheim. 95 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

BARROS, Gustavo de Almeida; MUNARI, Silvio Ricardo; ABRAMOWICZ, Anete. Educação, cultura e subjetividade: Deleuze e a diferença. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 1, pp. 108-124, jan./ mai. 2017.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Pista 3. Cartografar é acompanhar processos. In Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da. (org). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. pp. 52-75.

BARROS, Letícia Maria Renault; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Pista da análise. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 175-202.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de Bordo de uma viagem-intervenção. In Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (org). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. pp.172-200.

BATTISTELLI, Bruna M.; CRUZ, Lílian Rodrigues da. Uma caixa-coleção-de-cartas: como viver o encontro com múltiplas vozes na escrita acadêmica?. **Revista Dobra**: pensar com artes, v. 2, pp. 1-15, 2018.

BELTRAMELI NETO, Silvio; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: ZUBEN, Catarina von; MAGALHÃES, Luís Felipe; PARISE, Polo; DEMÉTRIO, Natália; DOMENICONI, Jóice (org.). **Migrações Internacionai e a Pandemia de Covid-19**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, 2020.

BRASIL. **Estatuto do Estrangeiro**. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF, 1980.

BRASIL. Constituição Federal. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Lei nº 9.474**, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. 2. ed. 5. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **Lei de Migração**. Lei nº 13.445, de 24 de Maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.684**, de 21 de junho de 2018. 2018. Dispõe sobre medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária; e dá outras providências. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Operação Acolhida**. 2021a. Disponível em https://www.gov.br/acolhida/historico/. Acesso em: 5 jun 2021.

BRASIL. **Portaria Interministerial nº 655**, de 23 de Junho de 2021b. Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. Ministros de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, da Justiça e Segurança Pública e da Saúde.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, pp. 25-44, jan./jun. 2000.

BULLA, Gabriela da Silva; LAGES e SILVA, Rodrigo; LUCENA, Júlia de Campos; PAZ DA SILVA, Leandro. Imigração, refúgio e políticas linguísticas no Brasil: reflexões sobre escola plurilíngue e formação de professores a partir de uma prática educacional com estudantes haitianos. **Organon**, v. 32, pp. 1-14, 2017.

BUTLER, Judith. **Vida precaria**: el poder del duelo y la violencia. Trad. Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rev. Trad. Marina Vargas. Rev. Téc. Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, Judith. **Entrevista**. Reportagem e entrevista de Mariana Carbajal, em 29.09.2015, em Buenos Aires. Tradução de André Langer. 2015b. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/547462-queremos-continuar-vivendo-e-amando-fora-de-zonas-juridicas-e-legais-entrevista-com-judith-butler. Acesso em: 10 jun 2021.

CANDIOTTO, Cesar. Sujeição, subjetivação e migração: reconfigurações da governamentalidade biopolítica. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 156, pp. 319-38, ago./2020.

CANDIOTTO, Cesar. O Governo biopolítico do migrante de sobrevivência: uma leitura crítica da lógica do capital humano na era neoliberal. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 44, n. 2, pp. 87-106, abr./jun., 2021.

CARDOSO FILHO, Carlos Antonio. A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 28, n. 2, pp. 242-251, mai./ago. 2016.

CLARETO, Sônia Maria; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. In CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. pp. 31-47.

COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In A. R. R. Geisler, A. L. Abrahão e C. M. B. Coimbra (Orgs.). **Subjetividades, violência e direitos humanos**: produzindo novos dispositivos em saúde. Niterói, RJ: EdUFF, 2008.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP). **Ofício circular** nº 2, de 24 de fevereiro de 2021. Orientações para procedimentos em pesquisas com qulaquer etapa em ambiente virtual. Brasília, DF, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução nº 510**, 7 de abril de 2016. Dispõe sobre dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. História da infância sem fim. 2. ed. ljuí/RS: Editora ljuí, 2004a.

CORAZZA, Sandra Mara. **Metainfanciofísica**. 2004b. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1lwdrLxL7Mr-40vW3gEh8SIUyBvZ-Vpgq/view Acesso em: 23 jun 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância**: desafio de todos, todos os dias. 2011. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1J9B4IUTYB91Jk-xibjH4m2SHW3WE6FUm/view. Acesso em: 23 jun 2021.

COUTO, Caroline. Infâncias-Migrantes-Literatura-infantil: cometas, para interrogar o mundo e reinventar mapas. 2020. Orientadora Profa. Dra. Betina Hillesheim. 94 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020.

CRUZ, Lílian; HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Infância e políticas públicas: um olhar sobre as práticas psi. **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, n. 3, PP. 42-9, set./dez. 2005.

DARSIE, Camilo. Educação, Geografia e Saúde: Geobiopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. 2014. **Tese de Doutorado** (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DARSIE, Camilo; WEBER, Douglas. Entre acolhimentos e estranhamentos: notas sobre migrantes e espacialidades. In: THOMA, Adriana da Silva (in memoriam); HILLESHEIM, Betina; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa (org). **Inclusão, diferença e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. pp. 178-88.

DEE-SPGG RS. Departamento de Economia e Estatística. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **Perfil dos Imigrantes no RS**. Cadastro Único (Ago/2020) e Cartão Nacional da Saúde (Dez/2019). 27 de outubro de 2020. Disponível em: https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202011/16151645-estudo-perfil-dos-imigrantes-no-rs.pdf. Acesso em: 17 jul 2021.

DELEUZE, Gilles. **ABCDário**.1988/1999. Entrevista realizada por Claire Parnet. Disponível em: http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=11061. Acesso em 17 jul 2021.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, pp. 10-18, jul./dez. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. 2 ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2011. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. 2. ed. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012a. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. 2. ed. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012b. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**. Por uma literatura menor. 3. reimp. Trad. Cíntia Vieria da Silva. Rev. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. Trad. Carlos Marconi. Rev. Marianne Strumpf. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 23, n. 1, pp. 5-28, jan./abr. 2011.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. Pista 5. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. pp.

92-108.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). **Crianças e adolescentes migrantes**. Módulo 1. Direitos de crianças e adolescentes nas migrações. Brasília: ENAP, 2021a.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). **Crianças e adolescentes migrantes**. Módulo 2. Integração das crianças e adolescentes migrantes. Brasília: ENAP, 2021b.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19**. Recomendações gerais. 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf. Acesso em: 10 mar 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 15. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Gilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade (1978). In: MOTTA, Manoel Barros da. 2. ed. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. **Coleção Ditos & Escritos IV**. Michel Foucault. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. pp. 281-305.

FOUCAULT, Michel. O poder psiquiátrico. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Pulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. 3. tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

GALLO, Sílvio. Deleuze & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GHIRALDELLI JR., Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. **Educação**, v. 26, n. 2, pp. 23-33, 2001.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 7. ed. revis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização no obra de Deleuze e Guattari. **GEO-graphia**, v. 4, n. 7, pP. 7-22, 2002.

HILLESHEIM, Betina. Entre a literatura e o infantil: uma infância. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008.

HILLESHEIM, Betina; BERNARDES, Anit Guazzelli; MEDEIROS, Patrícia Flores de. Leitura de uma onda: pesquisa e observação. **Eduação & Realidade**, v. 34, n. 3, pp. 213-24, set./dez. 2008.

HILLESHEIM, Betina. Políticas públicas e educação: desdobramentos para a pesquisa. Revista Ibe-

ro-Americana de Estudos em Educação, v. 10, pp. 788-796, 2015.

HILLESHEIM, Betina; CRUZ, Lílian Rodrigues da; SOMAVILLA, Vera Elenei da Costa. Deslizamentos: programa/estratégia saúde da família. In: GUARESCHI, Neuza M. F.; SCISLESKI, Andrea; REIS, Carolina dos; DHEIN, Gisele; AZAMBUJA, Marcos Adegas de. **Psicologia, Fromação, Políticas e Produção de Sujeitos**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. pp. 243-253.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). Extraregional Migration Report, 2019.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). World Migration Report, 2020.

JOSEPH, Handerson. **Por um mundo pós-fronteiriço**. Reportagem de 23 de fevereiro de 2021. Disponível em https://migramundo.com/por-um-mundo-pos-fronteirico/. Acesso em: 26 jun 2021.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Pista do Comum. Cartografar é traçar um plano comum. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp.15-41.

KOHAN, Walter. Infância. Entre a Educação e Filosofia. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011,

KOHAN, Walter Omar. **Visões de Filosofia**: infância. Alea, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 216-226, jul./dez. 2015.

KOHAN, Walter Omar. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. pp. 48-56.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmcia. In CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. pp. 17-30.

LARROSA, Jorge (org.). Elogio da escola. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**. Sobre o ofício de professor. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter. Apresentação da coleção. In MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. 2. ed. 2. reimp. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. P de professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LINHARES, Célia. Escrever e viver: estanhamentos e entranhamentos recíprocos. In CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. pp. 7-11.

Lourau, René. **René Lourau na UERJ**. Análise Institucional e Práticas de Pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993. (primeiro encontro)

LOURAU, René. A Análise Institucional. 3. ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACHADO, Leila Domingues; ALMEIDA, Laura Paste de. Notas sobre escrever [n]uma vida. In CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. pp. 75-85.

MARINUCCI, Roberto. Editorial. Migrações e trabalho: precarização, discriminação e resistência. **REHMU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 25, n. 49, pp. 7-11, abr. 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. 2. ed. 2. reimp. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano**: biografia de Renel Simon. Lajeado/RS: Editora da Univates, 2015. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/135/pdf_135.pdf. Acessado em: 01 mai 2019.

MIGRATION DATA PORTAL. **Relatório de Dados de Migração**. 2021. Disponível em: https://migrationdataportal.org/. Acesso em 23 jan 2021.

MOREIRA, Julia; BORBA, Janini 2021.

NORONHA, Andreza Estevam. A produção da criança refugiada a partir das fotografias nos documentos do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). 2020. Orientadora: Prof. Dra. Betina Hillesheim. 145 f. il. **Tese** (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (OBMigra). **Dimensões da migração internacional**: desigualdades, formalização no mercado de trabalho e status migratório. Brasília, DF: UnB, 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **As regras do jogo**. Uma introdução à ação normativa da Organização Mundial do Trabalho. 2019a. Disponível em: https://www.ilo.org/brasi-lia/publicacoes/WCMS_762425/lang--pt/index.htm. Acesso em: 25 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Construir sistemas de proteção social**: Normas internacionais e instrumentos de direitos humanos. 2019b. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_734079.pdf. Acesso em: 25 jan 2021.

OLIVEIRA, Antonio Tadeu Ribeiro de Oliveira; OLVEIRA, Wagner Faria de. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho informal: o que nos dizem as pesquisas domiciliares?. **PÉRIPLOS**, Revista de Pesquisa sobre Migrações, v. 4, n. 2, pp. 65-94, 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Direito Internacional da Migração**: Glossário sobre Migrações. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Acesso dos migrantes internacionais ao mercado de trabalho brasileiro**: desafios e oportunidades para as empresas. São Paulo, 2018. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/brazil/files/Publications/BRL-OIM%20009.pdf. Acesso em: 23 jun 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM), PROGRAMA DAS NAÇÕES UNI-DAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD), MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (MJ). **Visões do contexto** **migratório no Brasil**. v. 1. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/visoes_do_contexto_migratorio_no_brasil_VOLUME1.pdf/ Acesso em: 03 jul 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf. Acesso em 25 jan 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC)**. 1989. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca. Acesso em 25 jan 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Pacto Mundial para la Migración Segura, Ordenada y Regular**. 19 de deciembre de 2018. Disponível em: https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/180713_agreed_outcome_global_compact_for_migration.pdf. Acesso em 25 jan 2021.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Pista 1. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. pp. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Pista da Validação. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 203-237.

RIO GRANDE DO SUL (RS). **Nota Técnica nº 40**, 24 de junho de 2021. O perfil dos imigrantes no RS segundo o Sismigra, a RAIS e o Cadastro Único. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão Subsecretaria de Planejamento Departamento de Economia e Estatística.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. Pista da confiança. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 66-91.

SKLIAR, Carlos. infâncias da linguagem, infâncias da infância, memórias de infâncias: depois é tarde demais. Trad. Tiago Ribeiro e Rafael de Souza. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, pp. 245-60, mai./ago 2018.

SOARES, Ademilson de Sousa. Infância, natalidade e educação. **Educação Unisinos**, v. 21, n. 1, pp. 12-20, jan./abr. 2017.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. Pista da Entrevista. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 92-127.

TORELLY, Marcelo (coord.). **Visões do Contexto Migratório no Brasil**. Brasília: Organização Internacional para as Migrações, Agência das Nações Unidas Para as Migrações, 2017. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/visoes_do_contexto_migratorio_no_bra-

sil_VOLUME1.pdf. Acesso em: 04 jul 2021.

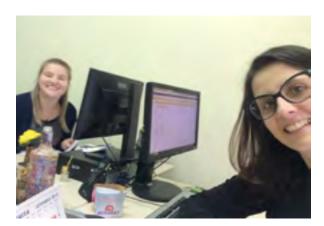
25Nj@E2702A1child is a child. 2017. Disponível em https://www.unicef.org/reports/child-child. Acesso em

WALDMAN, Tatiana Chang. Curso. **Uma introdução às migrações internacionais no Brasil Contemporâneo**. Módulo I. Brasília: DPU/IOM, 2018.

WEIWEI, Raiz Ai. *Human flow*: não existe lar se não há para onde ir. Direção: Ai Weiwei. Roteiro Tim Finch. Elenco: Peter Bouckaert. Título original Human Flow. 2017.

WEIWEI, Raiz, Ai. Acervo do artista. Exposição na Oca do Ibirapuera. São Paulo. 2018.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. Trad. e prefácio Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2016.































Território I. Uma chegada. Trabalho.

Tem sido também pelo trabalho que a criança-migrante tem entrado no Brasil. O trabalho é uma das instituições que movimenta o mundo e o sistema econômico. O trabalho gera renda, gera riquezas, organiza uma sociedade. Uma instituição que constitui os sujeitos e produz modos de vida. É pela renda que o trabalho gera, pelas *condições de vida* que ele oferta, que as pessoas, também, se deslocam (Julia B. Moreira e Janine H. O. M. de Borba, 2021). Nosso menino-pássaro que o diga. O país onde morava está em crise. Uma crise econômica e política. Mas há amigos do *niño*, que migraram pelo desejo de seus pais em conhecer outro país. Ou, ainda, porque *seus* países estavam passando por alguma questão climática/ambiental. É pelo trabalho - e por condições melhores para seu futuro - que a família do menino-pássaro chegou ao Brasil. É por meio/e por causa do trabalho que o menino-pássaro migra.

O território do trabalho se produz enquanto uma linha de segmentaridade na constituição de uma criança-migrante. "Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012a, p. 92). Uma linha que traz o instituído, o formal, o previsto. Um espaço estriado (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b). Ser adulto. Trabalhar. É em busca dos seus efeitos - o salário, o dinheiro... - que as pessoas também se movimentam e movimentam seus desejos. *Nós viemos para multiplicar o dinheiro que tínhamos* (Mãe do Menino-pássaro). Seja ele formal ou informal, ele move, ele movimenta. Ele faz a máquina do capitalismo operar. É um território complexo. "O território é [...] um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os 'territorializa'. [...] Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os (embora permaneça frágil frente a intrusões)" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p. 120).

Essa linha, no processo migratório dessa pesquisa, tem cara. Cabe ao homem a busca por ele. Uma linha molar. Uma linha sedentária. Por que sedentária? Porque, ainda, a ele, ao homem, é esperado a gestão da família, a obrigação do trabalho. É o homem - muitas vezes pai da família - quem movimenta a família na busca por *melhores condições de vida*. O homem vem sozinho. Primeiro. Descobre o lugar, os lugares. Tateia as possibilidades. Garante possibilidades. Mas também desestabiliza. Bagunça. Desconecta por um tempo os membros familiares. Desterritorializa as concepções familiares: os laços seguem existindo, mas em lugares diferentes. E o tempo de duração dessa configuração? São as políticas públicas, os acordos, as leis e os regramentos [do governo brasileiro] que dirão.

Meu pai trabalhou um tempo no Brasil. Ainda quando morávamos na Venezuela. Ele ficava um tempo, e voltava. Tinha trabalho bom, dizia minha mãe. Acho que porque o trabalho era bom, que viemos todos nós para o Brasil. Foi em partes. Primeiro o papai.

Depois eu e a mamãe.

(Menino-pássaro)

O *Extraregional Migration Report* (IOM, 2019) indica que na região das Américas, 71% dos migrantes são homens não acompanhados de familiares, e apenas 29% são mulheres. No entanto, apenas 9% dos homens viajam acompanhados de crianças, contra 22% das mulheres

(7% das mulheres não estão acompanhadas de crianças). A maior parte dos migrantes são adultos com idade entre 20 e 40 anos, sendo 85% deles entre 18 e 35 anos.

Nosso menino-pássaro entra nessa estatística. Seu pai veio primeiro. Ele viajou com sua mãe quase um ano depois. Seu amigo Juan também chegou ao Brasil depois de seu pai, com sua mãe. Já María, ela ficou dois anos longe de seus pais e chegou ao Brasil com seus primos. Os pais do menino-pássaro, do Juan e da María têm entre 31 e 35 anos.

Os processos migratórios da última década, 2010 a 2020, no Brasil, têm caminhado em paralelo com mudanças nas leis trabalhistas, que, em sua grande maioria, "estão sendo implementadas com o objetivo, real ou fictício, de aumentar a competitividade em um contexto de crise econômica" (Roberto Marinucci, 2017, p. 7). Com o discurso de que os objetivos são de flexibilizar os contratos de trabalho e os processos de negociação coletiva, Roberto Marinucci entende que as reformas previstas buscam "a redução dos direitos dos trabalhadores" (p. 7), o que afeta, também, a população migrante. Apesar das legislações reconhecerem a igualdade dos direitos laborais entre autóctones e estrangeiros(as), registra-se uma maior vulnerabilidades destes(as). Vulnerabilidade que se acentua quanto interseccionada com "questões de gênero, etnia ou religião" (p. 7). Desse modo, para o autor, a população migrante sofre os efeitos dessas novas organizações e formas de trabalho, sobretudo em termos de desemprego, subemprego e sobrequalificação. A família do menino-pássaro que o diga. As mulheres, mesmo com formação profissional de ensino superior, estão em casa. Os homens, estes não atuam no ramo que atuavam na Venezuela.

Minha mãe trabalhou na profissão dela na Venezuela. Como já contei, ela desenha as estradas. Ela diz que é engenheira. Ela trabalhava na Venezuela para uma empresa que é aqui do Brasil. Ela já conhecia brasileiros; eu não. Escutei ela contando para a mãe da María, que ela mostra o currículo dela aqui no Brasil - eu não sei o que é isso, mas deve ser os desenhos que ela faz - e todas as pessoas ficam surpreendidas. (Menino-pássaro)

As rotas de chegada apresentadas nas histórias das famílias que migram, para além de apontarem a rota migratória, desenham a rota da busca pelo trabalho. A política migratória brasileira, principalmente a partir da Lei de Migração (Brasil, 2017), entre os princípios e diretrizes, garante acesso igualitário e livre do(a) migrante ao trabalho.

Seção II - Dos princípios e das garantias

XI - acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social.

Para essa garantia, o(a) migrante precisa ter entrado regularmente no Brasil e ter sua documentação regular - dever do Estado. Na normativa de 2017, o(a) migrante não pode trabalhar sem ter visto específico para o trabalho. Tanto em pedidos de visto temporário quanto em pedidos de residência permanente, este direito está garantido. Esta é uma mudança

significativa em comparação ao Estatuto do Estrangeiro (1980), legislação anterior à Lei de Migração, o que tem possibilitado a diminuição de situações irregulares quanto ao trabalho de migrantes (OIM, 2018).

```
Seção II
[...]
Subseção IV - Do Visto temporário
```

Art. 14. O visto temporário poderá ser concedido ao imigrante que venha ao Brasil com o intuito de estabelecer residência por tempo determinado e que se enquadre em pelo menos uma das seguintes hipóteses:

e) trabalho

[...]

§ 5º Observadas as hipóteses previstas em regulamento, o visto temporário para trabalho poderá ser concedido ao imigrante que venha exercer atividade laboral, com ou sem vínculo empregatício no Brasil, desde que comprove oferta de trabalho formalizada por pessoa jurídica em atividade no País, dispensada esta exigência se o imigrante comprovar titulação em curso de ensino superior ou equivalente.

[...]

Seção IV - Da Autorização de residência

Art. 30. A residência poderá ser autorizada, mediante registro, ao imigrante, ao residente fronteiriço ou ao visitante que se enquadre em uma das seguintes hipóteses:

[...]

I - a residência tenha como finalidade:

[...]

e - trabalho

[...]

II - a pessoa:

[...]

b) seja detentora de oferta de trabalho;

(Lei das Migrações, 2017)

Em pesquisa realizada pela OIM (2018), com gestores(as) de empresas nacionais que empregam migrantes, quando trataram das dificuldades da contratação de migrantes, um dos pontos elencados "foi a limitação da interação das mulheres de determinadas culturas com o público em geral, o que as restringiria no exercício de certas funções nas empresas" (p. 28). Na cultura venezuelana, na produção de nossa cartografia este não foi um ponto identificado. Pelo contrário, as mulheres entrevistadas estavam em busca de trabalho ou já haviam exercido alguma ocupação no Brasil.

O relatório da OIM (2018) ainda aponta que "a vulnerabilidade percebida por elas mesmas as fazem buscar vagas abaixo de sua capacidade profissional, pois teriam mais chances de consegui-las" (p. 28). Esse foi um dos pontos levantados pelas mulheres entrevistadas: suas formações em nível superior e atribuições - muitas vezes de alta exigência profissional - não são reconhecidas no Brasil, sendo que elas acabam buscando trabalhos, em muitos casos, que não exigem, por exemplo, nem ensino médio completo.

Eu tinha muitas coisas na Venezuela que em outros países é mais difícil. Porque a educação superior, do que tem falado para mim, aqui é mais complicado. Eu me graduei como engenheira com 24 anos. Graças a Deus eu consegui trabalho em minha profissão muito rápido. Trabalhei muito tempo...

(Roubo de memórias)

Ao aprofundaram a discussão de gênero - um dos objetivos específicos do estudo - "de entender a realidade das mulheres migrantes internacionais" (OIM, 2018, p. 43), quando os pesquisados(as) foram perguntados(as) se há questões que dificultam a contratação, 76% responderam que sim:

Os fatores apontados como de maior criticidade na contratação de mulheres migrantes passam principalmente por questões culturais, associadas ao preconceito de gênero ainda presente nas empresas nacionais (**como a atribuição de responsabilidade da mulher pela criação dos filhos e cuidados da família**) ou a questões mais específicas de certas religiões (por exemplo, de não permitir que a mulher vá em busca de oportunidades de emprego). Segundo os respondentes, esses fatores fazem com que elas tenham, em média, menos experiência e menor formação profissional em comparação aos homens (p. 43 - grifos nossos).

Importante salientar que neste estudo, venezuelanos(as) e haitianos(as) foram tomados(as) como migrantes vulneráveis, os(as) diferenciando de migrantes internacionais.

Migrantes internacionais vulneráveis

Aquele que tem sua capacidade diminuída para resistir, lidar ou se recuperar de situações de violação de direitos ou de violência. Um exemplo são os migrantes que deixam seu país de forma precária fugindo de crises econômicas ou calamidades ambientais. Nos últimos anos, estima-se que o Brasil tenha recebido mais de 50.000 haitianos e 30.000 venezuelanos em condições de vulnerabilidade (p. 20).

Migrantes internacionais

Toda pessoa que muda seu lugar de residência para outro por um tempo indeterminado. Em geral, o migrante busca um novo lugar de residência onde as possibilidades de trabalho e as características sociais sejam mais satisfatórias do que no lugar onde vivia anteriormente (p. 20).

Para o menino-pássaro e seus amigos, a situação do (não) trabalho de suas mães ocorreu em função da pandemia. Grande parte deles(as) migraram - as crianças - durante o ano de 2020. O fechamento das escolas - e a garantia de trabalho dos pais - fez com as mães ficassem em casa, cuidando dos(as) filhos(as). Embora 73% dos(as) migrantes tivessem empregos formais antes de migrar, acesso a serviços básicos, insegurança e violência são os grandes mobilizadores para a saída de seus países. Em contrapartida, os *fatores de atração* dizem de oportunidades para melhoria da situação socioeconômica, estabilidade política e grande potencial de obtenção de asilo. Apenas 10% indicam a reunificação com membros da família como fator (IOM, 2019).

Tem sido muito legal estar no Brasil. Minha mãe agora fica comigo. Passa o dia todo cuidando de mim e brincando.

(Menino-pássaro)

É assim... [suspira] ... o processo de adaptação é para todos. Não é fácil. Eu sou uma mulher acostumada a trabalhar. Muito. E desde muito pequena. Eu toda vida trabalhar (sic). [...] Sempre trabalhei. Desde que nasceu meu filho eu não trabalhei mais. Três anos que não trabalho mais. Então... é assim... são etapas, eu tenho que viver, eu tenho que superar, eu tenho que acalmar ... [risos]. [...] Tenho 35. [...] Sou dona de casa. É um trabalho muito duro. Muitas pessoas não valoram. Mas é um trabalho de segunda a segunda, vinte e quatro horas, 365 dias do ano [risadas]. Muito duro... mas eu adorei. (Roubo de memórias)

Posso dizer que tenho passado todo o tempo com ele. Ele fica somente comigo. Eu digo, eu não posso trabalho, mas pude estar com meu filho.

(Roubo de memórias)

A desterritorialização do trabalho também desterritorializa a família. Para a mãe, sentimento ambíguo: ótimo ver o desenvolvimento do filho; péssimo para sua vida profissional. Para o menino-pássaro: felicidade de estar com a mãe integralmente para si. E o pai? Pai remete ao trabalho. No trajeto do menino-pássaro, quando ele se encontra com o trabalho, as diferenças encontradas entre gênero e escolaridade de seus pais e dos pais de seus(suas) amigos(as) têm chamado sua atenção. Embora os dados sejam de 2015, 40.5% da população migrante exercia trabalho informal, totalizando 149.489 migrantes. Em comparação aos(às) trabalhadores(as) brasileiros(as), o percentual não se diferenciava tanto: 37.9% dos(as) brasileiros(as) ocupavam a informalidade quanto ao trabalho naquele ano. Quando os autores avaliam as diferenças quanto ao gênero, 68,9% da população ocupada - tanto no trabalho formal quanto informal - era masculina. No entanto, em relação ao grau de informalidade, este era maior entre as mulheres: 43.8% para elas e 39% para os homens. Na região sul, em 2015, cerca de 68 mil eram trabalhadores(as) formais e cerca de 31 informais (Antonio Tadeu Ribeiro de Oliveira e Wagner Faria de Oliveira, 2020).

Na tabela A podemos observar os dados quanto à escolaridade. No trabalho informal, as mulheres estão abaixo do percentual dos homens somente na categoria superior completo ou mais. No entanto, quando vamos aos índices do trabalho formal, elas são a maioria com ensino médio completo/superior incompleto, e quase se equivalem no superior completo ou mais. Importante salientar, ainda, que os(as) trabalhadores formais equivalem a 74.9% com ensino médio completo ou superior completo, contra 58.2% dos(as) informais. Chama atenção, também, que 1 a cada 4 migrantes no trabalho informal possuem ensino superior completo.

Tabela A - Escolaridade dos(as) trabalhadores(as) migrantes

Brasil e grandes regiões	Informais			Formais		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Sem instrução / Fundamental incompleto	24.9	24.2	24.7	10.1	6.9*	9.2
Fundamental completo / Médio incompleto	16.8	18.0*	17.2	18.5	9.9	16.0
Médio completo / Su- perior incompleto	32.5	36.3	33.8	29.3	41.4	32.9
Superior completo ou mais	25.8	21.6	24.4	42.0	41.8	42.0
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Oliveira e Oliveira (2020, p. 81). Elaborados pelos autores a partir dos dados do IBGE e PNAD (2015).

De uma possibilidade de inserção social, o trabalho tem passado a ser um "vetor de discriminação e exclusão social" (Roberto Marinucci, 2017, p. 7). Um território que tem se modificado e se precarizado. Enquanto que as leis migratórias têm se apresentado cada vez mais rígidas, paradoxalmente o campo do trabalho tem se colocado flexível. Nessa contradição, a desterritorialização do trabalho. Quando o território do trabalho encontra o território das migrações, há uma desterritorialização, que gera um acoplamento: trabalho-migrante. Outras regras, outros desafios, outras possibilidades se inscrevem. Principalmente a precarização. Talvez possamos dizer que uma tríade se forma: trabalho-precariedade-migrante. Uma reterritorialização: um trabalho que não é o seu de *ofício*, uma condição que lhe deixa vulnerável - migrante; e um modo de relação: a precariedade.

Cesar Candiotto (2020; 2021), defende que as pessoas que migram em busca de sobrevivência material, têm se configurado como "um novo objeto de regulação da governamentalidade biopolítica" (2020, p. 331): os migrantes de sobrevivência¹. No percurso da pesquisa, uma das famílias encontra-se nessa situação, pois arriscaram tudo pelo direito de "fugir da miserabilidade e perseguição na qual se encontram e dependem totalmente do país no qual buscam socorro e acolhida, como garantia do direito a viver" (2021, p. 91). No entanto, as demais famílias, em muitos momentos sentem-se objetivadas como "indivíduo perigoso à Nação ou à comunidade" (2020, p. 331), mesmo talvez não vivendo a situação de sobrevivência, isto é, tendo condições e possibilidades de retornar aos seus países de origem a qualquer momento.

^{*} Categorias com valores não estatisticamente significativos a 5%.

¹ Termo cunhado por Alexander Betts e tomado por Cesar Candiotto em suas produções. "Nem todo migrante de sobrevivência é um refugiado, embora o refugiado tenha sido tornado frequentemente um migrante de sobrevivência. Essa designação contrapõe-se à diferença ambígua e homogeneizante entre migrante político – no caso, o refugiado – e migrante econômico – todos os que migram por razões econômicas, desde os que procuram aumentar seu capital, até os que fogem da fome extrema. É temerário situar os migrantes de sobrevivência como simples migrantes econômicos, pois essa inclusão envolve admitir a indistinção entre as migrações involuntárias em busca de alimento e as voluntárias, as quais almejam qualquer lucro econômico" (Cesar Candiotto, 2021, p. 91).

Entre aberturas e fechamentos de fronteiras para entrada de venezuelanos(as) - seja devido à pandemia de SARS-CoV-2 ou pelos pedidos do governo, principalmente do estado de Roraima - as possibilidades de vagas de trabalho pelo país, com a implantação da política de interiorização, têm se apresentado. São vagas de trabalho que muitas vezes não conseguem ser ocupadas (ou não são desejadas) pelos(as) trabalhadores(as) brasileiros(as), como, por exemplo, no ramo frigorífico, da construção civil ou mesmo metal-mecânico. Talvez, essa ociosidade de vagas é que abre possibilidades dos municípios pactuaram com a Operação Acolhida. A engrenagem do Estado precisa funcionar. *A economia não pode parar.* Uma economia que se articula público-privado: o deslocamento pelo país é na esfera pública; a vagas, privada. Uma engrenagem que tem, como centro de seu funcionamento, o homem.

Para avaliação das condições de trabalho da população migrante, no que tange ao trabalho formal, pesquisadores(as) e institutos têm se utilizado de registros administrativos como os da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Antonio Tadeu Ribeiro de Oliveira e Wagner Faria de Oliveira, 2020). Visto o último censo demográfico brasileiro ter sido realizado no ano de 2010, as fontes de dados para pesquisas, consequentemente, acabam por se dar através, por exemplo, dos registros citados. Importante salientar, que desde 2010 até o momento - 2021 - tivemos a maior movimentação de pessoas migrantes em território brasileiro. Desse modo, encontrar dados que permitam análises fidedignas, torna-se um desafio.

Um estudo realizado pela Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão Subsecretaria de Planejamento Departamento de Economia e Estatística do estado do Rio Grande do Sul (RS) (RIO GRANDE DO SUL, 2021), tomando como banco de dados para pesquisa os dados do Sismigra, da RAIS e do Cadastro Único (Sistema Único de Assistência Social), aponta que, em média, a escolaridade dos(as) trabalhadores(as) migrantes no mercado formal é menor do que dos(as) trabalhadores(as) do RS, informados na RAIS. No entanto, o Cadastro Único essa situação se inverte: para obtenção de algum tipo de assistência social, a escolaridade dos(as) migrantes inscritos(as) é superior a dos(as) brasileiros(as), detacando-se principalmente quanto ao ensino médio completo e superior incompleto ou mais."Parece que o acesso ao mercado formal de trabalho é mais difícil para os imigrantes que têm maior escolaridade, podendo decorrer de problemas de validação de diploma ou expectativas salariais, por exemplo" (p. 8).

De certo modo, esses dados se mostram coerentes com as vagas ofertadas. As vagas disponíveis para a população migrante são aquelas que no Brasil, muitas vezes, não exigem o ensino médio completo - e muito menos superior completo. Além disso, há um entendimento sobre o conceito de carreira que tem se mostrado diferente entre migrantes e brasileiros(as). A força do acoplamento trabalho-precariedade-migrante. Um novo território que parece estar se instituindo.

O estudo da OIM (2018) - já mencionado - apontou que o "desenvolvimento do profissional brasileiro está pautado na especialização em uma função ou área, enquanto

em alguns países, é focado na formação multidisciplinar e na atuação em diversas áreas enquanto colaborador da empresa" (p. 27). Essas diferenças geram tanto conflitos quanto às expectativas para o desenvolvimento profissional quanto, em alguns casos, os(as) migrantes não apresentarem um histórico profissional condizente com a vaga ofertada.

Já para a avaliação do trabalho informal, que "em linhas gerais, o conceito de informal adotado nas análises refere-se aos trabalhadores que não contribuíam para a previdência social em quaisquer dos trabalhos que possuíam" (Antonio Tadeu Ribeiro de Oliveira e Wagner Faria de Oliveira, 2020, p. 67), os autores utilizaram tanto os dados do Censo Demográfico de 2010 quanto a Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, "que contêm informações relevantes sobre imigração internacional e mercado de trabalho" (p. 67). É cruzando, novamente, dados de várias plataformas, que minimamente conseguimos ter um panorama da situação das famílias migrantes quando o assunto é trabalho. Números geralmente servem ao controle. A estatística se move enquanto uma ciência a serviço da gestão de políticas públicas (Michel Foucault, 2006a). No entanto, quando cruzamos os números, a estatística, com migrações, estes *fogem, escapam*, desaparecem, são difíceis de encontrar. Não dar visibilidade, não fazer-existir parece não ser somente um trajeto que a criança-migrante, no percurso da tese, viveu. A invisibilidade *pertence* ao território-migrante.

Michel Foucault (2006a), ao apresentar a emergência do problema do governo - "como governar-se, como ser governado, como governar os outros, por quem devemos aceitar ser governados, como fazer para ser o melhor governante possível" (p. 282) - no século XVI, o comprende a partir do modelo da família. Tomando como base Jean-Jacques Rousseau, aponta que o Estado dever ser governado do mesmo modo como um pai governa a casa. No entanto, no século XVII, a expansão demográfica, o aumento da produção agrária, dentre outras situações, mostrou que o modelo familiar era inconsistente com a organização do Estado e do soberano, visto que não davam conta do problema da população. Assim, a partir deste momento, a população passa a ser foco e o modelo que se constitui passa ter foco a questão da vida, ou seja, "o Estado deve antes de tudo cuidar dos homens como população" (p. 305). A família passa a ser um elemento no interior da população: de modelo a instrumento e peça fundamental de governo.

No entanto, nas sociedades de poder soberano, a família segue tendo um papel fundamental, no que se refere aos dispositivos disciplinares, ela é "o ponto de engate indispensável ao funcionamento de todos os sistemas disciplinares, tornando-se a instância de coerção que liga, de modo permanente, os indivíduos aos aparelhos disciplinares" (Betina Hillesheim, Lílian Rodrigues da Cruz e Vera Elenei da Costa Somavilla, 2010, p. 246). No momento em que Judith Butler² (2006; 2015a), a partir do conceito de precariedade, apresenta a emergência de soberanias contemporâneas, sua análise corrobora com a possibilidade da *invisibilidade* de dados sobre migrantes ser justamente uma estratégia de governamento contemporânea. Não é somente uma invisibilidade estatística. É uma estratégia de governo.

² Essa discussão está aprofundada na Trocha 7.

Ao invisibilizar determinados públicos, apreende-se a vida como precária e não se garante condições de sobrevivência e prosperidade (Judith Butler, 2015a). No momento em que políticas públicas baseiam-se em índices, números, indicadores para serem criadas e implementadas, dar invisibilidade faz com que medidas não precisem ser adotadas, como, por exemplo, ações para o acolhimento a famílias migrantes. A política de entrada no Brasil não tem como escapar, isto é, o pedido de ingresso em solo brasileiro não tem como ser ignorado. Logo, a Operação Acolhida opera coerentemente, ao proporcionar espaços de escuta e acolhimento e realizar tentativas de inclusão no mercado de trabalho. No entanto, após o ingresso, o *destino* desses migrantes se perde. Temos os dados de ingresso *no* país, mas não pelo país - talvez assim entendemos a invisibilidade das crianças, pois elas estão pelo país. Dados precisam ser buscados em várias plataformas e sistemas e, mesmo assim, não são confiáveis. Ou são, até mesmo, contraditórios. Isso não é somente uma realidade do governo dos(as) migrantes no Brasil. Percebemos isso também nas plataformas, relatórios e indicadores mundiais. Brincar com os números - invisibilizando as pessoas que moram nesses números - parece ser uma estratégia de governamento. "Afirmar que a vida é precária é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver" (p. 40).

Nas muitas face que a invisibilidade pode assumir, para alguns(umas) autores(as) e órgãos governamentais brasileiros (IOM, PNUD, MJ, 2017; Silvio Beltramelli Neto e Bianca Braga Menacho, 2020), o trabalho é o motor de política pública capaz de reduzir as vulnerabilidades. No entanto, a OIT, em consultoria técnica realizada à Organização Internacional para as Migrações (IOM), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Ministério da Justiça (MJ) (2017), no estado de São Paulo (SP), ao abordar a iniciativa privada - que é quem tem contratado o pai do menino-pássaro e os pais de seus amigos - entende que esta ainda está pouco envolvida e sensibilizada com as questões laborais aos(às) migrantes, contratando-os(as) como mão-de-obra barata, desrespeitando leis trabalhistas, dentre outras irregularidades. Esta, inclusive, não é somente a realidade de SP. Ousamos afirmar que é a realidade brasileira, com raras exceções.

De certo modo, se olharmos para o estudo do RS, apontado anteriormente, que cruza dados de cadastros trabalhistas com os dados da assistência social, confirma-se, novamente, a precarização das situações laborais - ou até mesmo a inexistência de trabalho - visto que os(as) migrantes necessitam acessar as políticas públicas de assistência social, aquelas que garantem direitos básicos, como alimentação, por exemplo, ou até mesmo renda (programa Bolsa Família). Novamente um instrumento de governamento cruzando o caminho: a política de assistência social também tem a família como centro de sua gestão. A dificuldade de visibilidade novamente cruzando o caminho.

Os pais do menino-pássaro e os amigos(as) dos pais dele sentem-se muito gratos pelas condições de trabalho e oportunidades que o Brasil tem ofertado. Dos paradoxos e dos vários caminhos que o encontro trabalho-migrações encontra. Paradoxo, pois há cotidianamente denúncias, notícias e manifestações de situações precárias - e análogas à escravidão - que migrantes são submetidos.

Embora desde início de 2019 o Brasil não seja mais signatário do Pacto Mundial pela Migração Segura e Ordenada (ONU, 2018) - sendo que ela foi instituída em dezembro de 2018 - percebemos que alguns de seus objetivos têm se apresentado ao longo das ações da Operação Acolhida, criada em 2018 pelo governo federal brasileiro.

Uma grande força-tarefa humanitária executada e coordenada pelo Governo Federal com o apoio de agências da ONU e de mais de 100 entidades da sociedade civil, a Operação oferece assistência emergencial aos migrantes e refugiados venezuelanos que entram no Brasil pela fronteira com Roraima. O Governo Federal estima que, atualmente, cerca de 260 mil refugiados e migrantes venezuelanos vivem no Brasil. A Operação Acolhida está organizada em três eixos: 1) ordenamento da fronteira – documentação, vacinação e operação controle do Exército Brasileiro; 2) acolhimento – oferta de abrigo, alimentação e atenção à saúde; 3) interiorização – deslocamento voluntário de migrantes e refugiados venezuelanos de RR para outras Unidades da Federação, com objetivo de inclusão socioeconômica (BRASIL, 2021a, texto digital).

É pelo terceiro eixo, indiretamente, que o menino-pássaro chegou ao Rio Grande do Sul. Voou de avião pela primeira vez e soube que isso somente foi possível por essa operação. No entanto, uma possibilidade direcionada ao seu pai. Ao menino-pássaro e à mãe, uma espera de seis meses para conseguir dinheiro para se encontrar com o pai. Alguns de seus amigos, voaram em família. Oscilações de decretos e portarias³ no decorrer da pandemia. Ora *interiorizando* a família, ora não. Um jogo entre visibilibilidade e invisibilidade. A estratégia do governamento pela invisibilidade operando.

Talvez resquícios do Pacto estejam presentes no modo como sua família tem sido recebida nas cidades por onde passa/passou, bem como algumas famílias venezuelanas que têm chegado ao Brasil. A acolhida, as condições de saúde, o acesso à escola e as oportunidades de trabalho têm sido alguns dos objetivos que a Operação tem se proposto e que, de certo modo, os(as) migrantes têm entendido que estão sendo contemplados. Importante ressaltar, que estamos falando de uma determinada região, no Rio Grande do Sul.

Ainda que o Brasil não seja a rota prioritária dos(as) migrantes - é o segundo país de destino na América do Sul (33%), perdendo somente para o Chile (56%) (IOM, 2019, p. 24) - em 2018 migrantes venezuelanos(as) solicitaram mais de 340 mil pedidos de asilo, sendo considerado o país com maior pedido de asilo no mundo, principalmente se comparado o aumento em relação ao ano anterior, que foi de 100 mil. Estima-se que 3 milhões de venezuelanos(as) deixaram seu país no final de 2018 devido há vários fatores, incluindo violência, perseguição e crise econômica/política (IOM, 2020).

Diferentemente de alguns países europeus e dos Estados Unidos, o Brasil apoia e garante a integração da família migrante. Crianças não são separadas de seus pais - como ocorre nos Estados Unidos - reconhecendo o(a) migrante, independentemente de sua nacionalidade, como um sujeito de direitos, e promove o combate à xenofobia e a

³ Até o final da produção da tese, a portaria vigente é a Portaria Interministerial nº 655, de 23 de junho de 2021 (Brasil, 2021b).

não-discriminação como princípios. A nova Lei Migratória amplia os direitos dos migrantes e facilita o processo para que obtenham seus documentos e regularizem sua situação no país. Regularizar sua situação, é regularizar a entrada. E *suas vidas?*

Ainda quando nos referimos ao trabalho, a pesquisa realizada pela OIM (2018) aponta que a Lei de Migração (Brasil, 2017) simplificou o processo da documentação para as vagas de trabalho e também garantiu mais segurança às empresas que contratam trabalhadores(as) migrantes, sendo um agente facilitador da inclusão de migrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. Um ponto, ainda destacado, é a necessidade de um maior esclarecimento quanto às etapas dos processos seletivos, que nem sempre são compreendidas. No entanto, reafirmamos que o trabalho acaba se inserindo, de certo modo, numa esfera *privada* de governamento, mesmo que haja investimento do governo, por meio de incentivos fiscais. Coerente com o jogo político-econômico neoliberal.

Iniciamos afirmando que via trabalho é uma das possibilidades de chegada de uma criança-migrante ao Brasil. Um território que se configura com um espaço estriado, que tem se mostrado - nesta pesquisa - enquanto precarizado e vulnerável. Vulnerabilidade e precariedade estas que tanto se confundem com as mudanças das legislações trabalhistas brasileiras quanto com a própria condição que o processo migratório produz. Precariedade que se insere em um modo de governar onde a invisibilidade opera.

Trocha 6



Território II Uma acolhida. Escola.

Desfrute de sua infância, desfrute do seu tempo livre, de sua escola... (Mãe do menino-pássaro, para o menino-pássaro)

Acolhimento. Roubamos do campo da saúde seu significado. "O acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um "estar com" e um "estar perto de", ou seja, uma atitude de inclusão. Essa atitude implica, por sua vez, estar em relação com algo ou alguém" (Brasil, 2010, p. 6). Enquanto diretriz central nas práticas de saúde, o acolhimento é compreendido tanto como ato - momento de encontro e entrada em um serviço - quanto como dimensão ética. Em sua dimensão ética, que nos interessa, ele é pensado nos âmbitos ético, estético e político:

- ética no que se refere ao compromisso com o reconhecimento do outro, na atitude de acolhê-lo em suas diferenças, suas dores, suas alegrias, seus modos de viver, sentir e estar na vida;
- estética porque traz para as relações e os encontros do dia-a-dia a invenção de estratégias que contribuem para a dignificação da vida e do viver e, assim, para a construção de nossa própria humanidade;
- política porque implica o compromisso coletivo de envolver-se neste "estar com", potencializando protagonismos e vida nos diferentes encontros.

(Brasil, 2010, p. 6)

Uma aposta no encontro, na produção de vínculo. "Uma postura acolhedora implica estar atento[a] e poroso[a] às diversidades cultural, racial e étnica" (Brasil, 2010, p. 21). É desse modo que a escola também é compreendida pelo menino-pássaro, seus amigos(as) e familiares. Como um lugar de acolhida, de encontro, de suporte.

É desse encontro entre menino-pássaro, a família e uma escola, que questionamos: o que pode uma escola?¹. O que deseja uma escola no encontro com uma criança-migrante? Como uma escola é capaz de afetar e ser afetada nessa relação que estabelece? Essas são algumas linhas-perguntas que nos ajudarão a contar a trajetória do menino-pássaro, sua família e amigos(as) com a escola.

Jan Masschelein e Maarten Simons (2017), na obra *Em defesa da escola*, discorrem sobre as condições de possibilidade do nascimento da escola e apresentam os *ataques* históricos que ela sofreu e sofre, num certo anúncio de seu desaparecimento. Ataques que talvez carregam como motivação um

medo e até mesmo ódio contra uma de suas características radicais, porém essencial: a de que a escola oferece *tempo livre* e transforma conhecimento e as habilidades em *bens comuns*, e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo (p. 10).

¹ Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998), no encontro com Baruch de Espinosa, perguntam o que pode um corpo?.

Ao defenderem a escola, os autores reconhecem sua vulnerabilidade e defendem que o futuro da escola é uma *questão pública*, reafirmando, ainda, que querem "torná-la uma questão pública" (p. 11). No desejo de torná-la pública, colocam a potência da *pólis*, da cidade, enquanto devir (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997), lembrando que a escola é uma "invenção (política) específica da pólis grega" (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017, p. 26).

Tempo livre e espaço público são os fios condutores da escola defendida por Jan Masschelein e Maarten Simons (2017). E a mãe do menino-pássaro também, quando ela deseja, como apontamos no início, que ele *desfrute do tempo livre*. Tempo livre entendido como um tempo não produtivo ou, ainda, a escola estabelecendo um tempo e espaço "que estava, em certo sentido, separado do tempo e espaço tanto da sociedade (em grego: *polis*) quanto da família (em grego: *oikos*). Era também um tempo igualitário e, portanto, a invenção do escolar pode ser descrita como a democratização do *tempo livre*" (p. 26). E espaço público, pois trata-se de abrir a vida ao mundo. À educação cabe renovar para um mundo comum (Jorge Larrosa e Karen Rechia, 2018, *roubando* Hannah Arendt). Ou, ainda, "o lugar onde o mundo se torna comum, onde se dá ou se entrega em comum" (Jorge Larrosa, 2018, p. 230).

Para Jorge Larrosa (2018) e Hannah Arendt (1957) uma educação - que talvez ocorra *via* professor(a) - envolve quatro movimentos/componentes: a resposta a um chamado do mundo; a resposta ao chamado da transmissão do mundo; a resposta a uma renovação do mundo; e a resposta ao chamado de uma comunização do mundo. A crise da educação, para estes(as) autores(as), reside não nos processos de ensino e aprendizagem, mas nestes *chamados*. Consequentemente temos a crise da escola, pois ela "é o espaço e o tempo que foi inventado e organizado para a transmissão/renovação/comunização do mundo a que ela [Hannah Arendt] chama de 'educação'. [...] [P]odemos dizer que o amor ao mundo e o amor à infância se conjugam no amor à educação" (Jorge Larrosa, 2018, p. 231).

Embora Hannah Arendt (1957) faça suas análise voltadas à educação norte americana - visto estar à época da escrita do texto exilada neste país - pensamos que podemos atualizar suas problematizações ao contexto migratório dos anos 2010-2020.

Ainda que a crise na educação possa afetar o mundo inteiro, é significativo que seja na América que ela assume a forma mais extrema. A razão para tal decorre talvez do facto de, apenas na América, uma crise na educação se poder tomar verdadeiramente um fator político. Na verdade, a educação desempenha na América um papel diferente, de natureza política, incomparavelmente mais importante do que nos outros países. A explicação técnica consiste obviamente no facto de a América ter sido sempre uma terra de imigrantes. Nestas circunstâncias, é óbvio que só a escolarização, a educação e a americanização dos filhos dos imigrantes pode realizar essa tarefa imensamente difícil de fundir os mais variados grupos étnicos — fusão nunca completamente bem sucedida mas que, para lá de todas as expectativas, está continuamente a ser realizada. Na medida em que, para a maioria dessas crianças, o inglês não é a sua língua mãe mas a língua que têm que aprender na escola, as escolas são necessariamente levadas a assumir funções que, em qualquer estado-nação, seriam naturalmente desempenhadas em casa (p. 2-3).

Parafraseando Hannah Arendt, podemos pensar que na América Latina, em especial, o Brasil ainda assume um lugar no processo migratório onde a língua se torna mais um fator de *enfrentamento*, de *fronteira*: a maior parte dos países latino-americanos têm como *língua-mãe* o espanhol. Mesmo assim, o Brasil é a segunda rota de destino (IOM, 2019) dos(as) migrantes.

Segundo o Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2020), "crianças venezuelanas e haitianas, que até os anos 2000 quase não eram percebidas em território brasileiro, juntas responderam por 35,7% das matrículas em creches e préescolas no ano de 2019" (p. 215). No ensino fundamental, a maior parte dos estudantes é oriunda de países localizados no hemisfério sul. "Venezuela e Haiti responderam por 31,1% dos estudantes matriculados no fundamental em 2019 (p. 220). Já no ensino médio, o destaque fica para o norte global: entre as dez principais a nacionalidades destacadas, figuravam apenas estadunidenses, japoneses e portugueses.

O importante a destacar aqui é que, ao contrário do que ocorreu no educação infantil e fundamental, essas três nacionalidades reunidas superaram a soma de venezuelanos e haitianos, o que sugere que boa parte dos jovens oriundos desses últimos países podem ter sido levados a trabalhar ou buscar trabalho ao invés de se dedicarem aos estudos, algo que deve ser mais bem pesquisado de modo a comprovar tal hipótese (OBMigra, 2020, p. 225).

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), retoma-se o domínio, predominantemente, de latino-americanos, com haitianos (52,1%), paraguaios (10,6%) e venezuelanos (7,2%) entre as três principais nacionalidades. No quesito distribuição etária, para 2019, "a faixa de 30 anos e mais (49,9%) compõe a maioria dos matriculados; [após] os imigrantes com idades entre 18 a 29 anos (45,3%) que também não tiveram acesso ou não concluíram à Educação Básica e estão tendo a oportunidade de acessar a esse tipo de serviço no Brasil" (OBMigra, 2020, p. 231).

Pensar o que pode a escola a partir desses pressupostos, é também compreender como as famílias migrantes encontram na escola um espaço de acolhimento em suas chegadas ao Brasil. Não somente das crianças, mas também dos adultos, das famílias. E, talvez, iniciar a compreensão do lugar-acolhimento que a escola tem ocupado, mesmo que entendamos que família-escola seja um binômio que muitas vezes ocupam funções diferentes, isto é, à família cabe algumas responsabilidades, práticas ou relações com as crianças e jovens, por exemplo, que não são as mesmas da escola. No processo migratório, por exemplo, muitas vezes à família compete a *manutenção* dos hábitos, costumes, dentre outras vivências que desejam que não se percam.

Meu menino está aprendendo a falar. Isso é um desafio. Tenho tentado ensinar a ele as duas línguas, duas culturas. A cultura brasileira e a cultura de nosso país. Eu quero ser uma boa mãe. Uma boa mãe não quer que seu filho perca a raiz. Ele é venezuelano. Ele vai crescer na cultura brasileira. Tem que falar português, tem que falar espanhol. Ele tem que dizer mamá e mãe; tem que dizer avó e abuela. E tem que dizer rua e calle. É difícil...

(Mãe do menino-pássaro)

Nessas diferenças que se colocam entre escola e família, entre *responsabilidades* de uma e de outra, há fronteiras que têm se tensionado. Já apontamos - a partir de Jan Masschelein, Maarten Simons, Jorge Larrosa - o que cabe à escola e no que ela se diferencia da família, do trabalho e de outros lugares e instituições. No entanto, no encontro com as migrações há uma desterritorialização da escola, que passa a carregar, quem sabe, a família e as vulnerabilidades - como já apontamos - visto que estas *compõem* uma criança-migrante. Ou seja, família, vulnerabilidade e escola passam a configurar um novo território. Um território outro, que acolhe ética, estética e politicamente: reconhece o outro em suas diferenças, inventa estratégias para essa *nova* vida que se apresenta e aceita o compromisso coletivo do *estar com* e reconfigura os papéis dos(as) atores(as) envolvidos com a comunidade escolar.

Entre o *poder* - da nossa pergunta sobre *o que pode* - da escola e o desejo de acolhimento das famílias, há um encontro a ser cartografado. A escola, cujo tempo é um tempo do *fora*: do *fora* de casa, do *fora* do trabalho, do *fora* do mercado (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017; Jorge Larrosa, 2017), se mostrou no percurso da pesquisa como um tempo de *acolhida*, apontando, quem sabe, uma nova configuração produzida no encontro com uma criança-migrante.

É precisamente o modelo escolar que permite que os jovens se desconectem do tempo ocupado da família ou do *oikos* (a *oiko*-nomia) e da cidade/estado ou *polis* (polí-tica). A escola oferece o formato (ou seja, a composição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para o tempo-feito-livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017, p. 29).

Um devir-acolhimento que possibilita a circulação das diferenças que compõem o mundo. Um devir-acolhimento inclusive garantido nas legislações que dizem respeito aos(às) migrantes, principalmente quando se referem às crianças e aos adolescentes: Constituição Federal (Brasil, 1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), Lei das Migrações (Brasil, 2017) e Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). O direito à escola, à educação estão pautados e garantidos. No percurso do menino-pássaro, algumas histórias de não acesso à escola foram relatados, principalmente por falta de documentação. No entanto, em "relação a crianças migrantes e refugiadas e menores desacompanhados, destaca-se a necessidade de garantir seu pleno acesso à educação e à emissão dos certificados de conclusão, independente da documentação" (Marcelo Torelly, 2017, p. 48). Isto é, mesmo a criança estando indocumentada,

ela tem o direito ao ingresso na escola, por ser a educação, no Brasil, um direito universal - como na saúde - e que se aplica a qualquer pessoa que esteja no país.

Eles não estão estudando, porque como viajaram em dezembro do ano passado [2020], e com a pandemia, tudo estava fechado na Venezuela e eles não conseguiram seus papeis del colegio. Eles estavam desesperados. Fazia quase dois anos que não via meus filhos. Um ano e oito meses mais exatamente. Eu não queria esperar mais para eles ter os documentos. Disse para eles viajar sem os documentos do colégio, que depois víamos como fazer. Ainda estamos esperando. Estamos esperando mais familiares virem da Venezuela. Virão mais da família do meu esposo. Já estão em Boa Vista esperando documentação. Eles estão com os documentos dos meus filhos. (Memórias roubadas de uma mãe-migrante)

Assim, para além de pautado e garantido, esse direito também foi reconhecido pelas famílias das crianças escutadas nesta tese enquanto um lugar de acolhimento, de rede de apoio. Um lugar onde a vulnerabilidade² - uma condição de nossa existência (Judith Butler, 2006; 2015a) - tem possibilidade de ser encarada, pensada e, quem sabe, reconfigurada. Mesmo as crianças não estando matriculadas, a escola continuava sendo um lugar de referência e de segurança. Essa *memória roubada* nos sinaliza a necessidade de uma melhor orientação às escolas, ao sistema escolar, sobre o regramento da educação àqueles(as) que migram.

Sinceramente, eu acho que a escola é um lugar de contenção muito grande... no nosso caso.

(Pai do menino-pássaro)

Contenção. Contenção que segura, também *tem*, do verbo *conter*. Sim, a escola *tem*. Tem muito; muito de muitas *coisas*. Na trajetória do menino-pássaro temos a experiência com dois tempos da escola: um tempo pré-pandemia da SARS-Cov-2 - *Tempo I* - e um tempo durante ela - *Tempo II*.

Tempo I.

Um tempo sem vírus. Um tempo onde os corpos ainda se encontravam na presencialidade. O cheiro, o toque... os sentidos podiam se encontrar. Eles se encontraram com crianças haitianas e venezuelanas em uma trajetória que foi de buscas. Não as encontrava. Encontreias em espaços escolares e não escolares - aqueles chamados de *contra* turno. Achei também, acompanhando suas famílias em oficinas de língua portuguesa. Esse *tempo* foi um tempo de *viver* a intensidade da escola. *O que ela produz?* Ela produz encontro, produz alegria, produz estranhamento, produz línguas e costumes se encontrando e se estranhando. Produz adultos se desterritorializando - *pela* e *na* cultura - e precisando encontrar uma docência-migrante: aquela que rompe com as estrias da educação e faz *alisar* uma instituição que se faz resistir à captura: a educação. Uma educação que tem na escola e em seus/suas agentes - roubando um termo da Análise Institucional (Lourau, 2014) - um *locus* de manifestação. *Uma* educação. O artigo *uma* de Gilles Deleuze e Félix Guattari que misturo com a singularidade de René Lourau, para justamente sair da individualidade e produzir um campo de imanência. Um campo-potência.

² Ver Trocha 7.

Um campo-potência que faz a *dire* da escola se *desmontar* na fronteira 'nós' e 'eles. Que faz se perguntar porque produz em sua fala essa distinção. Que desmonta o *traço do mapa*. Um campo-potência onde o devir-infância-migrante corre pelos corredores da escola, ora *traduzindo* - quando o pai não sabe falar e a criança-migrante *serve* de tradutora - ora marcando a diferença - quando *brinca* com a língua para não ser compreendida. Uma brincadeira de esconde-esconde. Um campo-potência que coloca a mãe venezuela *ensinando* a criança haitiana sobre a comida brasileira. Um campo-potência que faz a língua gaguejar e minorar a educação, a escola, que Jan Masschelein e Maarten Simons precisam defender [e eu defendo com eles]. A escola sim tem sido um lugar-menor, em um campo histórico-político onde a educação é ameaça ao Estado e tem-se tentado a produzir como uma *escola sem partido*. Um lugar-público de resistência. Um lugar-público, que no encontro com crianças-migrantes resiste-em-potência e, talvez, por isso acolhe. O encontro *dos(as) menores*. Uma escola com partido. Com+partido = *compartido* [em espanhol] é compartilhar. Uma escola compartilhada. Uma criança-migrante que *alisa* a escola e a educação. Uma escola e uma educação que *tomam parte*: uma escolaleducação-devir-migrante!

(Memórias de um percurso de tese)

Tempo II.

Um tempo com menino-pássaro. Um tempo onde um menino não conhece a escola. Mas se encontra com a educação. Ou melhor: se encontra com a escola desterritoralizada. Uma escolaem-casa. Um tempo onde a família - que constitui uma criança-migrante - faz encontro. Meninopássaro chega ao Brasil na pandemia. A escola está fechada. Mas a escola também está aberta. Está aberta a acolher uma mãe-pássaro que tenta um contato com a escola, para compreender o que precisa de documentação, e já sai com a matrícula do menino-pássaro. Eu fiquei surpresa, porque eu fui a primeira vez na escola só perguntar se tinha vaga e a moça respondeu: 'Sim, sim, tem. Que vaga precisa? Vem amanhã com documento e você matricula'. Eu figuei assim [cara de espantol: Ai que bom!!! Uma escola-acolhedora. Uma escola que transpõe a legislação, os direitos, e encontra - também - na criança-migrante sua potência de suspensão do tempo. Jan Masschelein e Maarten Simons afirmam - inspirados em Daniel Pennac - que os(as) docentes atraem os jovens para o presente do indicativo, de certo modo suspendendo o passado e o futuro. Colocar no presente do indicativo é acolher o que o momento-tempo nos pede. Escolas que no encontro com crianças-migrantes não só suspenderam o desejo de um futuro melhor às crianças, mas escutaram que para que o futuro aconteça, há um presente a ser encarado, vivido. Um presente-migrante. Um presente que está estranhando muitas coisas. Um presente que precisa ser nomeado. Uma família, que talvez não consiga acompanhar as tarefas de casa. Uma mãe-pássaro que sofre ao não compreender a língua portuguesa e não conseguir auxiliar o menino-pássaro. Uma mãe-pássaro que encontra na escola também sua chance de compreender a língua. Uma escola que, na sua origem, justamente quer suspender a família, mas que na pandemia, para as famílias-migrantes, faz-se potência de existir. Uma escola que se situa no entre e nessa desterrritorialização, acolhe. Uma escola do tempo livre e do espaço público, que reterritorializa seus princípios de existência entendendo que família-migrante e menino-pássaro se fazem uno em um tempo-espaço pandêmico. Uma escola-ninho. Ninho e niño. Mesma pronúncia. Mesma potência. Novamente uma escola I educação-devir-migrante.

(Memórias de um percurso de tese)

Dois tempos. Dois tempos de muitos tempos. Tempos que se misturam e que fazem existir. Encontro, desejo e afeto: as três linhas que estamos tentando cartografar do encontro entre escola e criança-migrante. Encontros que os *Tempos I e II* se mostram em potência. Desejo que se mostra "revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 94-5). Afeto que se potencializa na ética do acolhimento, fazendo com que a escola escute os *modos de viver* que em um momento pandêmico se anuncia, e reconfigura sua relação com as famílias. Ou seja, uma "formação do desejo no campo social" (Félix Guattari e Suely Rolnik, 2005, p. 149). Uma escola que também ensina aos adultos uma nova língua.

Se você já não sai de casa, você não pratica. Daí eu falo com a minha mãe, e minha mãe fala espanhol. Falo com minha irmã, minha irmã fala espanhol. Falo com meu pai, meu pai fala espanhol. Eu só vi um pedacinho da educação aqui... meu sobrinho pedindo para mim "tia, me explica isso"... daí eu vou, busco e explico para ele. Busco em português, tenho que traduzir... e explico para ele [risos].

(Mãe do menino-pássaro)

O menino-pássaro e uma criança-migrante nos mostram que a escola pode resistir à captura de uma ordem instituída. A escola pode *desejar existir* com a família configurando uma *outra aliança*. Mesmo não estando no estabelecimento escolar, a família se encontra com a escola no momento das tarefas de casa. A mãe do menino-pássaro nos mostra o quanto este lugar também tem sido um lugar de aprendizagem para ela. A Escola Nacional de Administração Pública (ENAP, 2021b), em seu curso *online* e gratuito para servidores(as) públicos e interessados(as) na temática sobre migrações, reforça que "a escola deve se preocupar em propiciar um ambiente saudável para o desenvolvimento da língua e, se possível, ofertar esse tipo de apoio para as famílias migrantes que se interessarem também" (p. 25).

Hannah Arendt, Jorge Larrosa, Jan Masschelein e Maarten Simons, nossos intercessores e intercessora, que tanto pontuam a necessidade de diferenciar o lugar da família, do trabalho e da escola, talvez possam nos auxiliar a também pensar, pela potência do devir-migrante, em *uma* relação possível com àquela que também está precisando - ousamos dizer - *se educar*. O devir-migrante opera no encontro família-migrante e escola como uma linha flexível. No momento que uma família-migrante constitui nossa criança-migrante, quando falamos em migrações, talvez a família e a criança estejam em acoplamento. Gilles Deleuze e Féliz Guattari (2012a) já nos alertavam que a desterritorialização irá ocorrer *sobre* o território mais desterritorializado. Ousamos afirmar que a criança, na relação com a escola, é a que produz o maior *deslocamento*. Logo, *acolhemos* a família.

E eles ficam cuidando muito as crianças... Me gusta muito! (Mãe do menino-pássaro)

A ENAP (2021b) orienta a não pressionar pais e mães para falarem apenas em português com as crianças,

principalmente quando houver alguma situação relacionada ao desempenho acadêmico da(os) estudante. Pais e mães podem se sentir culpados(as), gerando diversas consequências negativas, como afastá-los(as) da vida escolar. A escola deve se preocupar em propiciar um ambiente saudável para o desenvolvimento da língua e, se possível, ofertar esse tipo de apoio para as famílias migrantes que se interessarem também. [...] [A] escola pode investir em outras formas de comunicação (como dança, artes, jogos e brincadeiras) e se aproximar da família, buscando apoiá-las e orientá-las sobre como participar da dinâmica de escolarização da criança (p. 25).

Por que não, em um a pandemia - ou mesmo depois dela -, a escola também não habitar o lugar do cuidado? Um cuidado que pode ser experienciado enquanto abertura do encontro com o outro. Outro este que traz outra língua, outros hábitos, outros modos de existir. Talvez, em tempos de movimentos migratórios, a escola, enquanto também - mesmo que haja críticas - de lugar do ensaio para a vida em sociedade, possa desejar, também, experienciar o acolhimento. "[...] [A] escola é, igualmente, o lugar onde os jovens (de acordo com um método específico) são abastecidos com tudo o que eles devem aprender para encontrar o seu lugar na sociedade" (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017, p. 25). Os *tempos* experienciados por uma criança-migrante, pelo menino-pássaro. E também pela mãe e tia do menino-pássaro, que para reforçar a importância da educação, remetem aos seus *tempos* de escola e realizam uma análise comparativa dos sistemas de ensino brasileiro e venezuelano.

Na Venezuela as mudanças na educação foram muito grandes também. Eu tenho a lembrança de todas as coisas que aprendi na escola. Você vê a educação agora na Venezuela e fica muito triste. Muito triste... justamente hoje pela manhã estava falando com a minha mãe. Que você vê as casas universitárias destruídas. Destruídas. Estava falando para ela. Eu sou formada em engenharia. Estive 9 anos trabalhando em minha profissão. Eu mostro meu currículo, a idade que tenho e muita gente fica muito surpreendida... Eu tinha muitas coisas na Venezuela, que em outros países é mais difícil. Eu estava falando para minha mãe que é impressionante como as pessoas ficam maravilhadas com todas as coisas que nós sabemos. As pessoas que estão na Venezuela não valorizam a importância da educação. Porque os que estão lá, se valorizassem a educação, não teriam feito o que fizeram com las casas de estúdio. Você sai de um país que é maravilhoso e se dá conta de como estão o destruindo. Você olha tudo que recebemos de nosso país ... e você sai... e não valorizam... (Mãe do menino-pássaro)

[...]

Têm muitas coisas que eu lembro que nos ensinavam na Venezuela, que aqui são muito diferentes. Os anos são mais específicos aqui no Brasil. Por exemplo: primeiro ano, é para desenhar, segundo ano para escrever, terceiro ano para somar. Na Venezuela é um pouco mais: primeiro ano é para desenhar e escrever; segundo ano é para escrever e ler; terceiro ano é para multiplicar e somar. É um pouco mais rápido. Já o ensino médio é um pouco mais amplo que lá na Venezuela. Aqui é mais completo. (Tia do menino-pássaro)

A escola, no percurso da tese, foi apontada como principal lugar de acolhimento nas cidades por onde os(as) migrantes passaram. Como anunciado na abertura dessa escrita, um lugar de *contenção*. Um lugar também de segurança, tanto para criança como para família. Segurança esta que vimos na análise dos materiais de domínio público se apresentando como vulnerabilidade. Uma vulnerabilidade que está/é escancarada e que deseja ser acolhida e, talvez, *educada*.

As famílias-migrantes e as crianças-migrantes parecem *entregar* à escola suas fragilidades, entendendo que é ela quem *suspende e acolhe* tantos elementos sociais - como o trabalho e a família, por exemplo - e abre a possibilidade de uma composição de um espaço liso, um espaço de produção do desejo (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017; Gilles

Deleuze e Félix Guattari, 2012b; Rolnik, 2006). Um desejo que habita um *futuro melhor*. Um desejo que *põe à mesa*³ vulnerabilidades sociais que não são exclusivas da população migrante. Vulnerabilidades que precisam ser olhadas e um devir-migrante talvez resgate à escola o seu compromisso com a sociedade.

Bueno... no nosso país as culturas que temos são bastante diferentes das culturas que temos aqui. Pero... também vejo que nossas culturas têm coisas bastante parecidas, porque para começar o nosso país é um país com bastante educação, somos um país com empatia, porque como aqui, nós, os venezuelanos, também abrimos todos os braços, somos pessoas que entre nós nos ajudamos, somos pessoas a agir com simpatia... "bom dia", "boa tarde"... "boa noite"... "con permisso"... é muito parecido aqui. Gente muito educada. Somos bastante parecidos, porque já estive em outros países ... e como comentava... esse país aqui é ... ótimo, é diferente. És un buen país. No Brasil mi gustó esse tipo de... pessoas... tienem um tipo de cultura. Se vê o respeito... se sentem com a necessidade de nos ajudar. E o fazem com afeto. (Memórias roubadas, de um relato sobre a escola... um ensaio português-espanhol)

Talvez resida na escola um acolhimento onde as *diferenças* não sejam marcadas enquanto desigualdades, mas como potência. Talvez as escolas por onde as famílias migrantes passaram, conseguiram produzir potência na/com a diferença. Diferença essa que muitas vezes já habita na escola: diferentes momentos de aprendizagem, diferentes situações socioculturais, diferentes arranjos familiares. No entanto, na escola essas diferenças não são ponto de intervenção. Enquanto que as políticas públicas de assistência social e saúde operam justamente para minimizar as desigualdades e os *desajustes*, precisando agir para produzir uma certa *normalidade* ou *estabilidad*e, as políticas públicas de educação *acolhem* elas para produzir singularidades.

Camilo Darsie e Douglas Weber (2019) afirmam que

As estratégias de acolhimento emergem articuladas ao sentimento de estranhamento, pois é a partir do lugar do outro que os migrantes passam a ser tratados e assistidos pelas políticas públicas locais. Nesse sentido, é importante pensar que, na tentativa de oferecer melhores condições de vida aos migrantes, as estratégias de acolhimento e adaptação operam para amenizar as diferenças culturais que os atravessam (p. 186).

Uma escola que tem experimentado não estranhar e não ser domada. Esta tem sido uma escola do encontro com as migrações. Para Jan Masschelein e Maarten Simons (2017) tem-se tentado domar a escola, implicando em "governar seu caráter democrático, público e renovador" (p. 105). Ao responsabilizar ela pela formação *para o trabalho* - o que seria uma função da sociedade; responsabilizá-la como uma *extensão da família*, por exemplo, desviariam sua condição de justamente "promover o tempo em que as necessidades e rotinas que ocupam a vida diárias das crianças [as dificuldades do processo migratório, por exemplo]

³ Jorge Larrosa (2018) aponta que em uma aula o(a) docente *põe à mesa* uma matéria de estudo, que oferece aos(as) estudantes, de modo a tornar-la pública.

podem ser deixadas para trás" (p. 31). A escola aparece justamente quando a sociedade decide que crianças e jovens não precisam trabalhar. "O que a escola faz é liberar as crianças do trabalho, do tempo do trabalho, mas não para prepará-los para o trabalho, e sim para darlhes um tempo diferente e, acima de tudo, um tempo para outras coisas" (Larrosa, 2018, p. 235). Para isso, a escola precisa continuar ligada à *scholé* (grega), ao tempo livre.

No entanto, ela também é capturada pela força do trabalho. Uma linha estriada, que coloca em cena a tensão trabalho x criança x educação. Os números de migrantes no ensino médio e na EJA já nos apontaram uma possibilidade da entrada no trabalho pelos(as) jovens migrantes, visto que no ensino médio a maior parte dos(as) migrantes matriculados(as) não são oriundos(as) da América Latina. Quando atentamos aos indicadores do ensino técnico, em 2019, dos(as) 17.521 matriculados(as), 56% eram homens e 44% mulheres A faixa etária dos(as) migrantes que procuram essa modalidade de ensino, 29,8% varia entre 18 a 24 anos e 29% com mais de 30 anos. Com relação às nacionalidades, os haitianos lideram o *ranking*. "Entre as 10 nacionalidades de maior presença nesse tipo de ensino, estão os latino-americanos (haitianos, uruguaios, bolivianos, paraguaios, argentinos e peruanos), japoneses, guineenses e norte-americanos" (OBMigra, 2020, p. 233). Interessante que venezuelanos(as) não aparecem na lista. No entanto, na família do menino-pássaro, o trabalho tem se configurado como uma instituição com forte potência de desejo, além da educação:

Se você quer que seu filho aprenda e seja alguém na vida, você precisa dar uma boa educação para ele. Falava para meu filho, o maior, quando estávamos em Boa Vista, que precisávamos ir para outro estado do Brasil. Precisávamos ir onde ele tivesse mais oportunidades de estudo, de emprego.

(Tia do menino-pássaro)

[...]

Eu fui no CRAS e a moça perguntou a idade dos meus filhos. Falei que tinha 14 anos. Ela me disse: "ele pode arrumar um emprego pelo Jovem Aprendiz". E eu falei para ele: "essa é a chance que você tem, filho!". Você se coloca a estudar, irão te ensinar responsabilidade... ensinar a cultura do trabalho... para começar uma carreira desde cedo.

(Tia do menino-pássaro)

[...]

Eu também fui aprendiz, mas a partir dos 17 anos. Na Venezuela parte dos 17 anos. Aqui é bem cedo, com 14 anos, né? Eu falei para meu marido: eu gostei, eu gostei que a criança desde cedo tenha responsabilidade, que não seguem na rua brincando ou procurado qualquer outra coisa. Escola-trabalho, trabalho-curso, curso-trabalho, trabalho-escola, né? E eles sentem aquele negócio que você ensina para eles, que eles tem que trabalhar, para poder viver bem. Que você não precisa do companheiro. Não. Você tem que trabalhar para morar bem. Ele viu umas casas grandes aqui na cidade. Casas bonitas. Disse que provavelmente a mãe, o pai e os filhos trabalhavam. Se todos nós trabalharmos, vamos poder comprar uma casa assim. Precisa estudar para poder morar assim.

(Memórias roubadas)

A escola - e de certo modo a educação - carregam em sua construção uma democratização e equalização, que em alguns momentos - ainda hoje - geram desprezo e hostilidade. "Para a elite, ou para aqueles que estavam satisfeitos em permitir que a organização desigual da sociedade continuasse sob os auspícios da ordem natural das coisas, essa democratização do tempo livre era uma pedra no sapato" (Jan Masschelein e Maarten Simons, 2017, p. 27). As trajetórias migrantes que se apresentaram no percurso da tese habitaram um desejo de equalização, de entendimento que o *tempo livre* pudesse ser *ocupado* com outras estratégias que não o trabalho, mas, ao mesmo tempo, escutamos a força da linha molar do trabalho - com todas suas nuances neoliberais - capturando os desejos e conformando a escola, a educação como agentes, inclusive, de produção de desigualdades - ponto este que os autores também identificam na escola.

Porque a educação superior, do que tem falado para mim, aqui é mais complicado. Depois que eu estive aqui por um tempo consegui entender a diferença entre a educação privada e a educação do Estado. Percebi que depois, mais para frente, quando minha filha quiser entrar na faculdade, a faculdade "gratuita" está disponível para quem não precisa. Para você conseguir entrar numa faculdade gratuita, tem que ter estudado antes em uma escola privada. E quem estudou na escola do Estado, que precisa da universidade gratuita, não dá... Aí que começa... quando são crianças, não?! O Estado não disponibiliza para as pessoas uma possibilidade de ferramentas que ... que na vida... lá na frente... possa lutar. (Memórias roubadas)

A escola que acolheu os migrantes no percurso desta tese, talvez resista com a potência do acolhimento a essa força institucional de ódio e destruição. Suas *raízes* talvez possam encontrar na escola I educação-devir-migrante uma linha de fuga para se constituir enquanto outro *sistema*, não mais radicular, mas rizomático. Ao se configurar rizoma, a escola passa a ser "uma espécie de puro meio: (p. 37), um entre. Entre sociedade-e-família; entre família-e-indivíduo; entre autóctone-e-migrante. Uma escola que se torna escola "pelo amor pelo mundo e pela nova geração" (p. 156). Nova geração que traz consigo o ato de ir e virmigrações - como constituinte de um território, cujas fronteiras ocupam um outro lugar, que tenham outro significado. "Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo" (Jorge Larrosa e Walter Kohan, 2017, p. 5).

Trocha 7



Território III Uma condição. Vulnerabilidade.

Mas você sabe que a Venezuela está em crise. É isto que se pone. Estamos lutando contra... para sobreviver. (Roubo de memórias)

Sobreviver. Assim iniciamos e continuamos. As vulnerabilidades as quais os(as) migrantes estão expostos(as) dizem de "forças articuladas social e politicamente", como nos afirma Judith Butler (2015a, p. 16), "bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo" (p. 16). Para a autora, a vida necessita de condições sociais e econômicas para ser mantida, para ser reconhecida como uma vida. Desse modo, "a precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos dos outros" (p. 31). Nossa condição precária, enquanto pessoas, deixa-nos vulneráveis. Famílias-migrantes, ousamos afirmar, mais ainda. Criança-migrante, ainda mais.

Importante atentar que Judith Butler - autora estadunidense - passa a endereçar suas produções ao corpo na esfera ética e política - não mais com tanta ênfase às questões de gênero, por onde tornou-se conhecida - a partir do atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Seus principais intercessores para a análise são Michel Foucault e Giorgio Agamben, para pensar a governamentalidade, soberania e a vida nua; e Emmanuel Lévinas, com seus conceitos de rosto e ética.

A autora reconhece que algumas populações estão mais passíveis à violência arbitrária que outras, fazendo com que a vulnerabilidade se distribua de forma desigual ao redor do mundo. Essa diferença, a partir de sua análise ética e política, ocorre pelas responsabilidades estarem sustentadas em formas radicais de autossuficiência e soberania desenfreada. Logo, Judith Butler (2006) propõe que a organização política tenha como princípio, como ética, pensar a vida a partir dessa interdependência e precariedade.

El cuerpo supone mortalidad, vulnerabilidad, praxis: la piel y la carne nos exponen a la mirada de los otros, pero también al contacto y a la violencia, y también son cuerpos los que nos ponen en peligro de convertirnos en agentes e instrumento de todo esto. Aunque luchemos por los derechos sobre nuestros propios cuerpos, los cuerpos por los que luchamos nunca son lo suficientemente nuestros. El cuerpo tiene una dimensión invariablemente pública. Constituido en la esfera pública como un fenómeno social, mi cuerpo es y no es mío¹ (Judith Butler, 2006, p. 52).

Nos trajetos percorridos pelo menino-pássaro algumas vulnerabilidades foram sendo nomeadas: as do próprio trajeto percorrido; as de gênero - principalmente vividas pela sua mãe²; articuladas com as questões de gênero, as vulnerabilidades dos processos de ensino

¹ O corpo supõe mortalidade, vulnerabilidade, práxis: a pele e a carne nos expõem ao olhar alheio, mas também ao contato e à violência, e são também os corpos que nos colocam em perigo de nos tornarmos agentes e instrumentos de tudo isso. Embora lutemos pelos direitos sobre nossos próprios corpos, os corpos pelos quais lutamos nunca são nossos o suficiente. O corpo tem uma dimensão invariavelmente pública. Constituído na esfera pública como fenômeno social, meu corpo é e não é meu (tradução livre).

² Essa discussão encontramos na *Trocha 5*, onde o Trabalho é foco de problematização.

e aprendizagem, quando a língua passa a ser obstáculo para auxiliar os(as) filhos(as) nas tarefas da escola - tarefa essa que ainda está atrelada à mãe/mulher³; e as vulnerabilidades que a própria condição de ser criança já apresenta, que se intensificam quando falamos em uma criança-migrante e, ainda mais, uma criança-migrante em pandemia. É sobre esta vulnerabilidade que este texto trata.

Embora Judith Butler tenha como foco compreender e problematizar as violências estatais a partir do atentado aos Estados Unidos, interessa-nos a dimensão ética que a autora apresenta: uma ética da não violência na relação com outro. Uma alteridade que se constitui em reconhecer a precariedade que nos constitui enquanto pessoas. "El Otro se dirige a nosotros por medio del lenguaje. Dicho lenguaje comunica la precariedad de la vida, estableciendo la tensión que define una ética de la no violencia"⁴ (Judith Butler, 2006, p. 175).

Pensar a partir dessa dimensão a relação com o percurso de uma criança-migrante, é - em nossa proposta rizomática - visibilizar as linhas que compõem esse encontro. Quando afirmamos que talvez não há como pensar, a partir de agora, em uma criança-migrante destituída da criança-vulnerável e da criança-família, afirmamos que vulnerabilidade e família operam enquanto espaço estriado: "[...] no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinados aos pontos: vai-se de um a outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto (p. 197). [...] O que cobre o espaço estriado [...] [são] as medidas, e as qualidades visuais mensurárveis" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b, p. 198).

Família e vulnerabilidade - aquelas apresentadas nos materiais de domínio público: iniciamos com a linha da família. À família cabe o cuidado, o zelo, a manutenção dos direitos garantidos pelo Estado. No percurso migratório desta pesquisa, mulheres e crianças migraram posteriormente aos homens. A garantia de *unir a família*, prevista tanto em leis brasileiras quanto em acordos internacionais - nem sempre cumpridos -, permitiu que as crianças, em solo brasileiro, fizessem seus percursos seguras. No entanto, o percurso realizado até a *fronteira*, nem sempre foi assim.

Importante atentar que as legislações geralmente reforçam um determinado "modelo de família - nuclear, burguesa - que é geográfica e historicamente datada e que não se difundiu de forma homogênea, apesar de, discursivamente, constituir-se como hegemônica" (Betina Hillesheim, Lílian Rodrigues da Cruz e Vera Elenei da Costa Somavilla, 2010, p. 245). No percurso da tese encontramos muitos desse modelo: pai, mãe e filhos(as).

A condição precária se acentua quando o assunto é migrar. Quando escutamos do

³ Na Trocha 6 a escola e a educação são pontos de análise.

⁴ O Outro se dirige a nós através da linguagem. Essa linguagem comunica a precariedade da vida, estabelecendo a tensão que define uma ética da não violência (tradução livre).

menino-pássaro que Nicolás Maduro⁵ interrompe o consumo de energia, restringe acesso a alimentos, fecha supermercados, talvez compreendamos a hipótese que Judith Butler (2006) aponta de que estamos vivenciando um surgimento contemporâneo da soberania. Seus pais, para o proteger, escolhem migrar. No entanto, não é a família, em sua constituição *modelo nuclear*, que migra: o pai migra primeiro, posteriormente a mãe (ou alguma mulher) com as crianças. O pai (homem) em busca de trabalho; a mãe, para proteger e cuidar. Vemos minorar (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2017) a criança e a mulher. Devir-criança e devir-mulher se encontram enquanto potência de sobrevivência. No entanto, segue-se estabelecendo uma família estriada, configurada nas forças instituídas: aquelas que dizem do trabalho ao homem e do cuidado à mulher.

Ao tensionar as diferenças que Michel Foucault e Giorgio Agamben sustentam quando discutem os modelos de governamento, a autora se direciona a afirmar que

La versión contemporánea de la soberanía se relaciona con el ejercicio efectivo de su propio poder, con la afirmación de sí misma como poder soberano. Podemos leer los trazos de esta soberanía en las decisiones por las que un oficial "evalúa" que un determinado prisionero merece ser detenido indefinidamente, o en las decisiones por las cuales el Poder Ejecutivo "evalúa" que un determinado prisionero es digno de juicio, o en las decisiones por las cuales el presidente determina la culpa o la inocencia final, y si debe aplicarse la pena de muerte⁶ (Judith Butler, 2006, p. 125).

Ao restringir - ou até mesmo negar - a população ao acesso a condições mínimas de existência, *fazendo morrer*, Nicolás Maduro produz um efeito de movimentação na população em busca de sobrevivência - como apontado na memória de abertura desta escrita. Além das políticas internas, há ainda o embargo econômico de potências capitalistas. Há uma conjuntura interna e externa que intensifica a saída das pessoas do país, sendo o Brasil um dos destinos. Nesse percurso de saída, a precariedade apontada por Judith Butler se apresenta, talvez, na forma mais *crua*: muitos saem simplesmente. Saem em caminhada, rumo a alguma fronteira que os acolha. Não é um ataque terrorista, como a autora vivencia em seu país, mas é um ataque à condição de existência: duas formas de governamento sustentadas na mesma racionalidade.

⁵ Nicolás Maduro é um político venezuelano que assumiu a presidência da República Bolivariana da Venezuela de 2012 a 2018. Em 2012 era vice-presidente e em decorrência de uma grave enfermidade do presidente Hugo Chavéz, assumiu a presidência. Em 2018 foi reeleito, num pleito controverso e não reconhecido pela oposição e pela comunidade internacional, com muitos países e órgãos supranacionais não admitindo mais sua legitimidade como presidente. Maduro governa a Venezuela por decreto, com poderes especiais, desde novembro de 2013. Sua presidência é marcada pelo declínio socioeconômico venezuelano, com acentuado crescimento da pobreza, inflação, criminalidade e fome.

⁶ A versão contemporânea da soberania está relacionada ao exercício efetivo de seu próprio poder, com a afirmação de si mesma como poder soberano. Podemos ler os traços dessa soberania nas decisões pelas quais um oficial "avalia" que determinado preso merece ser detido indefinidamente, ou nas decisões pelas quais o Poder Executivo "avalia" que determinado preso é digno de julgamento, ou nas decisões pelas quais o presidente determina a culpa ou inocência final, e se a pena de morte deve ser aplicada (tradução livre).

A mãe do Juan ficou muito tempo longe dele e da mana dele. Eu não sei quanto tempo isso é, mas ele falou 2 anos. Como falou que eram anos, acho que é muito, porque quando faço aniversário, sempre demora muito para chegar o próximo. Ele me contou que ela caminhou muito, mas muito mesmo para chegar aqui onde moramos. Falou em 3 meses.

(Menino-pássaro)

O Renel me disse que a mãe dele brigou com um bicho. Um bicho muito grande. Ela caminhava com ele - só os dois - e pediu para ele se proteger numa valeta, e ela brigou. Se machucou. Mas conseguiram seguir a trocha e logo logo chegaram na fronteira. Sabe que até hoje ainda não entendi o que é fronteira. Acho que é onde cuidam de quem se machuca, porque o Renel me disse que lá ela foi cuidada.

(Menino-pássaro)

As histórias mais intensas e difíceis foram contadas pelas mulheres. Vulnerabilidade que se cola não somente à criança, mas à mãe-mulher também. Família que tenta ocupar um lugar de espaço liso, mas não consegue. Resvala. O devir-migração que poderia possibilitar também uma outra inserção nas relações de gênero e com a infância, se mantém, ou até mesmo se intensifica. À mulher mãe-mulher, agora, inclusive, foi destituída sua condição de trabalho. À criança, uma *carga* de que é *por ela, por seu futuro, que migramos* (Memórias roubadas). Os homens nas histórias escutadas, assim que conseguiam as vagas de trabalho pela Operação Acolhida - se deslocavam à cidade. Já as mulheres, estas necessitavam *juntar* dinheiro para pagar as passagens suas e dos(as) filhos(as).

No entanto, a fronteira que tanto produz distanciamento, que opera como um espaço estriado, de captura, de distanciamento e de restrições, para a população venezuelana se coloca como possibilidade de espaço liso, um espaço de *menor desvio* "[...] É um espaço de contato, de pequenas ações de contato, táctil ou manual, mais do que visual" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b, p. 40). Um espaço ético - na proposta de Judith Butler - onde a alteridade se coloca como possibilidade de existência. Uma fronteira que por alguns momentos os(as) fazem acreditar que outros modos de governamento possam operar. Uma passagem, mas não somente passagem; também uma barreira a uma vida que não é digna de ser vivida.

Ao mesmo tempo que se discute e se defende a derrubada das fronteiras entre Estados-Nação, para alguns povos é a transposição delas que permite uma vida menos violenta. Talvez a questão não se coloque nas fronteiras, mas nas soberanias que têm emergido (Judith Butler, 2006). A fronteira talvez seja o lugar onde os elementos soberanos ganham maior visibilidade e intensidade. A fronteira talvez seja a materialidade da soberania. Desse modo, para além do rompimento da fronteira, há a necessidade de sua reconstrução. Ela opera em uma dupla captura: de barreira e de esperança/acolhimento. Uma barreira tem muitos lados. Dois deles talvez possam ser estes.

Handerson Joseph (2021), ao trazer uma ideia de mundo pós-fronteiriço, talvez esteja visibilizando uma linha de fuga: sair dos limites estatais para compor outros modos de *habitar* a fronteira; um devir-migratório. Embora no Brasil não haja separação das crianças de seus familiares, sabemos que há fronteiras onde isso ocorre. No Brasil, em alguns momentos, se

separa o pai-homem da mulher-mãe/filhos(as). Com algum familiar a criança permanece. Histórias já têm sido narradas, apontando que muitas crianças não encontram seus pais. 'Fronteiras de destino' que têm respondido de uma forma militarizada - com agressividade, enfrentamento bélico, com xenofobia -, reforçando inclusive a soberania que o país de origem também opera. As fronteiras do Brasil, com a chegada do vírus, se compuseram deste modo: armadas, fechadas, limitadas, mas também acolhedoras, com brechas⁷.

Estado puede poner al servicio de constreñir y delimitar una población dada. El Estado no está sujeto al estado de derecho, pero la ley puede suspenderse o desplegarse táctica y parcialmente para cumplir con los requisitos de un Estado que busca cada vez más dotar de un poder soberano al Ejecutivo y a la administración. La ley se suspende en nombre de la "soberanía" de la nación - entendida como la obligación de cualquier Estado de preservar y proteger su propia territorialidad⁸ (Judith Butler, 2006, p. 85).

A lei que acolhe faz rizoma com a lei que repele. Co-habitam dois modos de acolhimento ao(à) migrante: a primeira - Lei das Migrações (Brasil, 2017) - mesmo citando somente em três momentos a criança, sendo dois deles remetendo à responsabilidade de adultos e do Estado na entrada em solo brasileiro (artigos quadragésimo e septuagésimo); e o outro falando em *proteção integral* (artigo terceiro), opera enquanto produtora da garantia dos direitos mínimos. De certo modo, Estado e família ocupam a mesma responsabilidade e se complementam: caso um *falhar*, o outro assume. Ao Estado "consiste em estriar o espaço, contra tudo o que ameaça transbordá-lo" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b, p. 64). Ou, como diria Michel Foucault (2006b) a função da família também "é o ponto zero [...] em que os diferentes sistemas disciplinares vão prender-se uns aos outros. Ela é o ponto de intercâmbio, de junção que garante a passagem de um sistema disciplinar ao outro, de um dispositivo a outro" (p. 101). Ou seja, a família, independente do modelo de governamento, tem sua função. Ela interessa ao Estado.

Quando afirmamos que há uma lei que repele, é porque somente pela força de uma questão humanitária que as fronteiras não se fecharam. A Lei 13.684, de 21 de junho de 2018, "dispõe sobre medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária" (Brasil, 2018, texto virtual). Vulnerabilidade passa a ser o fio condutor das ações:

⁷ Desde março de 2020 inúmeras Portarias foram dispostas e revogadas, de acordo com a situação sanitária do Brasil. Estas Portarias foram emitidas, em quase sua grande maioria, interministerialmente, conforme a demanda que se colocava (questões de saúde, educação, transportes de carga, controle de fronteiras). Em 10 de julho de 2021, momento da escrita da tese, a Portaria que está em vigor é a de Nº 655, de 23 de junho de 2021, que "dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa", emitida pelos Ministros de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, da Justiça e Seguraça Pública e da Saúde.

⁸ O Estado pode colocar a serviço de restringir e delimitar uma dada população. O Estado não está sujeito ao Estado de Direito, mas a lei pode ser suspensa ou implantada taticamente e parcialmente para atender às exigências de um Estado que busca cada vez mais dotar o Executivo e a administração de poder soberano. A lei é suspensa em nome da "soberania" da nação - entendida como a obrigação de qualquer Estado de preservar e proteger sua própria territorialidade.

Art. 3º Para os fins do disposto nesta Lei, considera-se:

- l situação de vulnerabilidade: condição emergencial e urgente que evidencie a fragilidade da pessoa no âmbito da proteção social, decorrente de fluxo migratório desordenado provocado por crise humanitária;
- II proteção social: conjunto de políticas públicas estruturadas para prevenir e remediar situações de vulnerabilidade social e de risco pessoal que impliquem violação dos direitos humanos; e

III - crise humanitária: situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de conflito armado, de calamidade de grande proporção, de desastre ambiental ou de grave e generalizada violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário que cause fluxo migratório desordenado em direção a região do território nacional.

Parágrafo único. A situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária, no território nacional, será reconhecida por ato do Presidente da República.

(Brasil, 2018, texto digital - grifos nossos)

A Presidência da República brasileira reconhece a situação de vulnerabilidade. Reconhece e movimenta ações pela Operação Acolhida.

Art. 5º As medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária visam à ampliação das políticas de:

I - proteção social;

II - atenção à saúde;

III - oferta de atividades educacionais;

IV - formação e qualificação profissional;

V - garantia dos direitos humanos:

VI - proteção dos direitos das mulheres, das crianças, dos adolescentes, dos idosos, das pessoas com deficiência, da população indígena, das comunidades tradicionais atingidas e de outros grupos sociais vulneráveis;

VII - oferta de infraestrutura e saneamento;

VIII - segurança pública e fortalecimento do controle de fronteiras;

IX - logística e distribuição de insumos; e

X - mobilidade, contemplados a distribuição e a interiorização no território nacional, o repatriamento e o reassentamento das pessoas mencionadas no caput deste artigo.

(Brasil, 2018, texto digital - grifos nossos)

Saúde a todos(as), educação às crianças e adolescentes, proteção aos que *minoram* (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2017) e qualificação profissional, talvez, indiretamente, àqueles que não são nomeados, mas que as estatísticas e os números têm nos mostrado: os homens. Retomamos à Judith Butler (2006) quando ela sugere, como já apontamos, que existem maneiras de distribuir vulnerabilidade, sendo que algumas pessoas/populações estão mais sujeitas à violação arbitrária que outras, entendemos que crianças e mulheres migrantes colocam-se duplamente nessa condição: como migrantes e como *minoria*.

Uma arbitrariedade que também passa pelo corpo. O menino-pássaro somente conseguiu migrar porque se acoplou ao corpo de sua mãe.

Normalmente viajam mais homens... [pausa] ... e mulher e ... São poucas as pessoas que se atrevem a viajar com crianças. Nesse momento menino-pássaro tomava teta. Ele com teta e frutas podia viajar quanto tempo queria. Com tetas, frutas e fraldas descartáveis. Ele sempre foi muito guerreiro nesse aspecto de viagens, de transição.

Esse processo migratório não me permitiu tirar a teta dele. Porque essa foi minha arma, para ele poder se acostumar a muitas coisas... na viagem, na casa da minha irmã... na fronteira...

(Mãe do Menino-pássaro)

Um corpo que tem uma dimensão pública, que supõe mortalidade, que se coloca em perigo, que está em contato com a violência (Judith Butler, 2006). Enquanto fenômeno social, o corpo da mãe do menino-pássaro não colocou somente *sua* vulnerabilidade em evidência - e do menino-pássaro, pois estavam acoplados -, mas também de um grupo que minora: as mulheres e as crianças migrantes. Um migrante-menor, que desterritorializa o processo migratório, e que anuncia um caráter político e coletivo (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2017).

Judith Butler (2015b) aponta que muitos(as) ainda recusam a ideia da vulnerabilidade, considerando que não é bom se sentir nesta situação. No entanto, ela também opera numa ideia de resistência, pois quando a superamos, nos sentimos mais fortes. Para a autora, ao falarmos na ideia de vulnerabilidade, podemos estar "pensando em uma espécie de Estado protetor paternalista que estrutura a nossa forma de agir ou de pensar. Temos resistência à vulnerabilidade que pode ser tanto política como psicológica" (texto digital). Contudo, ela considera a vulnerabilidade como parte da resistência, pois agimos e respondemos e esta manifesta que fomos afetados(as) por algo. "O ponto de resistência não seria superar a vulnerabilidade e fazer parte da massa, como um sujeito-massa; essa seria uma ideia muito masculina" (texto digital).

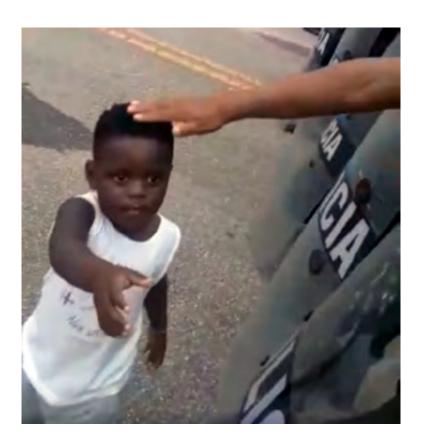
Nós temos que conservar, justamente, essa possibilidade de continuar sentindo as coisas para poder superar o pensamento. Se uma pessoa fala de vulnerabilidade ou precariedade e isso estiver associado aos sentimentos de minorias, provoca certa resistência a pensar dessa maneira. Mas se a pessoa assume os processos de vulnerabilidade e volta a ter poder sobre isso, é outra forma de lidar com o problema. Se podemos ver que em alguns momentos em que as pessoas põem o corpo, por exemplo, em cercas, põem o corpo na linha, estar na frente, é porque deixa de lado essa concepção paternalista masculina sobre o corpo e o poder (Judith Butler, 2015b, texto digital)

O que *salva* a mãe e o menino-pássaro da fronteira não é seu currículo de nove anos como engenheira na Venezuela. Foi a *teta*. Um signo da mulher, do feminino, da proteção, da garantia de necessidades básicas ao seu filho. Devir-mulher-mãe. O que *salvou* o pai, foi a possibilidade de trabalho. As vagas de trabalho, em sua grande maioria, são para os homens. Eles que direcionam o percurso do caminho em solo brasileiro. Eles fazem as mulheres e crianças se movimentarem, seja junto a eles - raramente -, seja posteriormente, através das estratégias estabelecidas entre entes governamentais nacionais e organismos internacionais, ou de modo privado - na maior parte dos casos. Os trajetos percorridos pelas

famílias pesquisadas nos mostram isso.

Uma vulnerabilidade-potência que enfrenta os desafios que as fronteiras colocam. Essa é a vulnerabilidade que moveu muitas mães e crianças nas *trochas*: brigas com animais, partos no meio do percurso, escassez de alimentos. E onde desejavam chegar? Na fronteira. Nossa paradigmática fronteira. Que se fecha durante a pandemia, mas que tem brechas, que se abre e quando transposta, acolhe. Acolhimento que foi reconhecido por todos(as) migrantes entrevistados(as). Acolhimento reconhecido nas políticas públicas de assistência social e educação - que tem a mulher, muitas vezes, como central em sua articulação. E tensionado quando o assunto é trabalho: as empresas não cumprem o prometido⁹ - inclusive *transportando* somente o homem à cidade de destino, e não a família. Importante, talvez, atentar, que a articulação que se estabelece com o trabalho é na esfera privada, e não pública - como na saúde, educação e assistência social.

Nessas possibilidades de um encontro ético com a fronteira, o menino-pássaro, ao chegar no Brasil, vivenciou uma cena com um menino haitiano:



Fonte: Migramundo, divulgação, 2021.

Enquanto os policiais impediam os migrantes haitianos de cruzarem a fronteira, usando as forças estatais, o menino distribuía apertos de mãos e abraços aos policiais. Uma das cenas mais profundas das/nas fronteiras nesses últimos tempos, no seu gesto, desprovido da securitização das fronteiras, lá estava uma fronteira afetuosa possível, aquela de

⁹ Como já mencionado, na Trocha 5 o trabalho é foco de discussão.

união enquanto humanos, independente das nossas diferenças étnico-raciais, nacionais, linguísticas, religiosas etc.

No gesto do menino negro migrante espelha-se a fronteira da paz, do amor, da compaixão pelo outro. Por vezes os órgãos nacionais e internacionais pregam a paz e a união, mas na prática exercem suas forças destruidoras mais do que as forças humanas e afetuosas para a gestão das fronteiras e das mobilidades das pessoas. (Handerson Joseph, 23 de fevereiro de 2021¹⁰)

O menino opera um encontro ético, não violento. Talvez o menino-pássaro possa ensinar, como deseja Handerson Joseph, ao anunciar um devir-criança enquanto possibilidade para transposição das fronteiras, a como *transpô-las*. O menino-pássaro voa, voa livremente. São as correntes de ar que o levam para cima, para baixo; ou para norte, sul, leste e oeste. Ao voar, o menino pássaro não vê fronteiras, não identifica limites, não sabe onde começa aquilo que as pessoas, os povos, ao longo do tempo, foram construindo enquanto limites para a constituição dos Estados-Nação. "Não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte" (Gilles Deleuze, 1988/1989, digital).

Ao desterritorializar a fronteira com sua mãe, o menino-pássaro se territorializa na potência da infância. Aquilo que dizem sobre ele - sua inocência, seu destemor, sua vontade de descoberta - que historicamente nomeamos como infância (Phillipe Ariès, 1981; Sandra Mara Corazza, 2004a; Walter Omar Kohan, 2011), é o que possibilita sua reterritorialização em um território-ninho. Um território de segurança, aconchego e de produção de possibilidades. Um território ético, de não violência. Vemos que a segurança - típica do território da criançamigrante - segue nessa reterritorialização. Do mesmo modo que a precariedade, apontada por Judith Butler. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997; 2012a; 2012b) já nos alertavam sobre isso: a formação de um novo território não pressupõe a destituição do anterior. Um *território-ninho* que continua trazendo trabalho, família e segurança, mas de outros modos, sob novas configurações.

Nesse território-ninho o menino-pássaro percebe que com as crianças, o cuidado é *outro*. Com sua mãe e seu pai, sem ele, a reação é outra. A criança-vulnerável que fomos encontrando no percurso - que nesta escrita em específico tomamos como precariedade - constitui tanto uma linha molar - no sentido que há regramentos, condutas e modos de se relacionar com ela que estão cristalizados - quanto uma linha molecular, uma linha que desterritorializa o território instituído. A criança-vulnerável, como já mencionado, *habita* a criança-migrante. Ao trazer o amigo haitiano do menino-pássaro, enunciamos uma desterritorialização da fronteira: aquela que é *linha*, que é *traço*, que aponta armas, cassetetes, muros, arames e tantos outros signos de distanciamento, violência e segregação, se desterritorializa em uma fronteira de afeto, de afago, de devir-criança, que rabisca por cima da linha, que pinta sem respeitá-la, que transborda, que faz os policiais desatentarem à ordem, à disciplina e à rigidez que o controle exige. Tudo escapa! "[U]ma sociedade se define por suas linhas de fuga que afetam massas

¹⁰ Disponível em https://migramundo.com/por-um-mundo-pos-fronteirico/. Acesso em 26 jun 2021.

de toda natureza (mais uma vez, "massa" é uma noção molecular). Uma sociedade, mas também um agenciamento coletivo, se definem, antes de tudo, por suas pontas de desterritorialização, seus fluxos de desterritorialização" (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 158).

Talvez agora, ao encararmos essa *condição* vulnerabilidade, como anunciamos no título, possamos ter trazido alguns elementos às indagações do menino-pássaro sobre a fronteira. Não é à toa que nosso menino ficou confuso. Ela se configura em contradições, em espaços estriados, mas também lisos. Há na fronteira um devir-migrante. Sempre lembrando que "não há devir-homem, [por exemplo], porque o homem é a entidade molar por excelência, enquanto que os devires são moleculares" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p. 89). Um devir-migrante que encontra brechas, *trochas*, para escapar e se produzir e encontrar com outras formas de existência.

Trocha 8



Território IV Infâncias-migrantes.

[T]odas aquelas coisas que não têm nome e que [...] são aquelas mais pronunciadas pela infância.

(Carlos Skliar, 2018, p. 248)

Uma entrada no rizoma pela reterritorialização. É assim que *infâncias-migrantes* emergem em nosso mapa. Tal qual uma criança-migrante, ouso afirmar que infâncias-migrantes também *desejavam* ser cartografadas. Talvez um desejo não explicitado, mas *visualizado como potência*. A problemática da tese parte de construir o que se faz possível no encontro entre crianças e migrações. No entanto, em algumas passagens da escrita, já anunciamos que crianças e infâncias muito se confundem, muito se acoplam. Ora, inclusive, fazendo sinônimo. Ora, suspendendo as infâncias, por não saber o que fazer com elas. Chegou a hora de *encará-las*.

Enquanto víamos a *transformação* d'a' criança-migrante em 'uma' - durante o encontro com os materiais de domínio público - percebemos que a criança-família e a criança-vulnerável desterritorializam-se e, ao acoplarem à criança-migrante, reterritorializam-se na infância-migrante. Esse acoplamento tornou possível a emergência de *uma* criança-migrante. Devir-criança que se fez no encontro com a infância. Infância que se produz enquanto "infinita potência de recomeço" (Walter Omar Kohan, 2015, p. 217), possibilitando que nossa criança saísse da invisibilidade. Uma infância que faz uma criança-migrante ficar visível.

Nesse sentido, operamos com a perspectiva de infância não "apenas a uma etapa cronológica da vida humana, mas antes que qualquer outra coisa, a essa condição que nos habita - às vezes de forma mais perceptível, às vezes quase imperceptível - desde que habitamos o mundo" (Walter Omar Kohan, 2015, p. 217). Mesmo que o autor proponha este conceito quando trabalha as relações entre infância e filosofia, entendemos que podemos *roubar*, inventar e experienciar aquilo (com) que o conceito nos afeta (Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998).

O conceito de infância, ou ainda, a ideia de infância é algo recente na história (séculos XVII-XVIII). Foi Philippe Ariès (1981) quem aproximou uma série de condições sociais e não mais somente biológicas à criança. O autor nos mostra que é a Modernidade que instaura a compreensão de um fenômeno que antes era de uma realidade biológica, para um fato cultural por excelência.

Lançar um olhar sobre as crianças, circunscrever o âmbito das experiências que lhes são próprias em cada idade, descrever os cuidados de que elas devem ser objeto, estabelecer critérios para julgar seu desenvolvimento sadio, de sua normalidade, das operações necessárias para garantir sua transformação em cidadãos úteis e ajustados à ordem social e econômica vigente tornam-se preocupações sociais relevantes apenas muito recentemente (Maria Isabel E. Bujes, 2000, p. 27).

Reside nessa mudança de postura frente à criança - agora não mais um adulto em miniatura - a condição de possibilidade de emergência de outros modos de se relacionar

com a criança. Áreas de conhecimento como Pedagogia e Psicologia, por exemplo, passam a desenvolver teorias e métodos para dar conta desse novo território que a criança ocupa, operando com outras formas de governamentalidade. Essa atenção à criança passa a ser "acompanhada de uma série de dispositivos sociais que dela se ocupam: a disciplina, a escola, o[a] professor[a], a pedagogia" (Walter Omar Kohan, 2011, p. 21).

Paulo Ghiraldelli Jr. (2001) afirma que a ideia sobre infância é rompida na era pósmoderna. Segundo o filósofo, não precisaríamos de uma concepção de infância. No momento que construímos uma 'natureza da criança', os atos normativos (leis) emergiram também e, consequentemente, a discriminação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) inclui a criança no ordenamento jurídico e, assim, na política (*pólis*). E é nessa esfera que *rachamos* com as infâncias migrantes, pois tanto Walter O. Kohan quanto Paulo Ghiraldelli Jr. nos provocam a desconstruir 'aquela' infância que carregamos: frágil, que necessita tutela, inocente. Ou, ainda, inspirado por Jean-François Lyotard, Walter O. Kohan (2015) nos incita a buscar a "infância em qualquer parte, inclusive fora da infância" (p. 223). Assim,

Há dois sentidos aqui afirmados para a infância: que ela possa estar fora da infância significa que, como começo, interrupção, estrangeiridade do pensamento, pode estar fora da idade cronológica que costumamos demarcar como infância e, também, que somos habitados pela infância para muito além de uma fase cronológica da vida (Walter Omar Kohan, 2015, p. 223).

O sentimento de fragilidade e de cuidado emergem de uma concepção de infância construída na Modernidade, como já afirmamos. Nesse sentido tomar "a infância como uma noção datada geográfica e historicamente - e não uma etapa natural da vida - implica em trazer para o debate questões relativas à família, aos vínculos mães/pais/filhos/filhas, à escola, à maternidade/paternidade, às formas de criação de filhos, etc" (Lílian Rodrigues da Cruz, Betina Hillesheim e Neuza M. F. Guareschi, 2005, p. 42). Logo, cartografar as crianças migrantes não remete somente ao encontro com as crianças, mas com seu contexto, com suas relações e, diríamos ainda, com as infâncias que constituem esses 'outros(as)' que se relacionam com as crianças migrantes. São planos de infâncias que se constroem. Ou, ainda, um território infância-migrante. Nosso menino-pássaro, sua família e amigos(as) podem nos auxiliar a compreender esse plano.

Nosso motor é nosso filho. Com criança você precisa pensar dez vezes antes de mover-se. (Mãe do menino-pássaro)

Nas crianças *materializamos* a infância. É assim que também construímos socialmente este lugar. Costumamos escutar, direcionado ao adulto, por exemplo, *fulano não teve infância*. Este enunciado carrega o que Philippe Ariès (1981), Sandra M. Corazza (2004a) e Walter O. Kohan (2011; 2015) nos mostram ao olhar para a *história da criança*: a emergência de

sentimentos, de características que passam a ser direcionadas às crianças, para diferenciálas dos adultos. Mas uma diferenciação não somente no âmbito biológico, mas social. Sendo assim, inserimos a criança na pólis, operando a partir desse *nascimento* como uma nova configuração do social - fazendo, inclusive, com que a escola seja criada.

La infancia es o más hermozo que podremos ter en la vida. Es inocencia. Esse mundo maravilhoso que nós vivimos quando estamos en la infancia, lo solo apreciamos quando somos velhos. Quando tenemos responsabilidades. Quando tenemos que trabalhar. Nós apreciamos a infância nesse momento. E daí nos damos conta do maravilhoso que pode ser la infancia. Porque és inocência, e inocência no recuperas más.

(Memórias roubadas... um pouco espanhol, um pouco português)

[...]

[Pausa, suspiro] Olha.. a infância é o negócio mais bonita que a pessoa tem. Eu falo para meus filhos: "Não cresçam! Fiquem pequenos. Vocês não sabem... ".

(Tia do menino-pássaro)

Nesse processo, *nasce*, também, um lugar da proteção e da segurança, estas que nosso menino carrega - como apontamos em vários momentos do rizoma - em seu percurso migratório. Um lugar que reiteradamente apareceu no percurso da tese. Um lugar que subjetiva o menino-pássaro.

Porque temos que nos cuidar. E mais que tudo, temos que cuidar dele [menino-pássaro]. El é más pequeño. Esse churrasco, essas festas, eles fazem [amigos brasileiros e venezuelanos]. Mas nós não fazemos. Porque nós decidimos estar apartados. (Mãe do menino-pássaro)

Se tomarmos a infância como uma instituição (René Lourau, 2014), as várias faces que ela carrega historicamente podem emergir quando nos relacionamos com ela. A inocência é uma delas. Mesmo que a tomamos ou definimos a partir de uma conceituação, a partir de determinadas características, nada impede que sua história institucional emerja. Isto é, as composições que a infância foi formando ao longo da história, podem se manifestar. Aproximando essa proposta às linhas de composição do rizoma, podemos afirmar que tanto a infância cheia de regras e modos de existir - uma moral da infância - quanto uma infância-potência - talvez como ética - estarão coexistindo e constituindo ora espaços estriados, ora lisos (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2012b; Sandra Mara Corazza, 2004b). Esses sentimentos muitas vezes são expressos pelas famílias migrantes, ao buscarem uma infância igual à sua aos seus(suas) filhos(as). Mas também, buscando outras infâncias.

Decidimos vir para cá para que elas pudessem viver uma infância mais tranquila, mais parecida com a que nós vivemos de repente... a gente brincava na rua, andava de bicicleta, fazia coisas que nesse tempo já não dava para fazer. E eu achei que em [cidade atual de residência] sim, dava para viver todas essas coisas lindas, sem viver

fechado, em um lugar que só se tinha notícias ruins e conhecendo o mundo através da TV.

(Memórias roubadas)

[...]

E mais que tudo, nosso menino-pássaro está aprendendo, está avançando. E estamos dando oportunidade para ele de muitas coisas. Coisas que lá na Venezuela ela jamais teria conhecido. Por exemplo, uma pera. Não teria conhecido a uva. Não teria conhecido o morango. São frutas que aqui você pode dar a ele tranquilamente, porque dá para comprar. Lá na Venezuela não que você não vê, mas não tem para comprar a fruta. Não que não exista. São coisas que lá na Venezuela não teria conhecido. Lá na Venezuela não teria o leite fermentado... como vocês dizem... iogurte. Líquido. Pastoso. Ele gosta de tomar iogurte. Ele gosta de frutas. Aqui em casa, agora, nós temos mata de uva. Ele comeu uva até não poder mais. Aqui temos mata de goiaba, ele gosta também. Mata de carambola. Mata de tangerina. Mata de laranja. Lá na Venezuela só teríamos mata de goiaba. São essas coisas... ele gosta de comer de tudo. Tudo o que você der para ele, ele vai comer.

(Mãe do menino-pássaro)

Assim, ao dizer que o menino é o *motor*, que a infância é *inocência*, e que há uma infância a ser *copiada*, ou um infância a ser *descoberta*, sua *existência* enquanto criança - que talvez materialize o sentimento de infância - faz a família pensar e ponderar sobre o ato de migrar, anunciado um devir-infância que opera enquanto elemento importante no processo migratório. Talvez, inclusive, como elemento de cuidado à família. Devir-infância passa a constituir não somente uma criança - quando falamos que família e vulnerabilidade a constituem -, mas um adulto também. Uma infância fora da infância.

Paulo Ghiraldelli Jr (2001), ao desconstruir a noção de infância, apresenta *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi, como metáfora para seus argumentos e, em um dado momento, afirma que "a cidade e a escola, então, são responsáveis pela parte mais decisiva da construção da infância, [...] elas formam um campo aberto de possibilidades históricas; [...] nelas, a infância pode ocorrer, mas não necessariamente ocorrerá" (p. 25).

Na verdade os colegas já vinham buscar elas em casa. Eles esperavam elas na porta, acompanhavam elas, levavam as coisas. Eles observavam o jeito que elas comiam, como pegavam um copo, como pegavam uma caneta. Essas coisas... Mas eles também acompanhavam na entrada e na saída da escola. E isto foi por muito tempo. (Memórias roubadas)

Na história de Pinóquio, quando a busca pela construção do *menino de verdade* se constitui como a trama da história, a escola e a cidade não colocam isso como imperativo. Conforme nos aponta Paulo Ghiraldelli Jr (2001), "[p]or um acordo histórico e cultural a cidade em que vive Gepeto reserva para as crianças um espaço, isto é, mais um *direito da infância*, pouco se importando, para tal, em perguntar aos seus sábios locais ou estrangeiros o que é, *verdadeira e objetivamente*, um "menino de verdade" (p. 27). E pensamos que é, com esse argumento, que o autor provoca a dizer que na pós-modernidade não há mais a necessidade

de construirmos um conceito de infância, pois ao construirmos este conceito, ao construirmos "verdades teóricas sobre a infância" (p. 27), caímos no risco de algumas crianças não acessarem seus direitos, ou, como diz o autor "abrir caminho para que muitos bonecos de pau não usufruam desses direitos" (p. 27). "Se cairmos na tentação de padres, metafísicos e cientistas de fundamentar os direitos das crianças a partir da verdade sobre o que é o menino de verdade, talvez a maior parte das crianças fique de fora nas nossas conversas e, pior, dos nossos cuidados e preocupações" (p. 27).

Não é por acaso que recorremos à Filosofia para nos auxiliar nesta problematização. Inspiradas em Gilles Deleuze já dizíamos que não somos filósofas, mas emprestamos deles a necessidade de criar uma saída para outros modos de produção e enunciação das infâncias-migrantes. Anunciamos no início uma reterritorialização do encontro das crianças com as migrações em uma infância-migrante. Ou seja, desterritorializações tanto no campo-crianças como no campo-migrações tiveram que ocorrer.

Essas desterritorializações dizem de lugares *não esperados* que as crianças experienciam, como, por exemplo, o discurso sobre política que escutamos nas oficinas realizadas na Avesol¹: crianças de 6, 7 ou 8 anos descrevendo a situação na qual a Venezuela se encontra com uma propriedade de detalhes e análises, que ousamos dizer que muito adulto brasileiro não saberia fazer. Essa criança, no modo como foi se constituindo como criança, chega ao final da explicação e diz: *Acho que vamos mudar de assunto. Política não é coisa de criança*. É justamente no seu encontro com a migração, que a política surge. Não é só a política - *polis* - que entra na cena; entra na cena a *infância*, esta que só consegue nascer no momento em que o *sentimento de infância* encontrou a criança na *pólis*. Como Paulo Ghiraldelli Jr. já anunciava: escola e cidade como decisivas na construção da infância. Política é sim *coisa de criança*.

Conseguimos produzir a visibilidade de uma criança-migrante, na busca que tanto realizamos por ela quando cartografamos os materiais de domínio público, no momento em que *encontramos* infâncias se produzindo na relação com elas. No momento em que sua potência - aquela que nomeamos de *ética* - entra em cena, é possível iniciar uma visibilidade de, por exemplo, políticas públicas voltadas a uma criança-migrante e não mais a criança invisível, que se *imaginava* existir quando líamos as ações voltadas às famílias. Entendíamos que as crianças também estariam amparadas por aquelas legislações. Invisibilidades que abriam brechas para, de certo modo, cada município que acolheu aos(às) migrantes tomassem medidas diferentes nesse processo. Há narrativas das mais diversas nos relatórios produzidos pelos estados brasileiros: de práticas violentas e práticas de acolhimento e inclusão. Ou ainda, relatos que não existem, pois nem sequer números sobre as crianças encontramos².

Assim, construir infâncias - no plural - que extrapolem o imperativo legal, é colocarse no plano da pesquisa em constante desconstrução. É acolher o(a) migrante perguntando sobre seus hábitos e costumes. É acolher o migrante inserindo seus hábitos culinários ao plano

¹ Ver nota de rodapé número 8, Caminho I. Um início.

² Sobre o governamento da invisibilidade, ver Trocha 5. Uma chegada. Trabalho.

alimentar da escola. É não fazer a distinção 'nós' e 'eles', que muito escutei nos lugares que circulei. *As nossas*, como escutei em um certo momento, não podem ser somente as crianças brasileiras. *As nossas* precisam ser a referência a 'qualquer' criança que esteja em residência na paisagem brasileira, como nos assinalam Gabriela da Silva Bulla, Rodrigo Lages e Silva, Júlia de Campos Lucena e Leandro Paz da Silva, (2017), quando reforçam a importância da *educação plurilíngue* (p. 11). Os(as) autores(as) discutem principalmente quanto à língua e à formação de professores(as); no entanto, reforçamos essa postura a qualquer formação que tenha contato com migrantes.

Eu digo que tudo começa na cultura. A cultura. Quando a criança é criança já vem em uma desigualdade cultural. Cultura não só o que recebe em casa, mas o que oferece o país.

(Mãe do menino-pássaro)

[...]

Com certeza no momento que sentiram que tinham muitos colegas que queriam estar junto para escutar falar, para ver... elas eram importadas... imagina. Elas eram importadas! Então, vamos ver como é que é. Eu imagino ... eu não estava lá, mas aquela curiosidade de saber como falam, como vestem, como brincam, se conhecem as brincadeiras... chocolate, sei lá, essas coisas que deveriam falar e perguntar para elas. Por sorte, coisas ruins não aconteceram. Não sofreram bullying. Imagino que alguma vez sim, mas não no primeiro dia, que é tão marcante. Sempre alguma coisa alguém fala ou brinca, que fosse brasileiro. Mas, enfim, passaram essa barreira, digamos. (Tia do menino-pássaro)

A potência da infância auxilia os pais a também se adaptar e a *esperançar*. Uma mãe que tinha medo que suas crianças sofressem *bullying*, que se preocupava com o primeiro dia da escola - sempre tão marcante - e que na experiência dos(as) filhos(as) também abre-se a viver a migração de outro modo, principalmente, por muitas vezes serem elas, as crianças, o *motor* da saída do país de nascimento.

De fato, quando somos adultos, não fazemos outra coisa que tentar regressar à infância, o que é impossível. Porque a infância, a nossa e a do mundo, a da humanidade em geral e a do sujeito em particular, a infância como candura, ingenuidade, imaturidade e deslumbramento, já não está, não existe, se foi, dificilmente voltará, talvez nunca tenha existido (Carlos Skliar, 2018, p. 251).

A tia do menino-pássaro discorda de Carlos Skliar. Para ela, infância se configura justamente na capacidade de deslumbrar-se. Uma capacidade que ela segue carregando, talvez enquanto sua estratégia para passar pelo processo migratório. Nesse devir-infância, a tia se *sustenta*. Embora sinalize que talvez não tenha mais essa *capacidade*, sua narrativa nos apresenta um outro encontro com uma infância.

Eu tenho várias coisas dentro da minha mochila, que são custos meus. Quando são crianças, aquela.... aquela coisa boa de conhecer o diferente, de conhecer o novo, quando as pessoas são novas tem uma maior capacidade de asombro. Diante das coisas novas, esse asombro pelas coisas. Asombro em português es la misma cosa?... Asombrado aqui é outra coisa... Acho que é espanto. Isso. Espanto. Aquele asombro por dizer.... "UAUUUUU, olha aquilo ali". Quando a gente vai crescendo lamentavelmente isso vai passando. Eu tentei que não fosse assim, nem de grande com meu menino. Fico feliz quando ele me chama e diz "mãe, olha a lua!". Entendeu? Porque não é "olha a lua que tem", mas [faz expressões para demonstrar ... expressões de asombro]. Eu me sinto feliz, porque eu ainda ... eu consegui passar aquilo que eu queria, de não perder essa capacidade de asombro. De poder enxergar as coisas simples, que são boas. (Tia do menino-pássaro)

Walter Omar Kohan (2015) já anunciava que a infância "é uma forma de tempo sensível" (p. 225), que ela "nomeia algo que 'já é', mas sem ser ainda 'algo', uma espécie de espanto que introduz no mundo do humano uma forma do unumano que ainda não pode ser identificada; a infância é o nome de um milagre, o da interrupção do ser das coisas pela entrada de seu outro, do outro do ser" (p. 224-5). Uma infância-migrante talvez nos apresenta uma dupla interrupção: tanto pela própria infância quanto do(a) migrantelmigração, que também carrega, como uma infância, pluripossibilidades de existência: refugiado(a), migrante, imigrante, emigrante, apátrida, etrangeiro(a)...

Ou, como a mãe do menino-pássaro, que com a *mata* de uva nos traz uma metáfora para pensar as mudanças dos percursos. Talvez, nessa narrativa [que na entrevista foi de muita emoção], ao olhar para as diferenças na natureza, e compartilhar com sua mãe e seu pai - com que geralmente compartilhamos as descobertas quando criança -, ela deixa a potência da infância significar seu processo migratório, possibilitando a entrada desse *outro*, que é diferente, que causa *asombro*. Podemos brincar com as palavras: *asombro* e assombro. Causa espanto - positivo - em espanhol; e causa terror - negativo - em português. Uma infância que permite *as[s]ombrar* o processo migratório. Hannah Arendt já nos apontava que *uma infância* nomeia o mundo como se fosse a primeira vez e, ainda, que nos inserimos no mundo primeiramente pelo nascimento. Pelas palavras e atos, "confirmamos o nosso segundo nascimento" (Ademilson de Sousa Soares, 2017, p. 17). Devir-infância acolhendo os adultos também.

[Um suspiro grande] Aqui no Brasil é diferente. Aqui no Rio Grande do Sul nós temos as estações. Outono, Verão, Inverno... Lá na Venezuela não. Lá na Venezuela é ou chuva ou não chuva. Lá na Venezuela tem um momento que cai chuva, chuva e chuva. E quando faz sol, faz sol, sol, sol. São as únicas estações. Aqui temos frio. Muito frio. Aqui se vê as estações. Daí estava falando para a minha mãe, que aqui é feito de maneira perfeita.... com as estações vocês vê os cambios no mundo, no entorno. Aqui em casa, não sei se você consegue ver a mata de uva lá em cima? Quando nós chegamos no ano passado, elas estavam sem folhas, porque era outono e no inverno não têm folhas. Nada. Daí eu falei com minha mãe, falei com meu pai e eles viram a mata de uva sem nada. Somente as ramas. E eles falaram para mim: "por que você não corta, tira daí?". Eu respondi: "Essa mata não é minha". Veio a primavera. Daí em duas semanas ela ficou linda. Ela estava viva e eu não sabia. Se fosse na Venezuela, eu cortava. Lá você não vê o cambio de la natureleza, aqui você vê o cambio de la naturaleza. É algo impressionante. Maravilhoso. E nós apreciamos porque nós não vemos isso na Venezuela. Você me entende?

(Mãe do menino-pássaro)

Você me entende? O que eu/nós precisamos entender? Destacamos a palavra viva, entendendo que a mata de uva foi o brinquedo que assombrou a mãe do menino-pássaro. É na infância que aprendemos a falar e a ler (Walter Omar Kohan, 2011). Num processo migratório, aprendemos a falar e ler [novamente]. É o devir-infância que tem possibilitado aos adultos com os quais cruzamos uma "[v]ida experimentada; expressão de vida; vida em movimento; vida em experiência" (p. 252). Quando reunimos as crianças, os pais e as mães, em uma das oficinas na AVESOL, para aprendermos juntos(as) os nomes das frutas e dos graus de parentesco, a inserção na língua, enquanto devir-criança - e devir-infância - possibilitou a produção da infância nela mesma e fora dela. Novos territórios, descobertas, multiplicidades. Precisamos entender que existe, sim, uma infância que se faz potência para rompimento de fronteiras. Aquilo que carregamos dela enquanto instituição - inocência, tempo livre, descoberta, multiplicidade - deseja se produzir com o processo migratório e reterritorializar outros modos de relação entre as pessoas: onde, talvez, raça, cor, gênero, dentre tantos outros marcadores sociais que hoje segregam, possam ser rabiscados, transpostos e se construir como no mapa do menino-pássaro: atravessando fronteiras, sem medo.

> [Gisele] E uma infância migrante [o que é]? [Uma mãe] La infancia migrante... [pausa] hay que preguntar al menino-pássaro [risos].

Trocha 9 Memórias de um Menino-pássaro

Eu brinco muito. Adoro meus carrinhos, minha patrola, meus jogos. Adoro quando a *abuela* está comigo e constrói estradas, barreiras e buracos para que as máquinas trabalhem. Igual acontece no trabalho da mamãe. Igual ao que o papai faz. Acho que ainda não disse: papai dirige uma patrola muito grande, mas grande mesmo. Eu chamo de patrola, mas sei que tem outro nome. Já a mamãe, a mamãe trabalha com o lápis. Ela desenha a estrada que o papai vai construir. É tudo muito grande. Como sou pequeno, a *abuela* e eu construímos estradas pequenas. Trabalhamos muito construindo nossas estradas. Ah, *la abuela me llama de niño. A mi me gusta*.

A *abuela* mora ao lado da nossa casa. Ela é muito divertida. Ela brinca muito comigo. Faz cosquinha, brinca na rua, corre atrás de mim. Quando tenho *cumpleaños* ela organiza tudo. A festa sempre é muito grande. É muito divertido!

Por que não estou indo na escola? Falaram que era por causa do corona. Será que ele é amigo do Maduro?

Hoje a mamãe fez algo que gosto muito. *Las platas*. Na verdade *las platas* sempre tinha, todos os dias. Eu não sei comer sem *platas*. Mas aqui no Brasil não tem sempre. Acho estranho. Mas aqui tem uva. Sabia que tem uma *mata* de uva na minha casa? A *abuela* nunca tinha visto uma. Nem eu.

Mamãe sempre me conta histórias. Ela e o papai leem muito. Os livros de criança são muito mais legais. Têm desenhos e são coloridos.

Também gosto demais da escola. Adoro desenhar, pintar, escrever. Sabia que estou começando a conhecer as letras? E a juntar elas também? *El coche* é grande, mas escreve pequeno. *La hormiga* é pequena, e escreve grande. Isso é divertido. Na escola a gente pode fazer muita coisa. Mas também precisamos obedecer. Mamãe sempre diz que preciso escutar o que a *profe* diz e que estudar é importante para poder ter futuro.

Tudo começou com a viagem do papai ao Brasil. Ele primeiro viajou para trabalhar um pouquinho lá. Ele ia e voltava. Ficava um tempinho lá. Não sei quanto tempo era. Era um pouco bastante. Mamãe ri quando falo que era pouco bastante. Mas eu explico: não era pouco de não sentir saudades, mas também não era muito de doer o coração. Era *pouco-bastante*. Mas chegou um dia que mamãe e papai me contaram que o papai iria de *doer o coração*, mas que quando não daria mais para aguentar o coração, mamãe e eu também

iríamos. Papai precisa trabalhar. Ele cuida de nós. Pelo que entendi, para cuidar, precisa de dinheiro. E dinheiro a gente consegue trabalhando. Não sei muito bem como é isso, mas parece importante.

Sabe o Maduro? Vocês conhecem ele, né? Então, escutei - eu estava escondido atrás da porta - que papai e mamãe estão bem preocupados com o futuro da Venezuela, mas, principalmente, comigo. Eles acham que não irão conseguir dar as frutas que eu gosto, comprar os brinquedos que quero, e dar o cuidado que preciso. É por isso que papai vai voar para o Brasil, de *doer o coração*.

Me escondi de novo atrás da porta. A *abuela* e a mamãe estão conversando. Elas acham que estou no pátio brincando. Mamãe diz que papai quer que a gente vá logo para o Brasil. Falam de novo no Maduro. Acho que ele é um monstro, porque só falam coisas ruins dele: fechou os mercados e está desligando a luz. Eu achei que desligava porque era de noite. Mas acho que não é isso.

Hoje enquanto brincava, perguntei pra abuela porque tenho tantos coleguinhas na escola que falam coisas que não entendo. Falam diferente. Juntam as letras de uma forma que não conheço. Juntam letras que também não conheço. A *abuela* parou de brincar e pediu se podia me contar uma história. Eu disse que sim e sentei no colo dela. Ela me disse que há muito tempo, mas muito tempo mesmo, as pessoas viviam diferente de como vivemos hoje. Elas nem sabiam tudo que sabemos hoje. Elas não sabiam, por exemplo, que existiam outros oceanos, outros mares, para além daqueles que os olhos viam. Elas não sabiam que tinham continentes, nem países. E nem *internet* tinha. Na verdade, a *abuela* me contou que a Venezuela, o Haiti e o Brasil que conhecemos hoje, e essa divisão que fizemos, inclusive de cidades, é algo inventado. Acho que por isso no Haiti inventaram o jeito que a Wide fala. Inventaram outras letras.

Já morei em muitas casas. Casas muito diferentes. Algumas tinham um monte de gente e mamãe e eu ficávamos no quarto. Agora a casa é legal. Só está papai, mamãe e eu. E está mais legal ainda porque a mamãe está sempre comigo. Ela não *me larga*.

As pessoas foram criando tudo isso que está no mapa. Na verdade, foram brigando. A *abuela* chamou as brigas de guerra. Mas não deixou eu perguntar muito sobre o que era a guerra. Só me disse que as pessoas se machucavam muito e que um dia eu iria saber. Até porque brigar é feio. E, ainda, que isso não era coisa de criança.

Acho que essas brigas tem a ver com a tal a fronteira. Eu ainda não entendi muito bem o que é isso. O Renel me contou que é onde cuidam das pessoas, porque quando a mãe dele brigou com um bicho bem grande, quando estavam na trocha, ela se machucou e quando chegaram

na tal da fronteira, cuidaram dela.

Hoje fui no parque com a mamãe. De máscara. Que nem um super-herói. Quem será que eu poderia ser? Um menino-pássaro?!

A *abuela* gosta de histórias. Eu também. Ela me contou que aquele mapa que tem na minha sala de aula, onde a *profe* marcou de *onde viemos* - eu, o Mohamad, o Juan, o Renel, a Aisha, a María, a Wide - mostra também as fronteiras. Aquelas linhas, aqueles traços que as vezes a *profe* pede para copiarmos, ou nos dá uma folha com a linhas já prontas, marca onde são as divisas dos países. E estou achando que aquelas linhas também têm letras e palavras diferentes. Mas eu ainda estou conhecendo elas. Então ainda não sei dizer.

Sabe as linhas? Então... uma coisa muito estranha aconteceu hoje. A *abuela* começou a chorar quando falou delas. Eu não estava entendendo. Por que o traço, a divisa, poderia fazer a *abuela* ficar tão triste? O traço é legal. Ele divide o desenho. Ele marca onde pondemos pintar de outra cor. O mapa fica lindo todo colorido. A *profe* pede para pintarmos o mapa. É muito divertido. Mas a *abuela* chorava. Chorava muito. Eu entendi que isso não era muito legal. Eu dei uma abraço bem apertado nela. Fiquei quietinho, abraçando ela. Depois de um tempinho, ela continuou. Ela me disse que *política é sim coisa de criança*. Que ela poderia me contar porque estamos no Brasil. E pediu para que eu chamasse o Mohamad, o Juan, o Renel, a Aisha, a María e a Wide. Ela já conversou com as mamães deles. Pelo jeito política é coisa séria. Para falar com as mamães, só pode ser uma coisa muito importante. Ou será que ela não gostou que brincamos de *guerrinha?*

María começou respondendo a *abuela*. Eu achei a pergunta difícil. Ela perguntou se sabíamos porque estávamos no Brasil. Eu achei que era porque papai dirigia caminhão grande. Ele é um super herói, sabe? Porque quase ninguém sabe dirigir o caminhão dele. Esse é o poder do papai.

Com a Aisha só consigo desenhar e brincar. A gente fala se olhando. Porque pela boca não conseguimos conversar. É engraçado.

Renel e María só falavam em *crise* para *abuela*. Acho que crise é quando falta alguma coisa. Quando escutei a mamãe no telefone com o papai, antes de *doer o coração*, mamãe falava que estava faltando comida e um monte de outras coisas que não lembro mais. E acho que também pode ser algo com a escola, porque eu não vou mais nela.

As *trochas* dão medo. Renel conta coisas muito feias. Eu dei um abraço nele, porque não consegui juntar as letras para falar nada. É muito assustador. Será que é isso que é política? Será que por isso não deixam as crianças falar dela? Ou isso é fronteira? Muito estranho. Eu

não entendo.

María e eu fomos os primeiros a chegar na escola. Receberam a gente do lado de fora. Pegaram nossas *muchi*, nos deram um desenho. Parecia um presente. A gente não entendia muito o que eles falavam. Mas não precisava, era só brincar.

Andei de avião. Eu e mamãe. Ela também nunca tinha andado. Fui tão alto, mas tão alto, que vi a fábrica de algodão. Mamãe disse que eram as nuvens. Mas parecia algodão. Será que é ali que os passarinhos dormem?

Juan ainda não foi para escola. Ele não pode nem sair. Eu só posso ver ele de longe. De muito longe. E ainda com máscara. Eu queria tanto ficar mais com ele, mas agora não pode. Tem o corona. Não gosto do corona. Ele não deixa a outra *abuela* vir me ver.

Papai passa o dia trabalhando. Vem para casa só quando o sol vai embora. Esses dias vi ele triste. Não falava. Foi depois de falar com a *abuela*. Mamãe pediu para eu ficar quietinho. Eu fiquei. Eu sei que às vezes a gente quer ficar assim. Mas é só brincar que logo passa. Levei minha patrola para o papai. Deixei-a ao lado dele. Se ele quisesse brincar...

Hoje eu sonhei que voava. Tinha asas bem grandes. Era lindo. Voava e era tudo colorido. Parecia meu desenho. Tinha verde, azul, amarelo, vermelho. Também tinha mata de uva, morango e goiaba. Tinha tanto gosto e cheiro gostoso. *Platas, arepas, pasticho e tequeños*. Feijão, churrasco e aipim. Tinha Mohamad, o Juan, o Renel, a Aisha, a María e a Wide. Tinha *abuela*, mamãe e papai. Tinha tanta gente. Era um arco íris de tão lindo. Eu voei muito e fui indo onde eu queria. Eu voava e me coloria. Já nem sei mais que cor eu era. Eu era um *menino-pássaro*.

Mamãe ainda não descobriu meu esconderijo. É atrás da porta. Hoje escutei isso: *Eu tive essa conversa com ele. Ele sabe que tem algo diferente. Porque ele não pode abraçar ninguém. Ele não pode estar com ninguém fisicamente. Eu acho que ele ... por telefone... está sentindo essa falta. Embora temos ensinado a ele que aqui precisa estar longe das pessoas, que não pode chegar perto, que não pode tocar. Não pode dar a mão, não pode abraçar. E ele é muito querido. Ele te abraça, te beija.. Pelas atitudes que ele tem tido, ele está imaginando que algo está acontecendo. Acho que era a abuela no telefone. Será que era de mim que elas estavam falando?*

Hoje parou um caminhão do trabalho do papai aqui. Tinha muita coisa em cima dele: armário, colchão e umas coisas que não sei o que é. Mas o mais legal de tudo, é que tinha uma caixa cheia, mas muito cheia de brinquedos. Na Venezuela eu só tinha a patrola. Agora, tenho coisas que nunca vi. Quem me ajuda a descobrir o que é?

A *profe* é muito divertida. Ela fica tentando falar minhas palavras e me ensinar as dela. Dá pra fazer coisas muito legais com as palavras, não é?

Acho que descobri o que é fronteira. É português e espanhol. É isso que fizemos com as letras: juntar elas de forma diferente. Sabe por que acho que é isso? Porque Mohamad disse para *abuela*, que quando ele cruza a fronteira, não pode mais falar português. Mas também acho que pode ser um hospital, porque o Renel falou que a mamãe dele foi cuidada nela. Engraçado isso tudo. Palavras podem ser tantas coisas. E pelo jeito a fronteira também.

